CIRCO MIRANDUS



CASSIE BEASLEY

AIN

CIRCO
MIRANDUS



CIRCO MIRANDUS



CASSIE BEASLEY

Tradução de
MARYANNE LINZ

Ilustrações de
DIANA SUDYKA

AGIR NOW

Título original: Circus Mirandus
Copyright © 2015 by Cassie Beasley
Originally published by Dial/Penguin
Published by arrangement with Pippin Properties Inc. through Rights People, London.

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela Casa dos Livros Editora LTDA. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite.

Rua Nova Jerusalém, 345 – Bonsucesso – 21042-235
Rio de Janeiro – RJ – Brasil
Tel.: (21) 3882-8200 – Fax: (21) 3882-8212/8313

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

B351c
Beasley, Cassie
Circo Mirandus / Cassie Beasley ; tradução Maryanne Linz. - 2. ed. - Rio de Janeiro : Agir Now, 2016.
288 p. : il. ; 23 cm

Tradução de: Circus Mirandus
ISBN 978.85.69514.24-4

1. Ficção americana. I. Linz, Maryanne. II. Título.

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

Para mamãe e papai. Quando era criança, vocês me disseram que eu podia fazer qualquer coisa. Não sou mais tão pequena, mas vocês continuam afirmando isso. Começo a achar que vocês realmente acreditam no que dizem. Amo vocês.

SUMÁRIO

1. Palavras
2. Como uma chaleira
3. Uma pequena faísca
4. Cartas inacreditáveis
5. A mensageira
6. A praia de Ephraim
7. Jenny Mendoza
8. A verdade, nada mais que a verdade
9. A Briga
10. Uma transação perfeitamente comum
11. Agir como um pássaro normal
12. Uma grave falha de caráter
13. Uma mudança no vento
14. O Homem Que Dobra Luz
15. A escolha de Ephraim
16. A fotografia
17. As notícias de Chinfrim
18. A Incrível Mulher-Pássaro Amazônica
19. Convites indefinidos
20. Circo Mirandus
21. O zoológico do sr. Head
22. Obviamente VIPs
23. A última apresentação da Mulher-Pássaro

24. O ilusionista
25. Um bocadinho de ajuda
26. Velhas mentiras
27. O bocadinho de Rosebud
28. Ephraim e a Mulher-Pássaro
29. A resposta errada
30. Um gorila bem grande
31. O efeito colateral
32. O que tiver que ser, será
33. Velocidadede elefante
34. Praticamente uma trapaça
35. A caminho do Arizona
36. Milagre
Agradecimentos

1

PALAVRAS



Quatro palavrinhas. Foi todo o necessário para colocar as coisas em movimento.

As palavras vieram de um quarto no andar de cima, tomado pelo farfalhar de papel e pelo fedor doce de remédio. Vieram da caneta de um velho que tossia e ofegava a cada respiração. Vieram do fim de uma carta muito importante que dizia:

Para: O Dobra-Luz
Aos cuidados de: Circo Mirandus

Preciso falar com você com urgência.
Espero que se lembre de mim, apesar de
muitos anos terem se passado desde que fui
chamado ao Circo Mirandus. É claro que
nunca me esqueci de você. Meu nome é

Ephraim Tuttle e nos conhecemos durante a guerra, quando eu ainda era criança.

Você me prometeu um milagre.

Não sei como vou fazer para que esta mensagem chegue até você. Não escutei nem um pio a respeito do circo desde que me tornei adulto. Mas você fez uma promessa, e eu acreditei por todos esses anos que, se precisasse de você, você viria.

Então, o velhinho fez uma pausa. Ele leu o que tinha escrito. Sua caneta cintilou sob a luz amarela da luminária quando acrescentou a linha final.

Preciso de você agora.

E, naquele momento, a milhares de quilômetros de distância, na barraca do Homem Que Dobra Luz, uma mensageira acordou.

2

COMO UMA CHALEIRA



Micah Tuttle sabia que a maioria das velhinhas era perfeitamente tolerável. Elas tricotavam suéteres quentinhos, assavam bolos com cobertura de chocolate e se divertiam com antigos jogos de cartas no salão da cidade. Algumas se esqueciam de colocar a dentadura, como a sra. Yolane do correio, ou cuidavam de quatorze gatos malucos, como a sra. Rochester do outro lado da rua. Mas mesmo essas duas eram basicamente bolos de chocolate e suéteres quentinhos por dentro.

A tia-avó de Micah, Gertrudis, não era.

Ele lavou uma xícara cor-de-rosa de porcelana pela terceira vez naquela tarde de domingo enquanto ela o observava por sobre o ombro. A tia estalou a língua, e o menino esfregou a xícara a ponto de ficar preocupado que as rosas pintadas pudessem desaparecer.

Por dentro, tia Gertrudis provavelmente era xarope para tosse.

Ela usava o cabelo cor de poeira preso num coque tão apertado que quase deixava lisa a pele de seu rosto enrugado, e engomava as camisas até que os colarinhos estivessem tão firmes que chegavam a ficar afiados. Preparava chá preto todos os dias numa chaleira de aço brilhante. O chá era escaldante e amargo, como ela, e tia Gertrudis não

deixava Micah colocar açúcar porque dizia que dentes ruins eram de família.

Também dizia que a falta de bom senso era de família e, meu Deus, ela queria garantir que Micah não tivesse herdado isso.

Tia Gertrudis aparecera na casa deles semanas antes, vinda lá do Arizona, para se certificar de que as coisas "continuassem nos eixos" enquanto o vovô Ephraim estava de cama. Não era para ser por muito tempo, mas o avô de Micah ficara cada vez mais doente. E tia Gertrudis, cada vez mais impossível.

— Não agrida a xícara dessa forma — repreendeu ela. — Só queria que você a lavasse direito, para variar.

A única coisa que impedia Micah de responder era saber que ela o atulharia de tarefas pelo resto do dia, em vez de deixá-lo visitar o avô. Ele não tinha sido autorizado a "importunar" o vovô Ephraim desde aquela manhã, quando ele insinuara que tinha algo importante para contar a Micah.

— Algo espetacular — sussurrara o avô. — Algo mágico.

Micah reconhecera o brilho nos olhos do vovô Ephraim. E *mágico* significava histórias do Circo Mirandus, as preferidas do menino. Mágico também queria dizer que tia Gertrudis tinha enxotado Micah do quarto antes que o avô pudesse realmente contar algo. Ela parecia achar que aquelas histórias eram exatamente o tipo de falta de bom senso que Micah podia herdar se ela não tomasse o devido cuidado.

Só mais alguns minutos até que você possa vê-lo de novo.

Ele passou a xícara para a tia da maneira mais educada que pôde e foi verificar a chaleira. Enquanto a água esquentava, a chaleira estalava como se estivesse se espreguiçando. O passarinho no topo logo começaria a assobiar. Essa era a parte favorita de Micah: o pássaro cantando. Ele sempre aguardava ansiosamente por isso.

Um filete de vapor saiu ondulando do bico prateado do pássaro. O primeiro apito fraco, quando surgiu, o lembrou dos últimos dias bons que tivera com vovô Ephraim antes de a tia Gertrudis chegar. Eles estavam construindo uma casa na árvore. Trabalharam nela todas as tardes, e vovô Ephraim gostava de assobiar enquanto os dois atavam nós para a escada de corda.

— Nós dos Tuttle — comentara ele quando a escada ficou pronta. — Você não vai encontrar nós melhores em lugar algum.

Isso, Micah sabia, era a mais pura verdade.

Tia Gertrudis esticou a mão para a chaleira.

— Pode deixar que eu tomo conta dela — afirmou Micah.

A tia-avó nem olhou para ele quando arrancou a chaleira do fogo. Micah apurou os ouvidos para tentar capturar o último assobio do pássaro, mas era tarde demais. Tudo que ouviu foi o *glub glub* da água fervendo dentro da chaleira e, num instante, até esse som desapareceu.

Tia Gertrudis balançou os saquinhos de chá para cima e para baixo.

— Eu gosto de ouvi-la apitar — disse Micah, baixinho.

— Você gosta de perder tempo.

Micah encarou a geladeira para não ter que olhar para a tia Gertrudis. As coisas que antes cobriam a porta do eletrodoméstico — uma receita de brownie com camada dupla de chocolate, ímãs das letras do alfabeto, o desenho de um elefante que Micah fizera aos sete anos — haviam sido cobertas por horários de remédios, recibos e a tabela de calorias da tia-avó. O único indício da existência de Micah era um bilhete meio escondido atrás da cópia de uma receita médica. Estava escrito com a letra dele e dizia: “Projeto Inca p/ a Escola”.

Quando soube que a irmã de seu avô estava chegando, Micah esperara que ela fosse tão maravilhosa quanto o vovô Ephraim. Ele tinha a esperança de que ela gostasse dele. Pensara que a casa poderia

ficar menos solitária com mais uma pessoa morando ali. Mas acontece que tia Gertrudis não gostava de nada do que o avô de Micah gostava, incluindo garotos de dez anos.

Ele inspirou fundo e prendeu o ar até o peito começar a doer. *Algo mágico*, lembrou a si mesmo. *Talvez uma nova história. Talvez algo feliz*.

"Feliz" era algo que soava como um lugar muito distante e difícil de encontrar naqueles dias.

O dr. Simon explicara que o vovô Ephraim não conseguia inspirar ar suficiente. Ele não assobiava mais. Ficava na cama do andar de cima o dia inteiro, e mesmo que ainda risse algumas vezes, o som era diferente. Como uma chaleira. *Glub glub*.

Micah sabia o que viria em seguida.





Micah pegou a bandeja com o chá antes que tia Gertrudis o mandasse fazer aquilo. Era difícil segurá-la com firmeza, e as xícaras tremeram nos pires quando ele deu um passo cuidadoso em direção à porta.

Tia Gertrudis bloqueou sua passagem.

— Onde você pensa que vai?

Micah tentou sorrir para ela.

— Lá em cima, para o chá?

Ela o observou atentamente enquanto tirava a bandeja de suas mãos.

— Acho que não — falou. — Você vai se sentar aqui, e não vai fazer bagunça.

Micah olhou para ela com uma expressão carrancuda. Ele não fazia bagunça.

— Mas sempre tomo chá com o vovô Ephraim.

Ela fungou.

— Meu irmão tem andado exausto ultimamente. Acho que é melhor você não incomodá-lo com tanta frequência.

— Mas ele estava se sentindo melhor hoje de manhã! Ele queria me contar sobre… A senhora não quer que eu fale com ele porque…

— Porque não quero que você aborreça um homem que está sempre muito doente. E porque você não precisa de mais caraminholas na cabeça, principalmente as do tipo que o seu avô gosta. Agora, sente-se. — Ela fez um gesto com a cabeça em direção à mesa da cozinha.

Como ele não se mexeu, a senhora colocou uma xícara cor-de-rosa com imagens de rosas em cima da mesa e arqueou a sobrancelha.

Nos últimos tempos, Micah se sentia como um elástico que tia Gertrudis esticava um pouco mais toda vez que abria a boca. Certamente, isso não poderia continuar para sempre. No fim, ela acabaria se cansando de puxar. Se não se cansasse, ele ia arrebentar.

Mas não hoje.

Micah arrastou os pés o caminho inteiro, mas seguiu até a mesa. Deu a pior encarada na tia que conseguiu.

Ela se virou para a porta.

— Ele vai querer me ver — insistiu Micah às costas rígidas da tia-avó.

— Beba seu chá.

— Acho que…

Tia Gertrudis virou o rosto para ele.

— Você não tem dever de casa para fazer?

Ele olhou para o bilhete na geladeira.

— Foi o que pensei. Talvez você possa ver Ephraim depois que tiver provado que é *responsável* e *ciente* das suas obrigações.

Então ela saiu sem dizer mais nada.

Micah esperou até ouvir as solas duras do sapato dela baterem nos degraus da escada e então despejou o chá horrível pia abaixo.

Quando Micah marchou para o andar de cima, a porta do vovô Ephraim estava fechada. Claro. *Vou entrar escondido assim que tia Gertrudis sair*, prometeu a si mesmo.

Foi para o seu quarto e se jogou na cama desfeita. Ele *deveria* estar trabalhando no projeto de estudos sociais. Jenny Mendoza, a garota mais inteligente de todo o quinto ano, esperava que Micah levasse um modelo de um artefato inca para a escola no dia seguinte para que pudessem ensaiar para a apresentação dos dois. Ele mal tinha começado a trabalhar nele, por assim dizer, mas seria fácil. Uma das fotos no livro-texto era de uma coisa chamada *quipu*, que parecia justamente com um punhado de cordas amarradas em nós caprichados, e Micah poderia fazer aquilo de olhos fechados. Talvez.

Nós não eram um dever de casa normal quando se é um Tuttle. Eram algo como uma especialidade de família.

Talvez, pensou Micah, *vovô Ephraim e eu pudéssemos fazer o* quipu *juntos*. Não era tão empolgante quanto construir uma casa na árvore, mas era o tipo de projeto que seu avô poderia gostar. Fazer o *quipu* juntos parecia… divertido, *normal*, como algo que eles teriam feito antes que tudo começasse a dar errado.

Micah rolou para fora da cama e estendeu a mão em direção à última gaveta da cômoda. Um rolo perfeito de fio azul se encontrava sobre um ninho de miudezas que ele recolhera pela casa quando percebeu que a ideia da tia-avó de "arrumação" significava jogar tudo que ela mesma não usava no lixo. As meias de Micah tiveram que ceder espaço para dois ioiôs, uma bola de beisebol, um chapéu de feltro, um pequeno exército de bonequinhos, cartas do jogo Old Maid e o rolo de fio.

Ele o pegou e enrolou-o nos dedos. Era um bom fio, perfeito para amarrar.

Tudo o que restava a fazer era esperar.



Quando finalmente ouviu tia Gertrudis fechar a porta do quarto do avô, Micah saiu do próprio quarto e cruzou o corredor num instante. Um instante furtivo e silencioso.

Ele deslizou para dentro do familiar aposento do vovô Ephraim e absorveu tudo com um único olhar. Um pato de cerâmica se equilibrava em cima do despertador. Um pote de picles enorme cheio de bolinhas de gude e moedas manchadas descansava num canto. Fotografias cobriam as paredes azul-claras.

Duas das fotos, escondidas num cantinho, mostravam o avô de pé com uma bela jovem que Micah sabia ser sua avó. Vovô Ephraim não gostava de falar sobre ela. Havia fotos dos amigos dele e dos lugares que visitara, e até uma foto pequenininha da tia Gertrudis, tirada quando ela era criança. A tia-avó estava com o braço engessado.

Micah gostava de olhar para as fotos do casamento de seus pais. Eles haviam morrido em um acidente de barco quando ele tinha quatro anos, e as fotos o ajudavam a se lembrar deles. Mas suas fotos preferidas eram as dele com o vovô Ephraim. O menino gostava de pensar que ele e o avô se pareciam, apesar de o cabelo do avó ser branco, e o dele, castanho. A maioria das fotos dos dois estava fora de foco porque nunca souberam direito como usar o *timer* da câmera. Mas em todas elas, eles tinham os mesmos olhos cor de mel e o mesmo sorriso.

Nos últimos tempos, o vovô Ephraim não se parecia muito com ele mesmo. Os sorrisos eram tão calorosos como sempre, mas ele estava mais magro e pálido por ficar na cama o tempo todo. Quando Micah entrou no quarto, o avô estava apoiado num monte de travesseiros, olhando na direção da janela. Pela abertura das cortinas, só dava para ver a casa na árvore semipronta, sustentada pelos galhos do carvalho.

— É uma ótima casa na árvore — disse Micah. — Vai ser muito divertido nesse verão. Mesmo sem o teto.

Vovô Ephraim se virou para encará-lo. Seus olhos reluziam com os segredos.

— Ah, aí está você, Micah. Temos coisas a discutir, você e eu.

— Desculpe pelo atraso. — Micah sentou-se ao pé da cama e largou o rolo de fio azul. — Ela não me deixou subir.

— Ah. Você perdeu um chá delicioso — comentou vovô Ephraim.

— Posso apostar que sim.

Apesar de os dois estarem tentando parecer sérios, vovô Ephraim franziu o nariz ao pensar no chá escuro e então o nariz do próprio Micah não conseguiu se conter. Eles sorriram um para o outro.

— Eu joguei o meu chá pia abaixo — confessou Micah.

— Bem, pelo menos um de nós escapou! — respondeu vovô Ephraim.

Isso era verdade. Mas Micah beberia uma chaleira inteira daquele chá todos os dias se pudesse passar mais tempo com o avô.

— Eu… por que tia Gertrudis é sempre tão… do jeito que ela é? — Ele não queria dizer ao vovô Ephraim que a irmã dele era *horrível*, mas às vezes era difícil não reclamar.

Vovô Ephraim suspirou.

— Sua tia-avó e eu não somos próximos há um bom tempo. É tanto minha culpa quanto dela.

— Duvido — resmungou Micah.

O avô arqueou uma sobrancelha.

— Foi bondoso da parte de Gertrudis vir. Ela não está feliz, mas nós precisamos da ajuda dela.

Eu poderia fazer tudo que ela faz, pensou Micah. *E eu seria muito mais legal também*.

— Sei que ela pode ser frustrante. Se você pudesse tentar se dar bem com ela só por mais um tempinho…

— Eu *estou* tentando. — O menino não sabia como explicar aquilo, como dizer que parecia que ultimamente ele não estava fazendo nada além de tentar. Estava tentando não irritar tia Gertrudis, tentava encontrar maneiras de ajudar o avô e de ficar bem, embora tivesse certeza de que não estava. — Estou tentando bastante.

— Sei que está. E você está se saindo muito bem, Micah. Realmente está. — Ele olhou na direção da janela novamente. — Preciso contar algo a você.

Micah sorriu.

— Algo mágico? É mais uma das suas histórias do Circo Mirandus?

Os olhos deles se encontraram, e Micah sentiu algo passar entre os dois. Um zunido, uma pequena faísca por saber que o que quer que seu avô estivesse prestes a dizer, mudaria tudo.

— Escrevi uma carta para um velho amigo — revelou vovô Ephraim. — E acho que você deveria lê-la.

4

CARTAS INACREDITÁVEIS



Vovô Ephraim abriu a gaveta de sua mesa de cabeceira para exibir bolas de papel amassado. Micah as abriu, uma a uma, até que a cama ficou coberta de cartas, cartas cheias de palavras inacreditáveis.

Dobra-Luz, diziam as cartas.

Circo Mirandus, exibiam elas.

E diziam algo mais, algo bastante crucial: *Você me prometeu um milagre.*

Micah sabia da promessa que o Dobra-Luz tinha feito ao avô. Acontecia bem no finalzinho da história e era uma de suas partes favoritas. Mas… era só uma história.

O avô pousou a mão em cima de uma das folhas de papel amassadas.

— Tive que fazer alguns rascunhos para acertar.

— Não entendi — falou Micah. — O Circo Mirandus não é…

— Real? — disse vovô Ephraim, baixinho. — Mas é.

Um sorriso repuxava cada ruga do rosto do vovô Ephraim. Não era um sorriso provocador.

Micah olhou para as cartas espalhadas pela manta de crochê.

— Se for mesmo verdade…

Vovô Ephraim soltou sua risada *glub glub* e o chamou com o braço. Quando Micah se aproximou, o avô lhe deu um abraço fraco e disse, meio ofegante, em seu ouvido:

— É a coisa mais verdadeira do mundo. Desculpe por nunca ter lhe contado.

Micah não percebera que sentia um aperto no coração até que as palavras do avô fizeram aquela sensação passar. Vovô Ephraim jamais mentiria a respeito de algo tão importante. E isso queria dizer… isso queria dizer que a magia era real. E, mais importante, um mágico de verdade tinha feito uma promessa ao seu avô. Micah não teria que ficar sozinho. O Dobra-Luz poderia salvar vovô Ephraim. O mundo voltaria a ser como deveria.

Micah abraçou o avô tão apertado que seus braços doeram.

— Tudo vai ficar bem — declarou ele. — Vai sim.

O vovô Ephraim se recostou nos travesseiros e assentiu.

— Acho que vai. Terminei a versão final da carta na noite passada e uma mensageira veio buscá-la.

— Uma o quê?

— Foi a coisa mais espantosa. Queria que você estivesse aqui para ver. Eu não tinha ideia de como fazer a carta chegar ao circo, mas a mensageira entrou voando pela janela algumas horas depois de eu ter acabado de escrevê-la.

— Espere aí. O senhor falou voando?

O sorriso do vovô Ephraim se alargou.

— Sim. Parece estranho, não é? Aparentemente, o Dobra-Luz utiliza uma papagaia para pegar sua correspondência. Ela disse que preferia

atender telefonemas, na verdade, mas não estou muito certo de como isso funcionaria. Eu deveria ter esperado algo fantástico.

— Telefonemas? — Micah esfregou a nuca. — Isso… é tão… uau!

Ele olhou ao redor e percebeu que tudo tinha se transformado. Aquele não era mais o quarto em que vovô Ephraim estivera doente; era o quarto onde ele ficaria saudável de novo. Até os raios de sol que brilhavam pela janela pareceram mais reluzentes.

— E essa papagaia da correspondência, ela vai entregar sua mensagem ao Dobra-Luz? Vai pedir a ele para vir até aqui?

— Sim. — Vovô Ephraim se inclinou e começou a tossir. Micah pegou um lenço da caixinha na mesa de cabeceira, mas o avô o recusou com um gesto. — Espero — acrescentou — que ele concorde em nos ajudar.

— Ele tem que concordar.

Se isso fosse real (e tinha que ser), então o Dobra-Luz os ajudaria. Micah não via como ele poderia se recusar. Na história do vovô Ephraim, ele era um mágico muito poderoso, um mágico *bondoso*, e tinha feito uma promessa.

— Mal posso esperar para você conhecê-lo. — Vovô Ephraim tossiu de novo. — A mensageira disse que o Circo Mirandus está em La Paz agora.

— Onde…

— Fica na Bolívia. Então não sei como… — *Glub glub*.

Micah passou um lenço para ele, e dessa vez o avô tossiu nele.

— Acha que vai demorar muito? — perguntou Micah. — Para o Dobra-Luz consertar o senhor, quer dizer.

Tia Gertrudis teria que sair do quarto de hóspedes para ceder lugar ao convidado deles, decidiu Micah. Ela ficaria satisfeita de voltar ao Arizona sem Micah, de qualquer forma. Outro dia mesmo ela estava

dizendo como seria difícil arrumar espaço para o menino no apartamento dela.

— O quê? — Vovô Ephraim tossia tanto que mal conseguiu falar.

— O senhor está bem?

Glub glub.

— Acho que preciso… — O rosto do vovô Ephraim estava ficando pálido. Seus olhos se cerraram. A boca se abria e fechava como a de um peixe e todas as suas palavras tinham se transformado em apenas *glub, glub, glub, glub*.

Micah ficou de pé num instante.

— Vovô? O que devo fazer?

Aquele som horrível de chaleira assobiando estava durando muito tempo. Micah estava prestes a perguntar se deveria ir buscar um copo d'água ou o aparelho de ventilação que o médico tinha dado a eles, mas então sentiu mãos em seus ombros, empurrando-o para longe.

Tia Gertrudis parecia soltar fogo pelas ventas.

— Fora! — exclamou ela. — Fora daqui. Você está deixando seu avô agitado sem motivo.

Os olhos dela pousaram nas cartas espalhadas pela cama, e então se estreitaram.

— Isso de novo — sibilou a tia-avó. — Eu deveria ter adivinhado.

Micah não sabia o que era aquilo que o possuiu naquele momento, mas foi algo com muita coragem e quase nenhum bom senso. Em vez de obedecer, ele se esquivou da tia Gertrudis e tentou catar as cartas de modo frenético.

Conseguiu agarrar uma delas antes que ela o pegasse pela gola da camiseta.

— Eu disse *fora*! — berrou. — Vá para o seu quarto!

Ela agarrou a carta na mão dele enquanto o empurrava em direção à porta. No entanto, Micah cerrava com força o punho em volta do papel. A carta rasgou, e o menino tropeçou para fora do quarto, para o corredor, quase dando de cara na parede. A porta bateu atrás dele e o trinco se fechou.

— Vovô Ephraim! — gritou ele. — O senhor está bem? Tia Gertrudis! Por favor, me deixe entrar!

Ninguém respondeu.

Micah escorregou as costas pela parede e se sentou, encarando a porta, desejando que ela explodisse em milhares de pedacinhos. O silêncio do outro lado pareceu durar uma eternidade até ele ouvir o aparelho de ventilação mecânica ser ligado. O som opressivo da máquina fez com que o menino sentisse que talvez nunca mais fosse capaz de sair daquele lugar.

A metade da carta que ele tinha conseguido resgatar do quarto do avô tremia em suas mãos. Micah esticou as dobras o melhor que pôde, passando os dedos pelas palavras várias vezes até que o papel começou a parecer mais macio.

Você precisa se levantar, disse a si mesmo.

Ele tinha que estar pronto para encontrar o Dobra-Luz quando ele chegasse. Precisava se certificar de que vovô Ephraim recebesse seu milagre antes que fosse tarde demais.



5

A MENSAGEIRA



O nome da mensageira era Chinfrim, e ela voltou ao Circo Mirandus pouco antes do pôr do sol em uma tarde nublada. Ignorou os *ohs* e *ahs* empolgados das crianças que a avistaram quando passou rápido em direção à tenda negra e dourada que chamava de lar.

— Toda essa chuva! — queixou-se quando estava a salvo no alto de seu poleiro. — Não sei por que o Head permite. Cinza, fria, *molhada*. Acaba com o humor do lugar.

Ela arrumou as penas vermelhas úmidas e encarou com um penetrante olho amarelo o Homem Que Dobra Luz, que estava mexendo num conjunto de prata adornado de utensílios de café, ao lado do poleiro. Ele tinha a mesma aparência que mantivera por séculos. O cabelo cor de areia era um ninho confuso, e seu sobretudo surrado de couro marrom arrastava no chão. Seu nariz era aquilino — quase, sabe-se que Chinfrim tinha admitido algumas vezes, como um verdadeiro bico.

— O prado ao redor do circo precisa tanto de chuva quanto qualquer outro ser vivo — declarou ele. — Você só está irritada porque desperdiçou seu dia numa missão infrutífera. Nem todo tremelique da sua cauda é um evento mágico. Eu avisei que não estava esperando nenhuma mensagem.

Chinfrim apanhou um biscoito de limão da bandeja de café com uma garra.

— Para você ver o quanto você sabe — murmurou com o bico cheio de migalhas.

— Eu avisei — disse ele novamente, e então fez uma pausa. — Espere. Havia uma mensagem?

Ela sacudiu as penas da cauda para ele.

— Você não vai mais insultar os tremeliques da minha cauda, vai? — perguntou ela, presunçosa. — Eu não teria ido se não houvesse uma mensagem. Nem voaria até lá. Minhas pobres asas!

A bandeja balançou quando ele deixou o pote de creme cair pesadamente.

— Quem poderia…? — Ele lhe lançou um olhar de censura. — Não foi Victoria. Foi?

Chinfrim bufou grasnando para ele. Era o som grosseiro preferido dela.

— É claro que não! Depois de todos esses anos? Não que eu fosse entregar uma mensagem para *ela*, de qualquer forma. Não depois do que ela fez.

— Acho que é melhor assim. Quem mandou a mensagem?

— Você achou certo. Dá para imaginar o que Head diria?

— A mensagem, Chinfrim — lembrou ele.

— Quase morri de cansaço, sabe… — Ela se curvou no poleiro numa tentativa de parecer terrivelmente desamparada e dramática. — Eu

poderia ter morrido.

Ele revirou os olhos.

— Não tenho tanta sorte.

Chinfrim guinchou.

— Não *pragueje*! Sei muito bem que Porter abriu uma Porta para você na noite passada. Não é como se você tivesse voado todo o caminho até lá.

Ela virou as costas para ele.

— Ingrato.

Ele suspirou.

— Eu sei. Desculpe, Chinfrim. Eu valorizo seu trabalho duro. Você poderia, por favor, me entregar a mensagem?

— Bom, não precisa implorar… — Ela o encarou e estufou o peito escarlate. — Eu também sou uma profissional, sabe. A carta se desintegrou nessa chuva que você insiste em defender, mas eu a memorizei por segurança.

— Muito impressionante.

— Sou mesmo — concordou ela. — A mensagem é de uma criança que viu seu espetáculo.

Ela então fez uma pausa e inclinou a cabeça.

— Bem, não, não exatamente. Ele não é mais uma criança. Ele cresceu.

O Homem Que Dobra Luz franziu a testa.

— A mensagem é de um adulto?

— Fiquei tão chocada que quase botei um ovo — admitiu Chinfrim. — É sério assim. Você vai ficar tão encrencado com Head e… Bom, acho que vou deixá-lo ouvir a mensagem.

Ela pigarreou para reconhecer a formalidade da situação e então recitou a carta de Ephraim.

Quando terminou, a tenda ficou silenciosa por um longo tempo. O Homem Que Dobra Luz estava de pé, tão rígido quanto um toco petrificado. Conforme os minutos se arrastavam, o silêncio começou a incomodar. Chinfrim arrancou duas penas particularmente bonitas do peito antes de perceber o quanto estava nervosa.

Ela pigarreou outra vez.

— Ele abreviou seu nome, bem assim. *Dobra-Luz*. Esperto. Bem mais moderno.

Quando ele não respondeu, ela balançou a cabeça e acrescentou:

— Me chamou de *senhora* também. Você deveria copiar.

— Como se o seu ego precisasse de incentivo. — Ele dobrou as pernas e afundou numa almofada no chão. — Ephraim Tuttle — murmurou. — Por essa eu não esperava.

— Quem é ele? Parecia tão especial quanto um ganso numa lagoa, se quer minha opinião. Não do tipo com o qual lidamos normalmente.

O Homem Que Dobra Luz pareceu pensativo.

— Ele é uma criança que foi chamada ao Circo Mirandus. Ou era. E ele era especial, se comparado à maioria. — O homem olhou para os dedos longos e um sorriso se formou em seus lábios. — Ele me mostrou um truque de mágica.

— Um de verdade?

— Mais ou menos. — Ele olhou para ela. — Você sabe o que Ephraim quer como milagre?

— Não tenho certeza. Ele quer falar com você. Talvez…

Chinfrim se recusou a olhá-lo.

— O que foi?

— Ele está muito velho — respondeu ela. — E acho que está morrendo.

O Homem Que Dobra Luz estremeceu.

— Morrendo? E se ele pedir algo impossível?

— Bom, isso é problema seu, não? — Chinfrim virou a cabeça para alisar com o bico algumas penas que tinham ficado bagunçadas pela chuva. — Eu nem sabia que as crianças podiam *guardar* seus milagres. Nunca tinha ouvido falar nisso.

— Ninguém antes de Ephraim jamais fez esse pedido. Eu não esperava que ele o guardasse por tanto tempo. Eu quase tinha esquecido. — Agora ele estava andando de um lado para outro, em frente ao poleiro de Chinfrim. — Vou ter que falar com o sr. Head.

— Ele vai te servir de lanche para alguma das criaturas dele — previu ela.

— Mesmo assim. — Ele avançou em direção à cortina que servia como entrada da tenda. — Volte até Ephraim. Descubra exatamente do que ele necessita. Preciso estar preparado.

— O que você quer dizer com "volte"? Eu acabei de chegar!

— Volte — disse ele. — Fale com Porter sobre uma Porta.

Chinfrim eriçou as penas a proporções ameaçadoras.

— Eu *n*ão sou seu pombo-correio!

— Vá.

A palavra ecoou entre eles. Chinfrim odiava quando ele usava essa voz, esse tom grave com sua magia transbordando pelas beiradas. Ela estalou o bico.

— Certo! — protestou a papagaia. — Não sei como você se meteu nessa confusão, de qualquer forma. Achei que não oferecesse milagres.

— Houve uma época em que ofereci — declarou ele, baixinho. As lâmpadas na tenda pareceram escurecer por um instante. — Antes.

6

A PRAIA DE EPHRAIM



Havia portas e havia Portas. Eram exatamente a mesma coisa em teoria, exceto que um tipo levava da, digamos, sala à cozinha, e a outra cobria uma distância bem maior. Porter era o especialista do Circo Mirandus nesse último tipo e era graças a ele que todos conseguiam viajar tão rapidamente quando precisavam.

Se Chinfrim tivesse pedido com educação, Porter poderia ter aberto uma Porta bem mais próxima de seu destino. Mas, do jeito que o pássaro era teimoso, ela não pediu a Porter de maneira educada. Na verdade, estava tão mal-humorada que o mordeu no queixo. Então, em vez de aproveitar um voo curto até a casa dos Tuttle, ela se viu batendo as asas pelo sistema de esgoto da cidade. Esquivou-se de peixinhos dourados mortos e de lama enquanto procurava uma saída e, durante todo o percurso, se perguntou: *Mas o que será que há de tão especial a respeito de Ephraim Tuttle?*



Quando Ephraim Tuttle era jovem, com dez anos para ser preciso, seu pai estava lutando numa guerra fora do país.

O cabo Tuttle lutou na guerra o dia inteiro e com frequência também durante a noite e às vezes até mesmo nos espaços entre o dia e a noite, que a maioria das pessoas era muito preguiçosa para reconhecer adequadamente. Em casa, a mãe de Ephraim passava quase tanto tempo imersa no próprio trabalho. Ela tinha um lindo sorriso e uma voz de sereia e, até onde seu filho podia dizer, o trabalho dela durante aqueles dias sombrios consistia em berrar frases de encorajamento para jovens que também partiam em grandes navios para lutar nas batalhas.

Obviamente, os pais de Ephraim eram pessoas muito importantes. Como os dois eram vitais ao esforço de guerra, ele ficou com bastante tempo livre nas mãos.

Ora, os adultos podem não saber disso, mas dez anos é uma idade difícil. Especialmente se há uma guerra acontecendo e seus pais deixam você muito tempo sozinho.

Ephraim não gostava da escola, então não ia com muita frequência. Tinha coisas melhores para fazer. Toda manhã, colocava um chapéu de feltro elegante que pertencia ao pai e o inclinava para trás para que não caísse sobre os olhos. E, imaginando que parecia bem crescido, ia à praia.

A praia de Ephraim não era uma praia ensolarada, tropical. Era do tipo que tem pouco sol, muito nevoeiro e pedrinhas em vez de areia. Para deixar tudo ainda pior, na maioria dos dias a água era cinza-escura e muito gelada para nadar. Os barulhos também não se pareciam com sons de praia. As ondas assobiavam, as pedrinhas estalavam e a voz de sua mãe, por todo o caminho desde o porto, algumas vezes ecoava em meio à neblina, bradando: "Até logo, rapazes. Nossas orações acompanham vocês."

Tudo cheirava a peixe gorduroso e a alga.

Ora, Ephraim era completamente normal para um garoto de dez anos com muito tempo livre. Gostava do pôr do sol e de balas e de praias quentes com areia amarela. Mas sua praia era o mais perto que podia chegar da guerra além-mar, então era o mais perto que também conseguia chegar do pai. E isso, é claro, era importante.

Ephraim sempre levava papel e lápis com ele para a praia, se sentava com as costas apoiadas numa pedra coberta de musgo e escrevia cartas para o pai.

Mensagens como esta:

Querido pai,

Espero que esteja se saindo muito bem na guerra e que esteja seguro e que volte para casa com um monte de medalhas por ser o pai mais corajoso no mundo inteiro.

Não estou na escola hoje porque o dedo mindinho do meu pé esquerdo está doendo. Estou na praia, e a voz da mamãe parece solitária. Acho que é melhor você voltar logo para casa.

Com todo o meu amor,

Ephraim

E esta:

Querido pai,

Mamãe me disse que eu tinha que ir para a escola hoje e eu disse a ela que iria.

Mas estou na praia de novo, jogando pedrinhas nas gaivotas.

Acho que é melhor você voltar para casa bem rápido porque estou considerando me tornar um ladrão de trens.

Com todo o meu amor,
Ephraim

E também esta:

Querido pai,

Não vou mais à escola até você voltar para casa. Contei isso à mamãe e acho que a fiz chorar. Eu me desculpei e disse a ela que não estava falando sério.

Mas estava. E logo vou ter que me tornar um ladrão de trens porque estarei tão atrasado em aritmética, em geografia e em caligrafia que nenhum empregador decente vai me querer.

A não ser que você volte para casa, é claro. Neste caso, serei um arqueólogo famoso.

Com todo o meu amor,
Ephraim

Ele foi sincero em cada palavra.

De sua parte, o pai de Ephraim tinha conseguido mandar apenas uma carta de volta pelo mar para a esposa e o filho. Era curta.

Minha querida família,

Sinto muito por estar longe de vocês e rezo todos os dias por sua segurança e felicidade. Desculpem-me por não poder estar aí para ajudá-los e abraçá-los.

Mas não sinto muito por estar aqui porque hoje fiz um nó que impediu que um garoto não muito mais velho que Ephraim morresse e isso vale algo. Não se preocupe, Ephraim, vou ensinar o nó a você quando voltar para casa.

Até minha próxima carta,

O. Tuttle.

Ephraim leu e releu essa carta até surgirem buracos no papel. Ele tentou deixá-la mais longa, procurando códigos misteriosos e mensagens secretas, mas apenas duas partes poderiam ter sido misteriosas para um desconhecido. Uma era o *O.*, que significava Obadiah, e a outra era a linha sobre nós, que era o passatempo preferido de seu pai.

O menino imaginou que seu pai estava muito ocupado fazendo nós e salvando garotos que eram quase como ele, embora não exatamente, para conseguir escrever uma segunda carta. Isso não o impediu de escrever suas próprias cartas. Mesmo que, depois de tanto tempo, ele não acreditasse que o pai realmente as receberia.

Ephraim escreveu uma porção delas porque a guerra durou uma porção de tempo.



Ephraim estava na praia quando o vento mudou. Era de manhã, e ele passara uma hora agradável recolhendo musgo das pedras e gravetos para construir um soldadinho musgoso com uma arma fina ramosa. Ele estava pensando em secar o soldadinho e enviá-lo para o pai para dar sorte, quando algo aconteceu.

Num momento, o vento soprava da terra para o mar, balançando o cabelo de Ephraim e esfriando os tornozelos do menino, no local onde as calças, que haviam se tornado pequenas para ele, já não alcançavam as botas. Então parou.

Por um instante, tudo ficou impossivelmente calmo.

Ephraim só teve tempo de perceber que algo incomum estava acontecendo, apenas tempo o bastante para piscar antes que o vento começasse a soprar novamente na direção oposta. Agora, ele soprava do oceano, e era mais forte do que qualquer vento que já tivesse sentido antes, tão forte que ele quase caiu para trás em direção às dunas. O menino se curvou contra o vento até que estivesse certo de que não ia cair, então piscou e olhou em volta.

O capim comprido e marrom das dunas se agitou. As pedrinhas menores, aquelas que eram quase areia, deslizaram pela praia. Mas a superfície do mar estava lisa, como se o vento forte fosse o ferro de passar roupas de Deus, alisando cada ondulação e dobra do tecido do oceano. A água cinzenta estava tão plana que parecia, para qualquer um que a olhasse, vidro. Ephraim pegou uma pedrinha e a atirou em direção à água, e ela desapareceu sem espirrar qualquer gota.

É importante, quando se vê magia pela primeira vez, reconhecê-la pelo que ela é. É muito difícil ter uma segunda chance. Ephraim soube na hora que o que estava vendo era magia, mas interpretou mal o propósito.

Com certeza vou conseguir andar por um mar tão liso, pensou. *Devo ser capaz de andar todo o caminho até a Europa e para a guerra e para o meu pai.*

Ele imediatamente foi tentar e ficou imediatamente desapontado. Quando abriu caminho até a beira da praia, os pés do menino afundaram na água, que estava tão úmida e fria como sempre estivera. E quando tentou se libertar da areia molhada que tentava sugá-lo, ficou encharcado até as axilas.

Também se viu com um peixe preso na bota esquerda.

A bota sempre ficara um pouco frouxa e, conforme se encheu de água do mar, um peixinho prateado, menor que o dedo mindinho de Ephraim, decidiu fixar residência ao lado de seu tornozelo.

Era uma situação embaraçosa, que propiciava cócegas, mas antes que pudesse fazer algo a respeito, Ephraim ouviu a música. Não uma música clássica, não uma de coro, nem sequer os lamentos terríveis de um realejo. A música que chama uma pessoa à magia é sempre a mesma.

Flautas e tambores.

De algum lugar além das dunas, a gaita de foles emitiu um som agudo e os tambores soaram e Ephraim foi atrás deles. O menino os seguiu como incontáveis crianças fizeram antes dele e como algumas poucas sortudas ainda o fazem.





Mesmo quando todo o seu mundo está de ponta-cabeça, você ainda levanta pela manhã para descobrir que há uma centena de tarefas perfeitamente comuns a serem realizadas. Por exemplo, vovô Ephraim estava muito doente e tinha acabado de contar a Micah que a magia era real, mas o menino ainda precisava se vestir e escovar os dentes. Ainda tinha que engolir uma tigela cheia do cereal com fibras preferido da tia Gertrudis no café da manhã. E, já que sua tia-avó não era nem de perto tão distraída quanto a mãe de Ephraim havia sido durante aquela guerra terrível, Micah tinha que ir para a escola.

Ele estava de pé no hall de entrada, a ponta dos tênis tocando a borda do tapete da sala. Tia Gertrudis estava sentada no sofá de costas para ele, assistindo à televisão. O homem da previsão do tempo estava falando sobre o abril agradável que a cidade de Peal estava tendo naquele ano.

— Nem uma gota de chuva na semana passada — comentou ele. — O Departamento de Recreação não podia ter pedido uma inauguração

melhor para a nova instalação do centro da cidade.

— A senhora trancou a porta do vovô Ephraim.

— Eu sei.

— Posso ao menos falar com ele? — perguntou Micah. — Queria me despedir.

Tia Gertrudis não desviou os olhos da televisão.

— Penteie o cabelo, Micah. Você vai se atrasar para o ônibus.

O cabelo de Micah nunca ficava embaraçado. Ele nem tinha um pente, mas tia Gertrudis se recusava a acreditar nisso.

— Por favor! Só quero me certificar de que ele está bem.

Ela finalmente se virou.

— Ele está descansando. Liguei para o dr. Simon e concordamos em aumentar a dosagem de alguns dos medicamentos agora que não lhe resta muito tempo. Isso vai fazer com que ele durma mais.

— Não lhe resta muito tempo. — As palavras não pareciam certas saindo da boca de Micah. Eram abafadas e vazias, como se ele estivesse tentando falar com um travesseiro diante do rosto.

— Sim. — Os lábios dela fizeram um bico para o lado. — Você *sabia* que isso ia acontecer. Não quero você o aborreça em seus últimos dias.

Micah não repetiu "últimos dias". Ele não conseguiu reunir ar suficiente por causa do travesseiro invisível.

Sua tia-avó voltou para a televisão.

— E não quero que ele destrua o pouco juízo que você tem com aquela história ridícula. Vi aqueles pedaços de papel por todo o quarto. Ephraim não se cansa dessa maldita piada. Um circo mágico — irritou-se ela. — Espero que você saiba que ele está zombando de você.

Micah balançou a cabeça e então percebeu que a tia não podia vê-lo com o rosto virado para o homem do tempo.

— É mentira — disse, baixinho. — A senhora está errada.

— O quê? — perguntou tia Gertrudis, mas Micah sabia pela aspereza em sua voz que ela o escutara.



Alguns minutos depois, ele estava sozinho no ponto de ônibus da escola. *Ela está errada, errada, errada*, pensou. O Dobra-Luz *ia* aparecer e bem rápido, esperava Micah, e ele ia consertar vovô Ephraim. Tudo voltaria a ser como deveria.

Mas, e se algo desse errado? Micah mal pregara o olho na noite anterior, imaginando todas as coisas terríveis que poderiam acontecer.

O Dobra-Luz podia não chegar a tempo. Se ele chegasse, tia Gertrudis podia não deixá-lo entrar em casa. Ou talvez ele mandasse sua mensageira papagaia de volta e falasse para o vovô Ephraim que ele teria que ir à Bolívia para conseguir o milagre. Mas, depois da noite anterior, Micah tinha certeza de que o avô estava doente demais para se levantar da cama. O que ele faria então?

Eu iria à Bolívia para o vovô Ephraim e explicaria tudo ao Dobra-Luz, pensou. *Eu o faria voltar comigo*.

Ele não sabia como faria isso, mas pensou no assunto por tanto tempo que, quando Florence Greeber apareceu no ponto de ônibus, Micah estava quase convencido de que ir à Bolívia seria como ir ao outro lado da cidade. Só demoraria um pouco mais e seria preciso trocar de aviões em vez de ônibus.

Ele estava se sentindo calmo e mesmo um pouco feliz até ver o que Florence carregava. Florence era a única outra aluna do quinto ano da Escola Fundamental Peal que pegava o ônibus com Micah, e quando ela cambaleou para o ponto, seus cachos ruivos mal estavam visíveis por trás da enorme maquete de uma pirâmide egípcia que ela carregava nos braços.

— Oi. — A voz de Florence surgiu de trás da pirâmide.

A maquete era fantástica. Florence tinha feito até estátuas de argila para ornamentar a entrada do monumento.

— Minha dupla está trazendo tinta para podermos fazer hieróglifos hoje durante a aula e daí vai estar pronto — disse ela. — O que você achou?

Micah achava que ele provavelmente deveria correr para longe do ponto de ônibus o mais rápido possível.

Ele havia esquecido completamente de que deveria levar um artefato inca à escola naquele dia. Deixara o fio para o *quipu* no quarto do avô, que podia muito bem estar tão longe quanto a lua, do jeito que a tia estava se comportando.

Talvez a sra. Stark pensasse que ele tinha ficado doente durante o fim de semana. Jenny Mendoza era a garota mais inteligente da sala; provavelmente poderia terminar o projeto sozinha. Talvez até se saísse melhor sem a ajuda de Micah.

— Ficou bom, não é? — comentou Florence.

— Está ótimo — chiou Micah.

Florence esticou a cabeça por cima da ponta da pirâmide. Ela olhou de soslaio para a mochila dele, como se estivesse tentando perceber se o menino tinha enfiado de alguma forma um projeto incrível lá dentro.

O que ele ia falar para Jenny? Eles deveriam estar finalizando o artefato hoje para a apresentação no dia seguinte. Ela podia contar à sra. Stark que Micah não tinha feito a parte dele do projeto, e então a sra. Stark ligaria para tia Gertrudis.

Isso… não seria nada bom.

Quando o ônibus chegou, Florence chutou a perna de Micah para chamar a atenção dele.

— O que há de *errado* com você hoje? Preciso de ajuda para colocar esse troço no ônibus.

Ela gritou quando ele tentou tirar a pirâmide das mãos dela, então, em vez disso, arrastou a mochila de Florence pelos degraus do ônibus.

Ela cambaleou para o fundo, e Micah esperou enquanto a menina ajeitava a maquete no banco ao lado e tirava um pedacinho de fibra de algodão de uma das estátuas em miniatura.

— Imaginei que todo mundo faria algo pequeno — disse Florence. — Então a minha vai ser a melhor. Você não acha?

Em geral, Micah não teria achado. Em um dia normal, teria imaginado que Jenny Mendoza e sua dupla teriam o melhor projeto. Mas já que *ele* era a dupla de Jenny, concordou com Florence e desejou que o motorista esquecesse o caminho para a escola.



A primeira coisa que Micah fez quando chegou à escola foi verificar o armário de artes no fundo da sala para ver se encontrava algo, *qualquer coisa*, que pudesse usar no projeto. Depois de procurar um pouco, encontrou um rolo redondo de fio que ninguém nunca havia usado porque tinha uma cor horrorosa. Ele o levou para sua mesa e se pôs a trabalhar.

Ou ao menos tentou.

Ele achou a foto do *quipu* no livro. A legenda dizia que a longa sequência de nós era um método antigo de manter registros. Os nós representavam números, e talvez até palavras, para que os incas pudessem saber uma informação só de olhar para eles, como quantas lhamas tinham sido vendidas no ano anterior. Micah achou essa ideia fascinante. Infelizmente, não era muito fácil de recriar enquanto escondia as mãos embaixo da mesa para que a sra. Stark não visse.

Ele decidiu que ia fazer vinte e quatro nós, um para cada aluno da turma. A sra. Stark talvez achasse isso legal.

O olhar de Jenny cruzou com o de Micah do outro lado da sala durante o Juramento à Bandeira. Ela ficou na ponta dos pés e acenou para ele. Micah tentou sorrir de volta, mas foi difícil fazer seus lábios se moverem na direção certa.

Ela não pareceu notar. Abriu um sorriso ainda mais largo e apontou para uma pilha grossa de papéis no canto de sua mesa.

— O relatório — disse apenas com os lábios.

Duas garotas na fila atrás de Jenny deram risadinhas cobrindo a boca com as mãos e uma delas acenou exageradamente para Micah e então revirou os olhos.

Será que elas sempre zombavam de Jenny? A menina era a aluna mais nova da classe. Micah sabia que ela era inteligente, mas não tinha prestado muita atenção nela, de todo modo. Ele apenas havia suposto que Jenny tinha uma porção de amigos porque parecia que todo mundo ali tinha. Seria terrível se as pessoas fossem cruéis com ela porque Micah arruinou o projeto dos dois. Ele começou a dar nós logo que se sentou de volta.

Deveria ter sido fácil. Vovô Ephraim gostava de dizer que os Tuttle e nós combinavam como torrada e queijo, e Micah sempre tivera orgulho de como era fácil para ele fazer nós. Mas, por alguma razão, seus dedos não estavam trabalhando como ele queria naquele dia.

O menino tentou atar um nó para representar Nathan Borgle, que se sentava na carteira em frente à dele. Nathan era alto e tinha um dente lascado. Estava sempre metido em encrencas. Um nó Nathan Borgle seria grande, robusto e com uma aparência não muito bonita. Micah conhecia centenas de nós, mas quando tentou fazer um para Nathan no fio cor de ranho, tudo que conseguiu foi embolá-lo.

Vamos lá, vamos lá, pensou.

Se a sra. Stark ligasse para tia Gertrudis e contasse que Micah não estava fazendo seus deveres de casa… Bem, e se ela fizesse algo que o impedisse de ajudar o avô? Ele puxou o fio, deu um laço nele, apertou-o e, finalmente, depois do que pareceram anos, conseguiu dar um nó.

Um nó que não era nem um pouco parecido com Nathan Borgle.

Micah esperou até que ninguém estivesse olhando em sua direção e então observou suas mãos. O nó era delicado, liso e quase do tamanho da unha do polegar de Micah. Mas, apesar da sensação morna em seus dedos, as pontas do nó estavam começando a se desfazer.

Micah engoliu em seco. Esse nó era diferente de qualquer outro, mas não era o que ele estava tentando fazer. Quando fechou a mão ao redor dele, não se parecia com nenhum daqueles que conhecia. Não parecia um artefato antigo. De certa forma, parecia uma *pessoa*, e não era um dos colegas de turma de Micah.

Parecia vovô Ephraim. Cálido e maravilhoso e tossindo e ofegando e lentamente, ah, tão lentamente, se desfazendo.

Micah olhou para o quadro-negro. Ele pairava em frente aos seus olhos enquanto o menino segurava perto da barriga o nó que era, de certa forma, exatamente como seu avô.

Ele pegou o fio e tentou novamente. E de novo. Atou uma dúzia de nós que deveriam representar seus colegas de turma enquanto a sra. Stark solucionava problemas de matemática no quadro.

Ele fez seu avô uma dúzia de vezes.



Logo antes do almoço, todos mudaram de carteiras para se sentarem junto a suas duplas.

Micah afundou na cadeira e tentou não ver os diferentes artefatos surgindo de mochilas e dos armários da sala, mas era impossível ignorá-los. A maquete de Florence era obviamente a melhor. Nathan tinha trazido um bumerangue. Vários outros alunos haviam feito máscaras de papel machê. Alguns dos projetos tinham uma aparência meio esquisita, e Giles Darby tinha obviamente sentado em sua carruagem de papelão em miniatura. Mas todas as duplas tinham *algo*.

Jenny andou rápido segurando sua pilha de papel.

— Oi — cumprimentou ela. — Tenho tudo que a gente precisa.

Ela virou uma carteira vazia para ficar de frente para Micah e se estatelou no assento. Ele só teve tempo de ver que cada página do relatório dela tinha sido colorida com marcadores de cores diferentes antes de a menina falar:

— Me interrompa se eu disser algo com que você não concorde.

E então se lançou no discurso que preparara para eles.

Micah devia tê-la interrompido de imediato. Quanto mais Jenny falava, mais ele queria se enfiar embaixo da mesa e desaparecer. Ela havia separado perguntas para a discussão e feito listas de fatos curiosos para dividir com a turma. Seria a melhor apresentação em todo o quinto ano, com certeza, exceto pelo fato de que Micah não tinha feito a parte dele.

— Então, é isso — terminou Jenny, sem fôlego. Ela sorriu. — Posso acrescentar o que você quiser sobre o nosso artefato.

Em seguida, ela olhou para as mesas entre os dois. Piscou.

— Nosso artefato — disse ela. — O que você trouxe?

Por um momento de descontrole, Micah pensou em correr até Florence Greeber, roubar a pirâmide e dá-la a Jenny. Mas ele tinha bastante certeza de que Florence ia socá-lo. Ela e sua dupla estavam debruçadas sobre a maquete com pequenos pincéis nas mãos.

— Sinto muito, Jenny — disse ele.

— Pelo quê?

Micah engoliu em seco. Ele viu a compreensão roubar o sorriso do rosto dela. Seus olhos castanhos ficaram enormes e seus lábios se enrugaram como se ela quisesse cuspir, mas não pudesse porque era muito educada.

— Eu não… não entendo — comentou ela. Jenny, nervosa, começou a torcer uma de suas tranças negras nos dedos. — Nós discutimos isso juntos na sexta-feira. Você concordou em fazer o modelo se eu fizesse o relatório!

— Eu sei.

— Não entendo! — repetiu ela. Micah sabia pela estridência da voz da menina que ela realmente não compreendia. — A apresentação é *amanhã*.

Micah não sabia o que dizer. Agora Jenny estava puxando as tranças. Ele respirou fundo e tirou um punhado de fios cheios de nós da carteira escolar onde ele os tinha guardado. Ele empurrou aquilo na direção dela sem olhar.

— Ah — disse Jenny. — É um *quipu*. Mais ou menos.

Ele ficou surpreso de ela ter reconhecido. A pessoa que se sentara nessa carteira antes de Micah tinha gravado a letra *V* bem forte no canto da mesa. Ele nunca notara isso antes, mas agora a encarava para não ter que olhar para Jenny ou para os nós.

— Não é uma má ideia. Só que o do livro era, sabe, bem maior. — Ela parecia estar tentando ser muito positiva. Pelo canto do olho, ele a viu pegar um dos nós com as unhas roídas. — E tinha fios de cores diferentes. E, bem, esses nós são todos…

— O vovô Ephraim — sussurrou ele.

— …iguais. — Jenny cutucou outro nó com a unha, como se fosse desfazê-lo.

Micah estendeu o braço e arrancou o fio com os nós das mãos dela tão rapidamente que Jenny gritou.

— Ei! — Ela esfregou as mãos.

O rosto de Micah ficou vermelho.

— Desculpe, está bem? — murmurou ele. — Vou ajeitar isso hoje à noite. Vou fazer ficar melhor.

— Eu não quero preparar o trabalho todo sozinha — argumentou Jenny. — Não é justo.

— Eu vou fazer direito. Prometo. — Ele pôs o fio no bolso da frente da mochila com cuidado.

— Espero que sim — disse ela. — Não parece muito um artefato no momento. Esses nós são estranhos.

Micah sentiu como se ela tivesse lhe dado um soco no nariz.

— Não são *estranhos*.

A testa dela se franziu.

— Você está bem?

Micah não estava. Ele tremia e sentia todo o corpo queimar agora.

— Não é estranho — repetiu ele. — Ele está morrendo.



A VERDADE, NADA MAIS QUE A VERDADE



Jenny arregalou os olhos.

— Quer dizer, ele… — Micah gaguejou. O que havia de errado com ele? Por que falara aquilo? — Quer dizer, ele está doente. Está muito doente.

— Ah — disse Jenny, baixinho. Ela se inclinou na direção dele. Micah se afastou.

— Está tudo bem. Sinto muito pelo projeto. Eu não pretendia dizer que ele estava… Ele só está doente. Vou terminar o *quipu* hoje à noite. — Ele não conseguia parar de falar.

— Micah? — Jenny parecia preocupada.

Ele balançou a cabeça. Não queria ouvir o que quer que ela fosse dizer.

— Estou bem, bem mesmo.

Mas a garganta do menino se fechava, os olhos ardiam, e ele não podia fazer *isso*. Não ali. Não na frente de todo mundo.

É só um projeto idiota. É só dever de casa. *Ele não está morrendo. Você não pode chorar como uma criancinha no meio da aula*.

Jenny se levantou rápido.

— O armário de artes — sussurrou.

— O quê? — perguntou Micah em voz baixa.

Mas Jenny já estava puxando-o de sua cadeira e arrastando-o em direção ao fundo da sala.



O armário de artes era pequeno e escuro e cheirava à cola. Jenny e Micah mal cabiam ali. Algo que provavelmente era um cotovelo o acertou no queixo antes que Jenny conseguisse puxar a correntinha que ligava a única lâmpada.

— Acho que a gente não deveria estar aqui juntos — sussurrou Micah.

— Você está bem? — Ela ainda enrolava uma das tranças no dedo. Seus olhos estavam cheios de preocupação. — Este é um bom lugar para… Achei que você ia começar a chorar.

— Eu *não* ia chorar.

— Não quis chatear você… — disse ela. — O quê…?

Ela hesitou. Micah soube pelo modo como os lábios dela se comprimiram que Jenny estava acumulando uma centena de perguntas e se preparou para o pior. Ela ia perguntar por que sua metade do projeto estava uma bagunça e quem estava doente e outras coisas dolorosas. Ele não tinha certeza de que conseguiria aguentar.

Mas depois de um instante, Jenny apenas falou:

— Deixa pra lá.

Micah piscou.

Ela largou a trança e amassou a barra da saia.

— Eu termino o projeto se você precisar. Vou dizer para a sra. Stark que você ajudou.

Talvez fosse porque Jenny *não tinha* perguntado, ou talvez porque ela fosse o tipo de pessoa que sabia que o armário de artes era um bom lugar para se esconder quando se estava prestes a chorar. Qualquer que fosse a razão, Micah se viu contando a verdade a ela.

— É meu avô quem está doente. Não tive a intenção de esquecer a apresentação.

Após contar aquilo para ela, Micah não conseguiu parar. Jenny não o interrompeu enquanto ele falava sobre vovô Ephraim e tia Gertrudis e o som horrível do aparelho de ventilação. Tudo saiu de dentro dele de uma só vez, como se fosse um balão furado.

Ele contou a ela até sobre o Circo Mirandus e o milagre.

Jenny não falou nada no início, e Micah ficou desconfortavelmente consciente do fato de que estava de pé ao lado de uma caixa cheia de bugigangas natalinas, despejando seus pensamentos mais secretos para uma pessoa que mal conhecia. Dava para ouvir seus colegas de turma falando a apenas alguns metros, as vozes abafadas pela porta.

— Sinto muito — declarou Jenny, baixinho. A voz parecia realmente sincera. — A respeito do seu avô e da sua tia-avó. É horrível.

Micah abriu a boca para dizer que estava tudo bem. Mas não estava. Em vez disso, pegou do bolso de trás a carta rasgada que tirara do quarto do vovô Ephraim na noite anterior.

Jenny se recostou em uma prateleira cheia de limpadores de cachimbo e leu a carta.

— O Dobra-Luz — falou. — É um nome artístico?

Micah deu de ombros.

— Acho que ele não tem outro.

— Não quero ser grosseira, mas… ele não estaria morto a essa altura? Se o seu avô o conheceu quando era criança?

— É claro que não.

— Como assim?

— É um circo mágico — explicou Micah. — O Dobra-Luz está vivo há um tempão.

Foi só depois que Jenny começou a trocar o apoio de uma perna para outra que Micah percebeu como as palavras "circo mágico" soavam esquisitas na escola.

— Você não acredita em mim. — É claro que ela não acreditava. Provavelmente achava que ele era maluco.

Jenny balançou a cabeça.

— Não acho que você esteja mentindo.

O sorriso dela parecia nervoso para Micah.

— É só que… — começou ela. — Bem, acho que você pode ter entendido errado o que seu avô estava tentando lhe dizer.

Ele lutou contra a vontade de gritar com Jenny.

— Não.

A menina fitou um ponto alguns centímetros acima da cabeça dele com os olhos semicerrados. Depois de um minuto, disse:

— Eu mesma vou terminar o projeto. Você não vai se encrencar. Talvez devesse passar o máximo de tempo que puder com ele.

— Não posso deixar você fazer isso — respondeu Micah, de modo automático.

Mas ele não estava certo de que seria *capaz* de terminá-lo. Depois do modo como os nós se comportaram naquele dia, ele não tinha mais certeza de nada.

— Eu posso… Vou tentar recompensar você de algum jeito.

Ela balançou a cabeça.

— Quando minha avó descobriu que estava morrendo dois anos atrás, ela nos disse que ia voltar para o México. Para a cidade natal dela. Ela queria ver o lugar uma última vez. Meu pai, bom, ele não aprovou. Ele disse que ela era muito velha para fazer uma viagem como aquela, mas ela vendeu a casa e o carro e *foi*. Ela me ligou quando chegou lá e parecia tão feliz.

— Hum…

— Fiquei orgulhosa dela — explicou Jenny. — Minha avó conseguiu realizar seu último desejo antes de morrer. Coisas assim são importantes. Parece que o desejo do seu avô é ver esse tal de Dobra-Luz uma última vez.

Micah assentiu.

— Para o milagre dele. O Dobra-Luz pode fazer com que ele fique saudável novamente.

Jenny mordeu o lábio.

— Micah? Você sabe que não existe magia, certo?

Micah abriu a boca para dizer que era óbvio que sabia. Ele não acreditava em dragões, duendes ou bruxas. Isso não passava de conto de fadas. Mas o Circo Mirandus era diferente. O Dobra-Luz era diferente.

Antes que ele pudesse dizer qualquer uma dessas coisas, entretanto, Jenny continuou:

— Seu avô… Talvez ele tenha apenas floreado a história de verdade. Talvez realmente existisse um circo, que era especial para ele. Por isso escreveu a carta. Agora que ele está doente, está tentando encontrar o circo de novo.

— Ele não *floreou*. — Vovô Ephraim tinha contado a verdade, nada mais que a verdade.

— Ah, é claro que floreou! — exclamou Jenny. Ela olhou para a porta e baixou a voz: — Ele estava tentando tornar a história mais divertida

para você. Estava tentando torná-la interessante e especial. É isso que os adultos fazem quando contam histórias para as crianças!

Micah tentou dar um passo para trás, mas não havia espaço. Ele balançou a cabeça.

— Você não entende.

O rosto de Jenny se franziu em simpatia e Micah desviou o olhar. O que ele estava pensando? Que uma menina inteligente como Jenny Mendoza ia acreditar em mágicos e milagres? Só porque ela tinha sido legal em relação ao projeto…

Ele não deveria ter contado a ela. Havia sido ingênuo.

— Micah…

Ela foi interrompida pela porta sendo aberta. O som da conversa de seus colegas de turma tomou conta do armário.

Florence estava parada à porta.

— O que vocês dois estão fazendo aí? — perguntou ela, desconfiada.

— Nada — responderam Jenny e Micah ao mesmo tempo.

— Bom, eu preciso de um pouco de cola, então…

— Aqui. — Jenny empurrou um tubo de cola extraforte para ela. — Estávamos tendo uma conversa particular sobre o nosso projeto.

— Não, não estávamos — disparou Micah. Ele passou por Florence e foi em direção à sua mesa.

— Micah, espere um minuto! — chamou Jenny.

Ele fingiu não ouvi-la.



9

A BRIGA



Tia Gertrudis estava na sala quando Micah chegou da escola naquele dia. Ela estava ao telefone com alguma de suas amigas do Arizona e falava em participar de uma aula de hidroginástica para a terceira idade que começaria em duas semanas em seu clube.

Micah sabia que era melhor ignorá-la. Ele só queria dar uma olhada no avô, e ela odiava ser interrompida quando estava ao telefone. Mas quando ele seguiu em direção à escada, ela disse:

— É claro que estarei de volta até lá, Harriet. Esse negócio não pode se arrastar para sempre e já organizei tudo por aqui. Estarei em casa antes que você perceba.

Tudo bem, Micah disse a si mesmo quando começou a subir os degraus. *Quem liga para o que ela acha? Ela provavelmente* vai *voltar a tempo para a sua aula idiota de hidroginástica. Vovô Ephraim estará melhor até lá.*

— Ah, é gentil de sua parte se preocupar — disse tia Gertrudis —, mas estou bem. Não que esteja fácil com meu irmão e o menino. Faço o melhor que posso, mas a situação não é saudável para nenhum daqueles dois, se quer saber. Honestamente, estou aliviada que isso esteja quase no fim.

Micah congelou. Sua mão apertou o corrimão com tanta força que os nós dos dedos ficaram brancos. *Está tudo bem. Não é nada. Você prometeu ao vovô Ephraim que iria tentar se dar bem com ela.*

Ele respirou fundo e largou o corrimão.

— Na verdade, é melhor assim. É até melhor para o menino em longo prazo. Ele não precisa…

Micah nunca saberia o que sua tia achava que ele não precisava, porque de alguma forma ele estava na sala e de alguma forma arrancou o fio do telefone da parede e de alguma forma se encontrava parado diante da tia Gertrudis, ofegando como se tivesse corrido uma maratona.

Por apenas um instante, ela ficou sem palavras, olhando para ele.

Foi tempo suficiente para Micah dizer exatamente o que queria.

— Tem alguma coisa *errada* com a senhora. — Ele lançou as palavras nela como mísseis. — Por que está aqui? A senhora não gosta de mim. Não gosta do vovô Ephraim. E mesmo que meu avô ame a senhora, eu não amo! Nunca vou amar. Porque a senhora é *malvada*.

Foi uma sensação boa dizer aquilo. E também perigosa. Tia Gertrudis se levantou do sofá, os lábios tremendo de fúria.

— Como você ousa! — A voz dela era como uma faca, mas Micah estava com tanta raiva que ela não podia cortar muito fundo. — Dedico semanas da minha vida. Venho até aqui para ajudar meu irmão demente e você, um molequinho ingrato, e é assim que você me trata? Como um tipo de selvagem! Eu devia deixar você aqui para apodrecer!

— Por que não deixa? — gritou Micah. — Eu não preciso de você! O vovô Ephraim não precisa de você! O Dobra-Luz…

Tia Gertrudis gargalhou. Não era uma gargalhada nem um pouco feliz.

— Vai balançar a varinha mágica e salvar a pátria? — disse ela, com crueldade. — Vai curar o que médicos, hospitais e remédios caros não conseguem?

O coração de Micah se apertou, mas ele se recusou a recuar. Recuar seria deixar a tia-avó ganhar e, naquele momento, a sensação de deixá-la ganhar seria a pior coisa que poderia lhe acontecer.

— Você não sabe de nada.

— Ah, não sei? — cuspiu tia Gertrudis. — Essa fantasia absurda é obra de Ephraim. Eu sei como ele é. E isso não é *bom* para você. É *perigoso*. Vou dar um fim nisso aqui e agora. Garanto a você!

Foi assim que A Briga começou, e ela continuou por um bom tempo depois disso. Terminou quando Micah, tremendo tanto que achou que fosse explodir, berrou "Eu odeio você!" e Tia Gertrudis respondeu "Saia daqui!".

E apontou para a porta.

— Não vou deixar você chegar perto de Ephraim até criar juízo e se desculpar.

Talvez ela quisesse dizer para Micah sair da sala e não da casa. Mas não se opôs quando ele arrastou um velho saco de dormir para fora do armário do hall de entrada. Ela o seguiu para o andar de cima e o viu encher a mochila com roupas e sapatos. A tia o viu sair pela porta dos fundos, que trancou em seguida, e observou pela janela enquanto ele marchava para a casa na árvore. Quando Micah olhou para trás, ela fechou as cortinas.

O menino imaginou que era para não mais precisar olhar para ele.



A casa na árvore cheirava a madeira nova. Faltava uma parede e o telhado, mas a estrutura era forte e firme. As mãos de Micah ainda estavam tremendo de fúria, mas ele conseguiu subir a escada de corda. Jogou tudo no chão e olhou para a janela do vovô Ephraim. Não estava aberta. Micah não pensara que estaria, mas tivera esperanças.

Seu avô gostava de sentir o cheiro do ar fresco quando o tempo estava bom. No fim, tia Gertrudis acordaria vovô Ephraim para dar a ele os remédios, e ele pediria a ela que abrisse a janela porque odiava quando não podia olhar para fora.

Ela devia saber disso. Micah sabia.

*Mas ela nem tenta entend*ê-lo, pensou. Se sua tia estivesse tentando entender vovô Ephraim como Micah fazia, então muitas coisas seriam diferentes. A janela estaria aberta. A mesa de centro da sala ainda estaria coberta de cartas de Old Maid e a geladeira ainda teria muito refrigerante de laranja. Mais importante: Micah não estaria sozinho numa casa na árvore enquanto seu avô ficava sozinho em seu quarto.

Eu odeio você. Ele ainda podia sentir o gosto das palavras em sua boca, e elas tinham gosto de verdade.

Ele não era um aborrecimento para vovô Ephraim e o avô nunca tinha enchido a cabeça dele com caraminholas. Eles precisavam um do outro. Se tia Gertrudis se recusava a enxergar isso, então o que mais ela se recusaria a ver? O Dobra-Luz poderia aparecer a qualquer minuto e ela pensaria que ele era o carteiro. Ou um ladrão!

Micah apertou os lábios. Ele não deixaria tia Gertrudis ficar no caminho. Não dessa vez. Tirou um caderno de espiral e um marcador preto grosso da mochila e sentou-se de frente para a janela. O galho mais baixo do carvalho se esticava em direção à casa. Não chegava perto

o bastante para Micah escalar a janela, mas ele achava que era o suficiente para conseguir conversar com o avô quando a janela se abrisse.

"O Plano", ele escreveu em letras garrafais no alto da primeira página. Depois escreveu: "Primeiro Passo". Foi o mais longe que chegou antes de ter que parar para pensar.

Meia hora depois, Micah tinha mastigado quase toda a ponta do marcador, mas não estava mais próximo de uma resposta. Ele fechou o caderno com raiva e jogou o marcador no chão. Observou-o rolar em direção à borda da casa na árvore. Não conseguiu reunir forças para detê-lo. O marcador diminuiu a velocidade até quase parar, oscilou na beirada por um instante e então caiu.

— Ai!

Micah pulou ao ouvir a voz vinda do chão. Arrastou-se até a beirada e espiou.

Jenny Mendoza estava parada aos pés do carvalho, esfregando uma das bochechas. Havia uma pequena listra preta onde o marcador a tinha atingido, e a menina estava espalhando a tinta em direção ao nariz.

— Eca — reclamou. — Por que você jogou um marcador em mim?

— Eu não sabia que você estava aqui!

Ela ainda estava usando a saia cor-de-rosa com que fora para a escola naquele dia. Combinava perfeitamente com o capacete em sua cabeça. Uma bicicleta de adulto com um bagageiro esquisito enganchado na parte de trás estava parada ao lado dela.

— O que você está fazendo aqui?

Jenny desafivelou o capacete e prendeu as tiras no guidão.

— Aquela mulher na sua casa me falou para ir embora. Ela estava muito irritada.

— É a minha tia. Bom, minha tia-avó. — Micah achou que "irritada" era uma descrição bem amena. — Ela falou a mesma coisa para mim.

Jenny inclinou o pescoço para cima para poder vê-lo.

— Eu já liguei para os meus pais no trabalho e falei para eles que Florence Greeber tinha me convidado para dormir na casa dela.

— Ela mora quatro casas adiante.

Jenny arrastou os pés.

— Ela não me convidou de verdade. Ela nem gosta de mim. Estou aqui para ver você.

Quando ele não respondeu, ela acrescentou:

— Vou ficar encrencada se não puder ficar aqui. Eles vão saber que eu menti. — Ela apontou para o bagageiro, e Micah viu através da cobertura de plástico que estava cheio de livros e materiais de arte. — Tenho tudo de que a gente precisa para terminar o projeto.

Micah não sabia bem o que pensar. Depois da conversa que teve com Jenny no armário de artes, ele não esperava algo assim. Ela não parecia o tipo de garota que mentia para os pais com frequência. Mas ele não estava exatamente no clima para companhia.

— Estou meio que ocupado agora, Jenny.

Ela assentiu.

— Eu trouxe algumas coisas para o seu avô. Achei um livro sobre circos itinerantes na escola e imprimi algumas coisas que encontrei na internet. Trouxe biscoitos de manteiga de amendoim e sanduíches de atum também.

Micah estava impressionado. Tudo que ele tinha conseguido fazer naquela tarde foi ser expulso de casa e rabiscar algumas ideias ruins no caderno. Jenny tinha aparecido com um plano decente, uma pequena biblioteca e o jantar.

Mesmo depois de ele ter atrapalhado o projeto deles. Mesmo depois de ele ter brigado.

Jenny podia não ter muita imaginação, percebeu Micah, mas tinha bastante de algo que era ainda mais importante. Ele empurrou a escada de corda pela beirada para que se desenrolasse até o chão.

— Pode subir — falou. — Tem bastante espaço.



Quando o sol se pôs, o ar ficou mais frio. Jenny vestiu uma das camisetas extras de Micah por cima da própria roupa, já que nenhum dos dois tinha um casaco, e desdobraram o saco de dormir para manter as pernas aquecidas. Micah ficou feliz por ter se lembrado de levar uma lanterna e pilhas para quando ficasse escuro. Ele também se sentiu feliz por Jenny ter aparecido. De certa forma, passar a noite na casa na árvore não parecia uma punição quando tinha companhia.

— Não está dando certo — comentou Jenny, parecendo frustrada. — Estou seguindo as instruções, mas está saindo errado.

Ela estava curvada sobre o objeto que deveria ser o novo *quipu* deles. Para Micah, lembrava mais um ninho de passarinho nas cores do arco-íris do que qualquer outra coisa.

Um pedaço de atum caiu do sanduíche dele em cima de *O grande livro dos circos*, e Micah o limpou.

— Também não estou tendo muita sorte — admitiu.

Jenny piscou para a corda dela. Ela tinha trazido da biblioteca um livro sobre como atar vários tipos de nós e também uma pilha de linhas e fios de lã da loja de costura da mãe. Ela decidira determinar um tipo diferente de nó para todas as letras do alfabeto, de modo que pudesse soletrar os nomes de todos os alunos da sala. Era uma boa ideia, mas

Micah tinha certeza de que ela não conseguiria terminar aquilo a não ser que ficasse acordada a noite inteira.

— Consegui! — anunciou Jenny.

Ela segurava um nó todo enrolado e bagunçado.

Micah estremeceu.

— Me dá aqui. Deixa eu tentar.

Ela lhe passou um novo fio marrom adornado, e depois de uma breve olhada na foto do nó que ela escolhera, ele começou a amarrar. Não era como o que Micah tinha feito na sala de aula naquele dia. Ele não estava tentando fazer um nó que o lembrasse de alguém em particular e, contanto que tivesse cuidado para não pensar muito no avô enquanto trabalhava, era quase relaxante.

— Qual deveria ser esta letra? — perguntou ele.

— Representa um *G* — respondeu Jenny. — Estou tentando escrever "Giles". Você não precisa ler as instruções?

— Na verdade, não. — Micah torceu o fio de um jeito, de outro, e então deu um laço em volta dele mesmo *do jeitinho certo*. Ele o segurou para a inspeção de Jenny.

Os olhos dela se arregalaram.

— Como você fez isso? Está melhor que o da foto! E *parece* mesmo com um *G*.

Micah deu de ombros, mas não conseguiu evitar se sentir um pouquinho satisfeito com o elogio.

— Sou bom em nós. Vovô Ephraim também é. É meio que o nosso lance.

— Você acha que pode me mostrar como se faz? Se eu cometer mais erros, vou ficar sem fios.

Micah olhou para o nó. Era pequeno e perfeito e, apesar de ele saber exatamente como o fizera, tinha quase certeza de que não daria certo

com Jenny.

— Acho que seria mais rápido se eu fizesse essa parte.

— Ótimo. — Ela pareceu aliviada enquanto pegava *O grande livro dos circos*. — Vamos trocar as tarefas. Sou boa em pesquisar, de todo jeito.

Micah não discutiu. Pelo menos, trabalhar no *quipu* o fez sentir que estava fazendo algo útil.

Jenny deitou de bruços e abriu o livro no sumário.

— Talvez a gente esteja abordando isso do jeito errado — comentou ela. — Como o seu avô ouviu falar do circo? Ele ia à cidade dele todo ano? Isso pode nos dar alguma pista.

— Um dia simplesmente apareceu por lá. — Micah atou outro nó e o nome de Giles Darby começou a tomar forma. — Ao lado da praia onde ele brincava quando era criança.

10

UMA TRANSAÇÃO PERFEITAMENTE COMUM



Para chegar à sua praia, Ephraim normalmente ia a pé da cidade, passando por hotéis velhos e cansados e prédios caindo aos pedaços. Mas conforme seguiu o som das gaitas e tambores até a última duna, ele viu que a cidade estava bem mais longe do que deveria, como se tivesse surgido por encanto em um novo local durante o período da manhã. Agora havia um prado nebuloso entre as dunas e os edifícios decadentes.

Grandes tendas arredondadas com topos pontudos estavam dispostas casualmente em círculo na grama verde. Bandeirinhas triangulares decoravam os mastros centrais. Cada tenda era de uma cor diferente de tecido acetinado e cada uma delas tinha um desenho diferente costurado. Ephraim viu estrelas prateadas num fundo cor de safira, sóis dourados em ébano e linhas grossas vermelhas sobre faixas tom de chocolate. Cavalos com crinas e rabos trançados estavam amarrados a postes entre as tendas e, conforme se aproximava, pensou, por apenas

um instante, ter visto um enorme tigre-branco andando pelo perímetro do lugar.

Mas é claro que isso é ridículo, disse a si mesmo. *Ninguém deixaria um tigre solto por aí.*

Quando se aproximou, uma placa curva de metal acima da bilheteria informava que ele tinha descoberto um circo.



Ele ainda estava refletindo sobre a data e se uma coisa daquelas podia ou não ser verdade quando o bilheteiro pigarreou.

O homem tinha uma aparência incomum. Era redondo no tronco e magro em todos os outros lugares, além de peludo em toda parte, exceto no topo da cabeça. Usava um fraque, um monóculo dourado e botas de sola grossa cobertas de lama e feno.

— Quer entrar, meu jovem? — perguntou ele. — Tem ingresso?

— Não, senhor. — Ephraim também não tinha dinheiro e duvidava que a mãe lhe desse algo considerando sua atual campanha de se recusar a comparecer à escola.

— Que pena. — O homem tirou o monóculo, esfregou-o na manga e então o colocou no outro olho. — Você tem exatamente a idade de que gostamos por aqui.

Ephraim sabia que não deveria desperdiçar o tempo do bilheteiro já que não tinha como pagar, mas a música ainda impelia seus pés a chegar perto das tendas, e seu coração concordava com os pés.

— Talvez eu pudesse ajudar em algo... — sugeriu ele. — Em troca de um ingresso? Eu poderia escovar os cavalos. Sou bom nisso.

Na verdade, Ephraim não entendia nada de cavalos, mas antes de a guerra começar, algumas vezes observou o pai escovando o cabelo da mãe à noite. Ele supôs que não podia ser tão diferente.

O bilheteiro balançou a cabeça.

— Desculpe. Não tenho autorização para negociar.

Ephraim estava prestes a dizer que era excepcionalmente bom em fazer nós, o que teria sido verdade, quando outro menino por volta de sua idade apareceu do meio da névoa.

— Tem ingresso? — perguntou o homem.

O garoto assentiu e enfiou a mão no bolso do macacão. Ephraim achou estranho nunca ter visto o garoto na cidade nem na escola. Achou ainda mais estranho quando o menino puxou um carretel de linha amarela do bolso e entregou ao bilheteiro.

O homem mudou o monóculo de olho outra vez e piscou para a linha.

— Ingresso de duas horas. — Ele tirou a corda de veludo que bloqueava a entrada para o circo e se curvou. — Divirta-se.

O garoto entrou correndo.

— Aquilo não era um ingresso! — protestou Ephraim. — Era só linha.

O bilheteiro revirou os olhos.

— Para você ver o quanto você sabe. Estou nesse trabalho desde o iniciozinho. — Ele apontou para a placa acima da cabeça. — Do iniciozinho. Eu sei como é um ingresso.

Ephraim estava a ponto de discutir, mas o passageiro em sua bota, aquele que tinha nadado lá para dentro quando o menino tentou atravessar o oceano a pé até a Europa, mordiscou seu tornozelo. A inspiração acertou Ephraim com tudo.

— Eu tenho um peixe, serve?

Ele arrancou a bota encharcada e passou para o homem, que a pegou como se aquilo fosse uma transação perfeitamente comum.

— Ahh! — exclamou ele, segurando o peixe prateado entre o polegar e o indicador e observando-o se contorcer. — O que você andou aprontando para conseguir um desses? Não vejo um passe semanal há vários anos.

— Semanal? — Ephraim mal conseguia acreditar. Uma semana inteira no circo em troca de um peixinho irritante?

— Semanal — confirmou o bilheteiro enquanto removia a corda da entrada. — O sr. Head estava procurado por isso em todo canto.

Ainda segurando o peixe que se contorcia de um lado para outro, o bilheteiro largou a bota no chão e se curvou — mais até do que para o outro menino — enquanto Ephraim passava por ele para entrar no Circo Mirandus.



O Circo Mirandus era o tipo de lugar que podia deixá-lo de boca aberta, sem fôlego. Ephraim passou o primeiro dia de visita inteiro correndo de uma tenda à outra, assistindo a trechos dos espetáculos, vendo as pessoas e as criaturas dentro de cada uma delas.

Encontrou vários Homens-Músculo e viu um deles levantar uma menina acima da cabeça usando apenas o dedo mindinho. Ephraim provou doces que formavam bolas e estalavam na língua, e bebeu um suco de fruta azul-escuro que o fez cantar ópera por meia hora. Deu

feno a um elefante que sabia fazer longas contas de divisão e pedaços de carne crua a um abutre que previa o futuro arrancando as próprias penas.

O abutre disse a Ephraim que um dia ele teria uma irmãzinha.

— Sério? — Ele não estava certo de como se sentia a respeito dessa novidade, já que meninas são confusas.

— *Oui* — respondeu o abutre. (Ele era francês.) — Êla vai serrr muito irrritante. Êstou veeendo. Um ovo podrrre.

Ephraim decidiu que teria que esperar até conhecê-la.

Ele voltou no dia seguinte, e no outro. Às vezes ficava a noite inteira. O Circo Mirandus estava sempre aberto e nunca ficava vazio. Crianças que Ephraim não reconhecia se encontravam por todo canto, mas não havia adultos, exceto os artistas. No terceiro dia, Ephraim perguntou ao bilheteiro, cujo nome ele descobrira ser Geoffrey, se adultos não tinham permissão para entrar.

O homem coçou o queixo.

— Eu sou um adulto, não sou? — indagou ele. — Que pergunta boba.

— Quer dizer, adultos comuns. Pessoas que não trabalham aqui.

— Ah, *esses* — comentou Geoffrey, como se adultos fossem um tipo de verdura horrível. — Não é que não tenham permissão, só não são convidados. Eles estragam o clima, sabe.

Ephraim pensou que sua mãe contribuiria para o clima, em vez de estragá-lo. Mas ela dificilmente o deixaria passar o dia inteiro ali no circo, quanto mais todos os dias, então contar a ela estava fora de cogitação.

Uma das melhores coisas do Circo Mirandus era que não se podia tomar a decisão errada sobre o que ver ou fazer. Normalmente Ephraim deixava seus pés carregá-lo para onde quer que a música do circo o

levasse ou seguia os aromas dos cavalos, ou dos caramelos, ou da fumaça. Naquele dia específico, Ephraim ignorou a música e os cheiros e, em vez disso, perseguiu um enxame de criaturas que voavam rapidamente e eram algumas vezes borboletas e outras vezes fadas, dependendo do ângulo do que você as observava. As asas zumbiam em um tom preguiçoso enquanto entravam e saíam da multidão, e Ephraim as seguiu. Tentou dizer a si mesmo que não estava assim *tão* interessado em capturar uma delas.

No fim, elas se cansaram do jogo e desapareceram de vista, e o menino se viu de pé diante da tenda prateada brilhosa da Incrível Mulher-Pássaro Amazônica pela segunda vez naquela semana. O espetáculo tinha sido o seu preferido até o momento, e ele não ficou nem um pouco desapontado quando a multidão tagarela o arrastou para dentro da tenda.

Ele a localizou na hora. Olhou para cima, para cima, para cima, e lá estava ela, subindo a escada. A respiração de Ephraim ficou presa. Ela era ainda mais bonita do que se lembrava. Era pequena e não parecia ser *muito* mais velha do que ele. Os cílios eram tão espessos que quase pareciam penas e, cada vez que ela os agitava, Ephraim tinha certeza de que a mulher estava olhando diretamente para ele.

Seu traje era coberto de longas penas brancas, e ele sentia um desejo enorme de tocá-las. Elas pareciam ter sido tiradas de nuvens.

A tenda era uma das maiores do circo, mas a única coisa que havia por lá além da plateia e da Mulher-Pássaro era uma plataforma alta. Ela escalou lentamente até o topo e assobiou. De uma claraboia no teto surgiu uma centena de pássaros de todas as cores do arco-íris. Eles voaram ao redor da Mulher-Pássaro, que sorriu tão docemente para eles que Ephraim sentiu como se estivesse derretendo por dentro.

Ela ficou na beirada da plataforma por um longo tempo, virando devagar para que todos pudessem admirá-la. Então, sem o menor aviso, pulou.

A plateia ofegou como um só corpo, até mesmo Ephraim, que já tinha visto o espetáculo antes. Não havia cabos para segurar a Mulher-Pássaro, nenhuma rede para pegá-la. Parecia que ela ia se esborrachar no chão.

Mas não.

Ela chegava a centímetros do chão e então, no último segundo, arremetia para cima e circulava graciosamente pela tenda com seus pássaros, cantando uma música sem palavras. Ela planou acima da cabeça de Ephraim, perto o bastante para ele ter tocado nela se não estivesse com medo de destruir a linda cena que se desenrolava.

Quando a mulher passou uma segunda vez, Ephraim achou que tinha ouvido seu nome na música e se arrepiou. Não tinha certeza de como era estar apaixonado, mas achou que devia ser um pouquinho assim.



No final, Ephraim teve que sair da tenda da Mulher-Pássaro. Muitos dos artistas permaneciam após os espetáculos para conversar com a plateia, mas depois da apresentação dela, quando voava pela claraboia e desaparecia no céu, a Mulher-Pássaro não voltava. O menino não foi o único que aguardou esperançoso pela sua volta, mas ficou mais tempo do que qualquer outra criança antes de desistir.

Lenta e inevitavelmente, foi em direção ao único outro lugar no circo que o intrigava mais do que a Mulher-Pássaro. A misteriosa tenda negra. Ela chamou sua atenção no primeiro dia, em parte porque tinha uma placa na entrada com as palavras ENTRADA PROIBIDA pintadas, mas também porque havia algo de diferente ali.

A área ao redor da tenda negra era mais silenciosa do que o restante do Circo Mirandus e o clima estava sempre carregado. Para Ephraim, parecia que um raio podia cair ali a qualquer momento. A tenda era de um negro tão profundo que olhar para ela era como observar o fundo de um poço, exceto pelos grandes sóis dourados que decoravam cada centímetro do tecido. Eles brilhavam como moedas polidas mesmo no mais nevoento dos dias. Como se a tenda já não fosse fascinante por si própria, um Homem-Músculo, usando um chapéu-coco, ficava do lado de fora espantando as crianças.

— O Homem Que Dobra Luz está treinando um novo número — respondera o Homem-Músculo com um forte sotaque britânico quando Ephraim perguntou por que não tinha permissão para entrar. — Interrupções podem ser fatais.

Depois de ouvir isso, Ephraim não resistiu a passar pela tenda toda vez que tinha uma chance, só para o caso de ela ter reaberto. Mas a placa estava sempre no mesmo lugar, e o Homem-Músculo, sempre vigiando.

Quando o menino se aproximou da tenda negra naquela tarde, Ephraim esperava ser mandado embora, como era de praxe, mas algo havia mudado. Várias crianças aguardavam pacientemente atrás de uma corda dourada para entrar. Em vez da placa de ENTRADA PROIBIDA, um grande cartaz tinha sido colado na lateral da tenda.



Já eram quase duas da tarde. Ephraim entrou na fila atrás de um garoto alto que estava sem camisa apesar da brisa fria que soprava naquele dia. Os ombros largos do garoto estavam bronzeados. Muitas vezes, Ephraim notava crianças usando roupas estranhas ou falando com sotaques desconhecidos no circo. Ele suspeitava que todas deviam ter chegado ao Circo Mirandus vindas de lugares diferentes, apesar de ainda não ter entendido como. Ephraim ficou encarando os ombros do garoto até que um arquejo no início da fila chamou sua atenção.

A corda estava sumindo.

Não estava sendo retirada por um dos artistas. Não caía. Estava simplesmente deixando de existir, como se dissolvesse no ar, partícula por partícula, até desaparecer. A menina na frente da fila encarou o lugar onde a corda estivera com um olhar intrigado.

— Imagino que isso signifique que podemos entrar — comentou o garoto sem camisa.

A menina deu um passo vacilante à frente.

— Aaaaah… Não seja medrosa — reclamou o garoto.

Ela se virou para lhe mostrar a língua, ajeitou a saia e então entrou a passos largos na tenda com o nariz empinado.

As crianças ao redor de Ephraim o empurravam conforme a fila avançava. A multidão parecia maior do que antes, e ele se preocupou com o fato de que talvez não coubesse todo mundo ali. Mas, de algum jeito, o interior da tenda negra era muito mais espaçoso do que o exterior.

Ela os engoliu inteiros.



11

Agir como um pássaro normal



Vários anos depois e sob circunstâncias muito diferentes, outro ser teve a impressão de ter sido engolido inteiro, e não por algo tão encantador quanto uma tenda de circo. Chinfrim não tinha gostado de sua visita ao sistema municipal de esgoto de Peal. Na verdade, ela estava num mau humor terrível.

Para começar, Chinfrim era bem grande para sua espécie e, apesar de não admitir nem para si mesma, gostava até demais de um bom biscoito de limão. Ela não conseguia encontrar uma saída grande o bastante. Depois de horas voando por canos malcheirosos e gritando palavras ainda mais desagradáveis para os ratos locais, que não lhe indicavam o caminho, ela finalmente conseguiu se espremer por um bueiro bem no fim da rua dos Tuttle.

Ela se parecia com um filhote de urubu de uma semana de vida, e cheirava como um urubu morto há uma semana. Mas Chinfrim, como gostava tanto de lembrar ao Homem Que Dobra Luz, era uma

profissional. Achou um lugar para se banhar e remediar o pior do fedor e, depois que se recompôs, rumou direto à janela do quarto de Ephraim Tuttle.

É claro que ela não sabia que estava sendo observada.



— Ficou ótimo! — declarou Jenny.

Ela estava segurando a lanterna como um holofote na direção do *quipu* deles, e Micah conseguia distinguir seu sorriso largo na escuridão.

Eles tinham prendido tudo numa cartolina para que não ficasse enrolado. Não era tão extravagante quanto a pirâmide de Florence Greeder, mas Jenny tinha certeza de que ganhariam pontos extras por fazerem a própria versão de uma linguagem que utilizava nós.

Micah estava apenas satisfeito de não fazê-la ser reprovada na tarefa. Seus dedos doíam e, enfiados no bolso, ele tinha alguns poucos nós que haviam se recusado a virar letras do alfabeto. Todos eram iguais e todos eram como os nós do vovô Ephraim daquela manhã. Eles pesavam no bolso, mas Micah não os tirava dali. Não queria que Jenny fizesse perguntas a respeito deles. Eram um assunto particular.

— Mas estou me sentindo mal — dizia ela. — Porque não achei nada sobre o circo do seu avô. Não sei mais onde procurar e não sei por quanto tempo…

— Foi legal você tentar — interrompeu Micah. Ele não queria ouvir o que quer que viesse após "por quanto tempo". Não queria pensar no fato de que a carta havia sido enviada havia dois dias e o Dobra-Luz ainda não tinha aparecido. — Acho que circos mágicos não aparecem em livros de biblioteca.

— Podíamos ligar para outro circo. — Jenny parecia pensativa. — Pode ser que eles saibam de algo.

Nas últimas horas, os dois tinham entrado num padrão. Jenny fingia não escutar Micah quando ele dizia algo que parecia improvável sobre o Circo Mirandus. E ele fingia não ouvi-la quando ela falava a respeito do "circo no qual seu avô baseou as histórias".

Micah gostava desse acordo. Jenny Mendoza estava se revelando uma ótima amiga.

— Você quer repassar a apresentação mais uma vez? — perguntou ela.

Antes que ele pudesse dizer qualquer coisa, ouviu o som de asas batendo acima de sua cabeça.

— Malditos humanos — disse uma voz. — Não se dão ao trabalho nem de deixar uma janela aberta para a mensageira. É claro que não. Eu tenho que fazer tudo sozinha.

— Quê? — indagou Jenny. — Micah, foi você que falou isso?

Micah soube imediatamente quem era.

— A lanterna! — exclamou ele. — Jenny, aponte a luz para a janela.

Jenny apontou o feixe da lanterna para o quarto do vovô Ephraim.

— Ih, caramba!

Um pássaro imundo, de aparência asquerosa, batia as asas em frente à janela. Quando a luz a alcançou, ela gritou:

— Fui descoberta pelos nativos!

— É *você*! — gritou Micah. Ele se encheu de alegria.

— Manobras evasivas. Agir como um pássaro normal! Polly quer biscoito! — A papagaia bateu no vidro com o bico. — Pássaro bonito. Quer biscoito. Abra a janela, seu velhote, tem pessoas desconhecidas na sua árvore me vendo fazer papel de idiota.

— Não sou uma pessoa qualquer — disse Micah. — Sou o neto dele.

O menino correu até a borda da plataforma da casa na árvore e pulou para onde achou que estava o enorme galho sem nem parar para

verificar. As solas do tênis escorregaram na casca áspera do carvalho, mas ele conseguiu se segurar com as mãos e os joelhos para não cair.

— Por favor, espere! Preciso falar com você.

Ele começou a engatinhar pelo galho na direção do pássaro feioso.

— Não vá — chamou Jenny. — Acho que há algo de errado com ele.

— Chaminé! — exclamou a papagaia.

— Espere! — pediu Micah.

Mas não adiantou. A papagaia disparou para o telhado da casa e para fora do campo de visão dos meninos.

Micah ficou de pé no galho, mantendo os braços abertos para se equilibrar.

— Volte aqui! — berrou ele. — O Dobra-Luz! Ele vai vir logo?

Não houve resposta.

Micah olhou de volta para a casa na árvore e o brilho da lanterna em seu rosto o cegou. Ele protegeu os olhos com uma das mãos.

— Você viu aquilo, não viu? — questionou ele. — Você viu a papagaia mágica?

Jenny baixou a lanterna para que ele pudesse enxergar de novo.

— Eu vi um papagaio — disse ela, lentamente.

— Era *ela*. A mensageira do Dobra-Luz.

Os joelhos de Micah estavam bambos. A mensageira tinha vindo. Eles não haviam se esquecido do vovô Ephraim.

— Vários papagaios falam — comentou Jenny —, mas esse pareceu diferente. Ele falou que ia para a chaminé?

Os sapatos de Micah começaram a escorregar novamente, e ele voltou a ficar agachado se apoiando nas mãos e nos joelhos.

— Sim — respondeu. — Ela está indo para o quarto do meu avô. Preciso voltar lá para dentro e falar com ela antes que vá embora de novo.

— A sua tia não trancou a porta?

Ele fez uma careta.

— Saia desse galho — advertiu Jenny. — Você pode cair.

Micah começou a engatinhar para a casa na árvore. O caminho de volta foi muito mais lento, e era bem mais assustador cruzar o galho no escuro agora que ele estava prestando atenção. Jenny o puxou pela frente da camisa quando ele alcançou a plataforma e o ajudou a subir.

— Não acho que você vai precisar voltar para dentro de casa.

Micah já estava pegando a escada de corda.

— Não vou deixá-la escapar antes que eu descubra tudo que conseguir sobre o milagre do vovô Ephraim.

— Não — disse Jenny. — Quero dizer que não acho que o papagaio vai conseguir sair pela chaminé. A maioria dos pássaros não consegue voar num espaço tão apertado, e aquele era um pássaro grande. Vai ficar preso na casa, a não ser que alguém o liberte.

— Como você sabe disso?

— Meu pai é veterinário — respondeu ela. — Ou… bem, ele vai ser. Ele voltou para a faculdade.

— Ah. — Micah soltou a escada. — Mas ela é um pássaro mágico. — Ele não tinha muita experiência com esse tipo de coisa, mas na cabeça dele uma papagaia mágica não deveria se ver desafiada por algo tão simples quanto uma chaminé.

— Ela não conseguiu passar pela janela — lembrou Jenny. — Então a menos que seu avô levante para deixá-la sair, ela ainda vai estar lá pela manhã.

— Acho que ele não está bem o suficiente para sair da cama — explicou Micah. — Ou a janela já estaria aberta.

Os dois se sentaram, as pernas balançando na beirada, e olharam para a janela. Depois de longos minutos, uma luz se acendeu. Era difícil

dizer por causa das cortinas, mas Micah achou que fosse o abajur da mesa de cabeceira do vovô Ephraim.

— Está lá dentro — sussurrou Jenny.

— Está falando com ele. — Micah estremeceu e cruzou os braços. — Queria poder ouvir o que eles estão falando.

Jenny deu uma batidinha no ombro dele.

— Podemos dormir em turnos. Só para o caso do seu avô realmente abrir a janela. Assim não vamos perder nada.

— Eu vou primeiro — declarou Micah. — Você devia tentar dormir.

Ele estendeu a mão para pegar a lanterna, e ela a passou para Micah. Jenny se arrastou até o saco de dormir e o puxou até o queixo. Estava tão quieta que, depois de algum tempo, o menino achou que ela tinha caído no sono, mas então Jenny falou:

— Micah?

Ele apontou a lanterna para ela. Jenny piscou, sonolenta.

— Estou feliz que a sra. Stark tenha nos colocado na dupla.

Algo cálido se espalhou pelo peito de Micah.

— Eu também, Jenny.

12

UMA GRAVE FALHA DE CARÁTER



Micah decidiu não acordar Jenny para o turno dela. Ele estava tão preocupado com vovô Ephraim, tão curioso sobre o que podia estar acontecendo atrás das cortinas fechadas, que tinha certeza de que não ficaria com sono de jeito nenhum.

Manteve o feixe da lanterna na direção da casa e ignorou os próprios bocejos. Algumas mariposas, atraídas pela luz, voejaram em volta de suas mãos. Ele desistiu de espantá-las depois de um tempo e observou suas enormes sombras se agitarem nas paredes claras da casa.

A alguns poucos metros, seu avô conversava com a mensageira do Dobra-Luz. Micah quase não conseguia suportar aquilo. Estava perdendo o que podia ser a conversa mais importante de toda a sua vida.

Para se distrair, puxou do bolso os nós que pareciam com seu avô e os examinou. Eles eram muito diferentes de tudo que já tinha feito antes. Como podia um nó se parecer tanto com uma pessoa?

O menino esfregou um deles entre as palmas. Era quente e estava se desfazendo, como os outros. E era um pouco triste. Ele fechou a mão ao redor dele. Não estava certo. Talvez o vovô Ephraim estivesse triste agora, mas não era triste antes.

Micah balançou os pés para a frente e para trás, e a beirada da plataforma da casa na árvore beliscou a parte de trás de seus joelhos. Enquanto trabalhavam juntos para construir a casa na árvore, ele e vovô Ephraim não conseguiam parar de rir e contar piadas. Agora…

Simplesmente não estava certo.

Ele observou as sombras das mariposas até os olhos começarem a pesar. Seus dedos mexiam nos nós quase sem sua permissão. Estavam puxando aqui e ali. Estavam se lembrando de dias ensolarados e do cheiro de madeira recém-cerrada.

Micah só pretendia fechar os olhos por um segundo. Ele estava tentando lembrar melhor. Mas um segundo se transformou em vários, e o novo nó escorregou de suas mãos.



Jenny gritou.

Os olhos de Micah se abriram de supetão, e ele ficou de pé, de repente acordado. A lanterna tinha rolado de suas mãos até parar perto de uma das três paredes da casa na árvore e estava apontada para longe de Jenny. Ela era uma forma volumosa e agitada no chão.

— Qual o problema?

— Tira isso de mim! Tira isso de mim! — guinchou ela.

— Me solta! — protestou outra voz. — Não se *atreva* a puxar minha cauda.

Micah foi atrás da lanterna, mas tropeçou na mochila no escuro. Ele caiu de cara no chão, a centímetros da beirada da plataforma da casa na

árvore.

— Ela *fede* — reclamou Jenny, logo que os dedos de Micah se fecharam ao redor do cabo da lanterna e ele se virou rápido.

A visão diante dele era bizarra. Jenny e o saco de dormir pareciam ter duelado até a morte e o saco quase tinha ganhado. O enchimento saía por um dos cantos, mas ele havia conseguido devorar metade de Jenny antes de morrer. Ela parecia ter perdido um braço e uma perna na batalha, e o zíper ficara preso em suas tranças.

Jenny não era a única vítima do saco de dormir. A papagaia do Dobra-Luz estava caída de costas no pé do saco de dormir com as longas garras presas na costura. Ela rasgava o tecido com o bico.

Micah se arrastou para a frente.

— O Dobra-Luz vai vir, não é? — perguntou ele à papagaia. — Ele vai ajudar?

O menino estendeu os braços para ajudá-la a soltar as patas, mas ela sibilou para ele.

— Micah? — A voz de Jenny estava trêmula. — É só o pássaro, não é? Eu… eu não consigo ver nada.

Micah olhou para a nova amiga e percebeu, com uma careta de culpa, que provavelmente deveria tê-la ajudado antes de começar a interrogar o pássaro. O cabelo de Jenny foi parar no rosto por causa dos dentes do zíper e ela teve que inclinar o pescoço para o lado para evitar que fosse puxado.

— Está tudo bem, Jenny — tranquilizou ele. — Você só está enroscada. Eu posso dar um jeito.

Ele a ajudou a puxar o braço e a perna primeiro e depois foi cuidar do cabelo dela.

— Que cheiro é esse? — perguntou a menina depois de alguns segundos.

Micah, que tinha quase conseguido soltar a trança esquerda de Jenny, fez uma pausa para farejar. Algo realmente cheirava muito mal, como um vaso sanitário sem dar a descarga por muito tempo. Ele olhou em volta procurando a fonte do fedor, e seus olhos pousaram na papagaia. De início, ele achara que ela era feia, mas agora podia ver que só estava bastante suja. Havia sinais de penas vermelhas reluzentes por baixo da imundície.

— Acho que o cheiro vem da papagaia do Dobra-Luz.

A papagaia virou a cabeça para Micah, e suas pupilas se contraíram até ficarem minúsculas.

— Sou minha *própria* dona, muito obrigada.

— Está cheirando que nem esgoto — observou Jenny. — Eu estava dormindo e ela me *atacou*.

Micah conseguiu desemaranhar a última mecha de cabelo do zíper e ambos encararam o pássaro. A lanterna estava apontada exatamente para ela, e suas garras ainda estavam presas no saco de dormir.

— Essas crianças egoístas de hoje em dia — resmungou ela com o bico cheio de enchimento felpudo. — Nem dividem um pouco dos seus petiscos deliciosos com a mensageira. É tudo culpa da televisão.

Então Micah percebeu que o chão da casa na árvore estava coberto de migalhas de biscoitos de manteiga de amendoim.

— Você comeu nosso café da manhã! — acusou Jenny. Ela se virou para Micah. — Devo ter estendido o saco de dormir em cima de alguns dos nossos suprimentos na noite passada. O pássaro queria nossa comida. Não sei como ele saiu da sua casa. A janela ainda está fechada.

— Um truque que aprendi na Islândia e não me chame de *pássaro* — reclamou a papagaia. — Como se eu fosse uma galinha qualquer. É "srta. Chinfrim" para você, ou "senhora".

Micah se inclinou na direção de Chinfrim, mas fora do alcance de seu bico afiado.

— Você quer ajuda, senhora? — indagou ele. — Eu poderia soltar suas garras.

— Eu mesma consigo. Sou uma profissional.

Micah assentiu. Ele achou que Chinfrim parecia tudo menos profissional, caída de costas com as patas presas num saco de dormir, mas não podia se arriscar a ofendê-la. Ele observou a papagaia se contorcer.

— Preciso falar com a senhora sobre o Dobra-Luz — disse ele quando não aguentou mais esperar. — Ele vai vir? Ele vai conseguir ajudar meu avô?

— Ah, então você é o Micah? — Chinfrim soltou um chumaço de enchimento do bico e olhou para ele. — Você não está causando a melhor primeira impressão. Sua amiga me deu *um tapa*, sabe.

— Você estava *roubando* — rebateu Jenny. Ela botou as mãos nos quadris, o que pareceu meio bobo, já que ainda estava sentada no chão.

— É tradição oferecer um lanchinho aos viajantes!

— Nós estávamos dormindo. Não te *oferecemos* nada.

— Bem, se querem saber, acho uma grave falha de caráter — queixou-se Chinfrim. — Você provavelmente é o tipo de garota que não deixa biscoitos para o Papai Noel.

Tanto Jenny quanto Chinfrim pareciam estar se armando para uma boa e longa discussão. Micah encarou as duas.

— Parem! — disse ele. — Quem liga para os biscoitos? E o vovô Ephraim?

— Desculpe — declarou Jenny. — Esqueci.

Chinfrim não se desculpou, mas pelo menos não parecia disposta a continuar a briga. Em vez disso, inclinou a cabeça na direção dele.

— Seu avô não quer o tipo de coisa que as pessoas normalmente pedem, sabe.

Micah se aproximou de Chinfrim. Ela olhou para as mãos dele com cautela, e ele cruzou os braços para provar que não tinha intenção de pegá-la sem sua permissão.

— Não acho que seja assim tão estranho — disse ele, ansioso. — Precisamos que o Dobra-Luz o salve. Ele pode fazer isso, certo? Ele está vindo?

Chinfrim piscou as pálpebras cinzentas e enrugadas algumas vezes. Dobrou o pescoço e arrancou uma das penas do peito quase sem perceber. Micah não tinha certeza, mas achou que era um gesto nervoso.

O menino respirou fundo.

— Ele está *vindo*? Logo?

— É claro — respondeu Chinfrim, na lata. — Ele prometeu ao seu avô, então está vindo. Todos nós viremos. Eu mesma mal posso esperar pela mudança de clima.

Uma pequena queima de fogos explodiu no peito de Micah. O Dobra-Luz estava vindo.

— E ele vai conseguir ajudar o vovô Ephraim, não vai?

Micah não esperou por uma resposta. Em vez disso, virou-se para Jenny.

— Ele pode fazer as coisas mais incríveis — contou a ela de forma empolgada. — Você não acreditaria nas histórias do meu avô. Eu ainda não te contei tudo, mas espere só. Você vai ver.

— Hum — soltou Jenny.

— Bem… — Chinfrim parecia desconfortável, mas Micah achou que qualquer um com as unhas presas em um saco de dormir tinha motivo suficiente para isso.

— O quê? — perguntou ele.

— Sou apenas a mensageira. — Chinfrim arrancou outra pena do peito. — Não uma autoridade no assunto. E não acho que deva conversar com você a respeito disso antes de cumprir minhas obrigações de mensageira. Já que você não é o remetente nem o destinatário.

Jenny semicerrou os olhos.

— Isso parece desculpa.

— Tudo bem — interrompeu Micah rapidamente. — Posso fazer algo para ajudar? Quer dizer, quando o Dobra-Luz vier. — Ele manteria tia Gertrudis fora do caminho. Não tinha certeza de como, mas o faria. Ela não podia interferir no milagre do vovô Ephraim.

— Você vai precisar fazer muita coisa — comentou Chinfrim. — Ir ao Circo Mirandus, para começar.

— Achei que o circo viria até aqui — disse Jenny antes que Micah pudesse tirar as mesmas palavras de sua boca.

— E vai — respondeu Chinfrim. — Mas, bem, não estou certa de como Head vai querer lidar com… — Ela estalou o bico algumas vezes. — Apenas mantenha os olhos bem abertos.

— Vou fazer isso. — Micah não sabia exatamente o que Chinfrim queria dizer, mas se tivesse que fazer aquilo por seu avô, ele faria. E ele mesmo ter a chance de ver o Circo Mirandus! Ele não tinha ousado esperar por aquilo.

— Ótimo. Excelente. O Homem Que Dobra Luz e Head, bem, não posso imaginar o que vão dizer de tudo isso — murmurou Chinfrim meio que para si mesma. — Isso não é o tipo de coisa com a qual lidamos normalmente.

— Não sei se estou entendendo direito — falou Micah. — O milagre do vovô Ephraim…

Chinfrim abriu uma asa de forma dramática.

— Chega de perguntas! Eu vou fazer a minha parte e você vai fazer a sua, e tudo vai dar certo se for para dar certo.

Micah assentiu, apesar de mil perguntas terem começado a lutar para sair de sua boca assim que ela falou "Chega".

Chinfrim golpeou o saco de dormir com o bico mais algumas vezes e então sibilou para a costura. Ela olhou novamente para Micah.

— A primeira coisa que você deve fazer — começou ela — é me ajudar com a *minha* parte.

Por um instante, Micah não teve certeza do que ela queria dizer. Ela não o deixou divagar por muito tempo.

— Tire esse dispositivo humano de tortura de mim! — gritou a papagaia.

— Ah, claro! — Ele descruzou os braços e estendeu as mãos para os pés escamosos dela. — Só vai levar um segundo. Sou realmente bom em coisas assim.

— Ouvi falar — murmurou. Ela o olhou com desconfiança enquanto ele desembaraçava a linha que tinha prendido suas garras. — Se algum dia você contar a alguém sobre isso — avisou a papagaia —, vai perder um dedo.

— Isso não é muito gentil — observou Jenny.

— E um lóbulo da orelha — acrescentou Chinfrim.



Micah e Jenny ficaram acordados conversando por um longo tempo depois que Chinfrim desapareceu no céu noturno. Eles não conseguiam concordar totalmente sobre o que a conversa com a papagaia tinha significado.

— Ela estava escondendo algo — disse Jenny pela terceira vez. — Ela fugiu de várias das suas perguntas.

Micah balançou a cabeça.

— Não acho que *ela* faria isso de propósito. De qualquer forma, eles virão logo. Talvez amanhã mesmo. Aí então saberei com certeza o que está acontecendo.

Jenny inclinou a cabeça.

— Se ela realmente está voando de volta à Bolívia para entregar a mensagem, vai levar muitos dias. E transportar um circo inteiro! Isso vai levar séculos.

— Eles têm seus meios. — Micah não sabia quais eram, mas estava confiante. — Chinfrim é uma papagaia *mágica*. É um circo *mágico*.

Jenny não respondeu.

— Você não pode negar isso! — exclamou Micah. — Ela falava exatamente como um humano, só que era mais reclamona e ameaçadora.

Jenny suspirou.

— Era *mesmo* uma papagaia muito peculiar. Nunca ouvi falar de uma tão inteligente.

Micah ficou radiante.

— Mas talvez tenha sido geneticamente modificada! — exclamou ela. — É claro. Os cientistas conseguem fazer isso, acho. Essa é a única explicação.

Migalhas de biscoito foram esmagadas debaixo de Micah quando ele se jogou de costas e suspirou.

— Você tem resposta para tudo!

Quando Jenny não disse nada, ele virou de lado para observá-la. A menina olhava para baixo, para a lanterna em seu colo, ligando e desligando o botão.

— O que foi? — Micah não conseguia pensar no que podia ter dito para chateá-la.

— Nada — respondeu Jenny rapidamente. Ela não tirou os olhos da lanterna. — É só que… É bom ter respostas, sabe? — Ela mordeu o lábio. — Eu *gosto* de saber das coisas. Só que isso incomoda algumas pessoas.

Micah se lembrou das garotas na aula naquela manhã, rindo de Jenny pelas costas.

— Isso não me incomoda.

— Sei — disse Jenny.

— É sério. Eu acho legal você ser inteligente — comentou ele. — E se você acha que a Chinfrim é um experimento científico, tudo bem.

Ela finalmente se virou para ele.

— Você está me ajudando — continuou Micah. — Você é minha amiga. É isso que importa.



13

UMA MUDANÇA NO VENTO



— Penas! Por que seu quarto está cheio de *penas*?

Os olhos de Micah se abriram rapidamente e ele ficou de pé. A casa na árvore estava clara, iluminada pela luz do sol de manhã cedinho.

— O que foi aquilo? — perguntou ele.

— *Quem* foi aquela? — disse Jenny.

Então Micah percebeu que a janela do vovô Ephraim estava aberta. Tia Gertrudis apareceu um instante depois. Ela segurava com o braço esticado uma pá de lixo cheia de penas vermelhas sujas, como se fossem contagiosas, e as jogou para fora. Ela viu Micah na árvore.

— Você — disse ela. — Não sei como fez isso, mas vou descobrir. Me entendo com você depois da escola.

E bateu a janela.

Jenny encarou Micah com olhos tão redondos quanto moedas.

— Sua tia não pode estar falando sério, pode? Você nem estava lá.

Micah deu de ombros.

— Mas não é justo! — protestou ela.

— Tudo bem — declarou Micah. — Ela vai embora assim que o vovô Ephraim melhorar.

— Se você está dizendo… — Jenny observou com atenção através dos galhos do carvalho. O céu estava azul-claro e sem nuvens, e o sol surgia acima dos telhados do outro lado da rua. — Que horas você acha que são?

É claro que não havia um relógio na casa na árvore, mas Micah avistou algo tão bom quanto.

— Cinco minutos antes de o ônibus da escola passar.

Jenny piscou.

— Você tem um relógio?

Ele apontou para o outro lado da rua. Um punhado de cachos ruivos familiares ficou visível entre duas casas por um instante antes que a cerca do vizinho os escondesse de vista.

— Era a Florence? — perguntou Jenny. — Não era a Florence, era?

Micah assentiu.

— Ela sempre aparece cinco minutos antes de o ônibus chegar.

Jenny deu um grito agudo esquisito e se atirou escada de corda abaixo.

— Temos uma apresentação hoje! — gritou ela quando os pés alcançaram o chão. — Não consigo me vestir para uma apresentação em cinco minutos!

Micah não tinha certeza de por que ela precisava mudar de roupa se estava usando algo praticamente limpo do dia anterior, mas não teve tempo de perguntar. Ela pegou uma trouxa do bagageiro acoplado à bicicleta e disparou em direção à casa.

Micah suspeitou que se a tia ainda não tivesse destrancado a porta, Jenny Mendoza atravessaria direto por ela.



Micah arrastou os pés no chão do ônibus escolar. Batucou os dedos de leve nos joelhos. Verificou se havia algo embaraçado no *quipu* e, quando não achou nada, verificou de novo. Olhou para fora das janelas com marcas de dedos. Olhou muito.

Com certeza, a viagem até a escola nunca levara tanto tempo. Com certeza, algo importante estava prestes a acontecer. A qualquer instante, eles virariam numa esquina e o Dobra-Luz estaria ali, ou Chinfrim apareceria, ou Micah ouviria a música do circo acima do barulho do motor do ônibus.

Mas tudo que ouviu foi Jenny, que estava ensaiando baixinho a apresentação deles, e Florence, que bufava e chutava as costas do banco deles.

— Acho que é melhor eu ir para casa com você hoje depois da escola — disse Jenny de supetão. Ela ergueu os olhos das anotações. — Sua tia-avó parecia irritada. Vou explicar que ficamos na casa na árvore a noite toda para ela não ficar brava com você por causa das penas.

Os pés de Micah pararam de se arrastar.

— *Não*.

Tia Gertrudis não era o tipo de adulta que gostava de explicações.

— Você não quer que eu vá? Tenho que voltar para pegar a bicicleta, de qualquer forma.

— Você pode ir, mas deve evitar a tia Gertrudis a qualquer custo. É o que eu faço. — Ele deu mais uma olhada para fora da janela. Nada.

Jenny cruzou os braços.

— Ela não pode simplesmente expulsar você da própria casa. Você precisa contar a alguém.

— Eu gosto de dormir na casa da árvore.

— Estou falando sério, Micah — declarou ela. — Seu avô ia querer saber.

Ele ia. Mas Micah não queria aborrecê-lo, não quando o Circo Mirandus estava prestes a chegar.

— Ok...? — Era uma boa resposta na opinião dele. Podia ter significado sim e podia ter significado não, mas satisfez Jenny. Ela voltou às suas anotações.

Quando o ônibus parou na frente da escola, Micah procurou por algo fora do comum. As folhas pendiam sem firmeza dos galhos das árvores altas nos jardins da escola. Um fiapo de nuvem pairava acima. O estacionamento dos professores estava calmo. A vista era a mesma de todos os outros lugares. Nada de circo.

Micah sentiu como se estivesse sufocando.

Quando ele e Jenny chegaram à sala de aula, viram que a ordem das apresentações já tinha sido colocada no quadro.

— Ah. Nós somos os penúltimos — observou Jenny.

Ela parecia desapontada.

— Pelos menos não somos os primeiros — respondeu Micah.

Ela suspirou.

— Você *queria* ir primeiro?

— Todos vão estar cansados de escutar quando for a nossa vez! Não vão prestar atenção.

Ele teria pensado que isso era uma coisa boa. Muito menos pressão.

Mas Florence entrou na sala um instante depois e fez uma careta quando viu seu nome bem no fim do quadro. Ela lançou um olhar feroz para Jenny. Quando foi para sua carteira, Micah concluiu que ser muito inteligente também devia deixar as pessoas um pouquinho malucas.

As apresentações começaram logo após o Juramento à Bandeira, com Nathan fazendo uma demonstração fracassada de como jogar um

bumerangue dentro da sala, algo que a sra. Stark não gostou nem um pouco. Micah tentou se concentrar, mas estava lutando uma batalha perdida. Ele meditou sobre sua conversa com Chinfrim, tentando descobrir se Jenny estava certa. *Será* que a papagaia estivera escondendo algo? E por que faria isso?

Ele relaxou na cadeira e enfiou as mãos nos bolsos da calça jeans. Os nós da noite anterior ainda estavam lá. Ele não os tirou. Todos eram o mesmo nó triste do vovô Ephraim, exceto um.

O nó que ele ficara remexendo quando caíra no sono tinha se transformado. Já não estava se desfazendo nas pontas. Em vez disso, era tão rígido quanto um punho cerrado e, quando Micah o segurou, quase podia ouvir alguém assobiando. Ele se permitiu esfregar os dedos nele por um momento e soltou um suspiro trêmulo.

Esse nó também era seu avô, mas não o vovô Ephraim que estava preso à cama o dia inteiro. Esse era ele em sua melhor forma, assobiando e contando piadas, girando Micah em círculos vertiginosos e amarrando uma escada de corda perfeita. Esse era o vovô Ephraim de que Micah sentia falta a cada minuto do dia e que apenas o Dobra-Luz podia trazer de volta.

Ele se forçou a largar o novo nó. Se continuasse a esfregar, não demoraria muito para virar apenas uma bola de fibra.

E se eu perder algo?, pensou Micah, não pela primeira vez. Ou, ainda pior: *E se eu já tiver perdido algo?*



— E esse é um exemplo de um *quipu* inca.

Jenny fez a apresentação deles com uma voz alta e clara, sem nem parecer nervosa. Micah se apoiava em uma perna e depois na outra e tentava não parecer deslocado ao lado dela.

— Micah criou o próprio alfabeto de nós e fez um cordão de fio para cada um de vocês.

Até que não foi uma apresentação horrível, mas Micah estava satisfeito de na verdade não precisar falar nada a não ser "Obrigado pela atenção".

Um minuto depois, Jenny pigarreou, e Micah percebeu que era sua vez. Ele levantou a cartolina com o *quipu* acima da cabeça para que as crianças no fundo da sala pudessem ver.

— Obrigado pela atenção — disse ele.

A turma inteira, exceto Florence, aplaudiu. Micah apoiou o *quipu* na parede ao lado de um apanhador de sonhos, e ele e Jenny voltaram para suas carteiras.

De volta ao seu lugar, Micah finalmente viu o *quipu* que tinha feito da perspectiva de seus colegas. *Realmente parecia impressionante*, pensou, *especialmente se você não entender muito de atar nós*. Os nós multicoloridos formavam um leque brilhante e elaborado contra o fundo branco da cartolina e, apesar de Micah suspeitar que seus colegas de turma não seriam capazes de ler o *quipu*, ele conseguia fazer isso de longe, sem nem mesmo tocar os nós. Os pequenos nós para a letra *G* realmente se pareciam com *G*s, de alguma forma, e os pequenos nós para o *R* se pareciam com *R*s. Ele o examinou por um tempo, tentando se sentir feliz com o trabalho, mas seus olhos eram inevitavelmente atraídos na direção da janela da sala de aula.

Ainda nada de Dobra-Luz, nada de Chinfrim, apenas as persianas e o céu.

Jenny chamou sua atenção.

— O que há de errado? — murmurou ela.

Micah balançou a cabeça. Desanimado, ele olhou para o caderno. Florence e sua dupla estavam falando sobre como os antigos egípcios

enfiavam pequenas colheres nos narizes das pessoas e mexiam seus cérebros até virarem geleia antes de transformá-las em múmias. Micah teve a sensação de que isso devia ser importante, mas não conseguia se importar o bastante para anotar alguma coisa.

Em vez disso, desenhou uma colher no topo da folha do caderno. Talvez Chinfrim tivesse se *esquecido* de contar algo importante a ele. Ela parecia bem inteligente, mas era um pássaro, afinal de contas.

Ele rabiscou até que a colher virasse uma bolha cinza-escura. Talvez ela não tivesse explicado ao Dobra-Luz o quanto o problema era urgente. Vovô Ephraim precisava receber seu milagre imediatamente. Não daqui a vários dias. Ou talvez…

Algo roçou levemente a orelha de Micah.

Ele olhou por cima do ombro. Todos os colegas pareciam estar concentrados na apresentação ou em seus cadernos. As carteiras faziam barulho quando eles se mexiam. Ninguém estava prestando atenção em Micah. Voltou à colher.

Ele tinha que ver vovô Ephraim naquela tarde, não importava o que tia Gertrudis dissesse. Chinfrim devia ter explicado mais coisas para ele. Eles tinham conversado por horas.

A orelha de Micah sentiu cócegas de novo. As duas orelhas sentiram cócegas. Por que… por que seu cabelo estava se movendo na…

A ponta do lápis se quebrou. *As janelas estão fechadas*, pensou. É impossível.

Mas Micah tinha certeza de que a sensação na nuca, a coisa jogando seu cabelo nas orelhas, era uma brisa leve. Ele inspirou de forma trêmula e expirou. A brisa não parou. Lentamente, como se tivesse medo de espantá-la, ele se virou.

À sua volta, lápis estavam rabiscando papéis e pés estavam batendo em pernas de cadeiras. Ninguém mais tinha notado. Ninguém mais

sentiu. Mas as páginas do caderno de Micah estavam farfalhando na brisa minúscula e o menino *não estava* imaginando aquilo.

Ar fresco encheu seus pulmões quando ele ofegou. *Deve ser isso. É isso! O que eu faço agora?*

Seu caderno farfalhou de novo, e ele olhou para baixo. O esboço da colher se separou, as linhas que Micah tinha rabiscado se desprendendo e resultando numa nova forma diante de seus olhos.

Uma seta, apontando para a frente da sala.

Micah olhou para além de Florence, sua dupla e a pirâmide perfeita. Encarou o que a seta apontava. O vento não estava apenas soprando pela sala de aula, percebeu. Estava fazendo algo. E fazia alguma coisa com o *quipu* de Micah.

Os fios do *quipu* balançaram na brisa. Eles se trançaram uns nos outros. Contorceram-se e serpentearam até que os fios não diziam Giles Darby, Micah Tuttle, Nathan Borgle ou qualquer um dos nomes de seus outros colegas de turma. A brisa arrumou os nós de Micah para escrever uma mensagem que apenas ele seria capaz de ler:

Meia-noite.
Siga o vento.

No tempo que ele levou para piscar, o *quipu* voltou a ser apenas um *quipu*, mas não importava. Micah tinha visto.

Seus olhos se fixaram na janela, onde, finalmente, havia algo para o qual valia a pena olhar. Folhas, galhos finos e embalagens velhas de chiclete passaram zunindo numa ventania que devia ter saído direto de uma das histórias do vovô Ephraim.

14

O Homem Que Dobra Luz



A tenda do Homem Que Dobra Luz estava escura e quente quando Ephraim entrou. A única iluminação vinha de uns poucos lampiões coloridos pendurados próximos ao teto. Assentos rodeavam o centro do recinto, onde havia um palco redondo, preto e polido. Ephraim encontrou um lugar em uma das seções menos lotadas e aguardou o espetáculo começar.

Assim que os últimos membros da plateia tomaram seus lugares, a tenda se fechou e todos os lampiões se apagaram. Ephraim percebeu que nem uma frestinha de luz passava pelo tecido da tenda. Ele ouviu o garoto que tinha esperado na fila na frente dele xingar, e uma garota que estava sentada perto dele choramingou.

— Odeio o escuro — disse ela alto o bastante para Ephraim escutar. — Odeio de verdade.

Ephraim não tinha medo do escuro, mas também não era um grande fã. Felizmente, apenas alguns momentos depois de tudo ficar negro, um

ponto dourado apareceu no centro do palco.

Todo mundo ficou quieto, e Ephraim estava certo de que, como ele, todos olhavam para a pequena bola de luz com fascinação. Ela cresceu aos poucos no início, mas depois ganhou velocidade. Em um minuto, Ephraim teve que proteger os olhos do sol em miniatura pulsando no meio da tenda. A luz era tão forte que passava pelas pálpebras e o fazia ver pequenas explosões de cores.

Então, logo que achou que o brilho era forte demais para suportar, ele diminuiu. O menino espiou cautelosamente com um dos olhos. O sol havia se transformado em uma pilha espetacular de frutas.

As frutas eram maiores do que o punho de Ephraim, eram amarelo-claras com manchas avermelhadas. Uma galáxia de pontos dourados girando sobre a pilha fizeram daquele o lugar mais radiante da tenda. As crianças sussurravam curiosamente umas com as outras enquanto, uma a uma, abriam os olhos.

— Alguma vez já provou uma manga? — murmurou uma voz no ouvido de Ephraim.

Ele se virou, mas não havia ninguém sentado tão perto dele como a voz havia soado.

— Tem gosto de sol — sussurrou a voz no outro ouvido.

Um homem apareceu ao lado da pilha de mangas. Era alto com cabelos loiros desgrenhados e usava um sobretudo de couro marrom gasto que se arrastava pelo palco mesmo com ele de pé. O homem se inclinou para trás na escuridão vazia e cruzou um tornozelo sobre o outro, como se estivesse descansando apoiado em uma parede.

Ele estendeu a mão. Uma manga pulou da pilha para uma de suas mãos e uma faca afiada se materializou na outra. O homem cortou lentamente uma fatia da fruta, que por dentro era cor de gema de ovo, e a mordeu. Suco escorreu pelos seus dedos.

Um cheiro estranho e adocicado chegou ao nariz de Ephraim. A fruta mais exótica que havia comido na vida fora uma laranja, e o menino soube imediatamente e com toda certeza que as mangas no palco seriam cem vezes mais deliciosas do que qualquer coisa que ele já houvesse provado. Mas aproximar-se do homem de sobretudo de couro era o tipo de ideia um pouco emocionante demais para ser levada a sério.

Os outros pareciam pensar da mesma maneira. Muitos deles se remexiam nos assentos e Ephraim até escutou algumas poucas pessoas estalando os lábios, mas ninguém se levantou.

Quando parecia que poderiam ter que ficar sentados ali o dia inteiro, assistindo ao homem comer a manga com sua faca cintilante, um menino de pele escura perto do palco se levantou.

— Qual é o gosto do sol, então? — perguntou corajosamente.

Os lábios do homem se abriram num sorriso.

— Por que você não me diz?

Uma única manga rolou pelo palco em direção ao menino que tinha falado. Ele a encarou por um instante e então se inclinou para pegá-la. Ela se abriu em belas fatias em sua mão. O menino levou uma delas à boca e deu uma pequena mordida.

Seus olhos se arregalaram.

O homem riu e agitou a mão novamente. A pilha inteira de mangas tombou e começou a rolar em todas as direções. Mãos se estenderam da plateia para apanhá-las logo que as frutas ficaram ao alcance. Quando Ephraim pegou uma, ela se fatiou para ele e suco escorreu pelos nós de seus dedos.

Surpreso, ele acabou deixando dois pedaços caírem, e eles evaporaram antes que pudessem atingir o chão. Ele olhou maravilhado para o restante da fruta. Será que era real? Parecia real, a sensação era real e o cheiro era real. Pegou uma fatia com uma aparência

particularmente gostosa e deu uma mordida. Tinha gosto de sol, mas também da famosa torta de pêssego de sua mãe. Era real o bastante para Ephraim.

O homem avançou para o centro do palco e faíscas douradas dançaram ao redor dele.

— Sou o Homem Que Dobra Luz — disse. — Observem e lhes mostrarei magia. Observem e lhes mostrarei seus sonhos.



Os sonhos de Ephraim não eram nem de perto tão maravilhosos quanto as coisas que viu naquele dia.

A tenda desapareceu, e o menino abriu os olhos para um mundo feito de branco reluzente e azul gelado. Ele inspirou, enchendo de ar cortante os pulmões. Um vento congelante açoitou suas bochechas. Atrás dele, algo fez um som estranho parecido com uma corneta e, quando Ephraim se virou para ver o que era, suas botas afundaram na neve.

Ele não estava sozinho neste novo e estranho lugar. Um grupo de pássaros robustos pretos e brancos passou gingando. Eram os corneteiros. Quando olhou em volta, viu que também havia outras crianças por perto. O Dobra-Luz, como Ephraim tinha decidido chamá-lo por conveniência, tinha, de alguma forma, trazido toda a sua plateia para a Antártica para ver pinguins.

Um após o outro, o grupo de pinguins de Ephraim caiu de barriga e escorregou pelo gelo. Eles eram gordos e lisos. Ephraim estendeu a mãos na direção do que estava mais próximo e o pássaro estalou o bico para ele.

— *Honk!*

— Está bem. — Ephraim ergueu as mãos no ar. — Não vou fazer carinho em você.

O pinguim olhou desconfiado para ele e então voltou a deslizar de barriga. Ephraim o seguiu de perto. Ele só havia visto ilustrações de pinguins e achara que eles pareciam solenes, como se tivessem se vestido para um enterro. Mas eram aves tão divertidas ao vivo. Remavam na direção do gelo com as asas e patas como se estivessem nadando. Eles corneteavam uns para os outros e se beliscavam enquanto brincavam de um jogo arruaceiro de seguir o líder até a beirada da geleira.

Ephraim parou a alguns metros da beirada. O mar era de um azul tão profundo que era quase preto. Ele não sabia que tipo de criatura nadava numa água tão escura e fria, mas teve certeza de que tinha dentes bem afiados. Os pinguins grasnaram sua despedida e se jogaram na água sem nenhum vestígio de medo. Ephraim acenou quando o último desapareceu sob as ondas.

Antes que pudesse se sentir desapontado porque eles tinham ido embora, o mundo mudou novamente.

Uma biga puxada por quatro cavalos passou bramindo. O ar era uma mistura de poeira e calor, suor de cavalo e luz do sol. As crianças do espetáculo do Dobra-Luz tinham se juntado a uma enorme multidão de antigos romanos que saudavam os cavaleiros enquanto eles corriam ao redor da pista em alta velocidade. A garota ao lado de Ephraim gritou quando outra biga passou por eles.

— Você está bem? — gritou ele sobre o barulho da multidão.

— Não tenho certeza! — berrou ela de volta.

Ele entendeu. Estavam tão perto da pista que ele podia sentir toda vez que os cascos atingiam o chão. Era como um trovão em seu peito. E os cavaleiros! Eles conduziam os cavalos de modo tão selvagem pelas curvas que Ephraim tinha certeza de que iam bater. As bigas iam se despedaçar e os cavaleiros terminariam no chão entre terra batida e

cascos poderosos. Era muita informação, mas, ao mesmo tempo, conforme os brados da multidão aumentavam ao seu redor, o menino desejava que nunca acabasse.

Ele arregalou os olhos o máximo que pôde e tentou absorver cada pedacinho daquilo. *Estou dentro da história*, percebeu. *E é muito melhor do que nos livros*.

Quando a corrida acabou, Ephraim se viu observando uma chuva de meteoros no meio de um deserto, à noite. Depois estava de pé na beira de um precipício, olhando para a vasta cidade abaixo. Assistiu a um corço nascendo num prado. Provou frutinhas estranhas cobertas de espinhos que eram quase tão boas quanto mangas. Algumas vezes estava com os outros. Outras, sozinho. Por um longo tempo, ficou sozinho de pé na proa de um antigo veleiro e observou uma porção de baleias. Elas saltavam para fora da água remexida do mar e disparavam gêiseres brancos para o alto.

Cada experiência parecia melhor que a anterior, mas quando Ephraim se viu viajando numa jangada de tora num rio negro e largo, soube que devia estar no melhor lugar de todos: a selva. O ar cheirava a solo úmido e vegetação em decomposição, e a umidade grudava seu cabelo à testa. Teias de aranha gigantes se esticavam de uma árvore à outra mais acima e insetos zumbiam em seus ouvidos.

O pai de Ephraim era fã de histórias de aventura e algumas vezes, antes de dormir, ele lia a respeito de grandes exploradores para o filho. O pai gostava de aprender sobre marinheiros famosos, mas as histórias preferidas de Ephraim sempre foram sobre selvas inexploradas do mundo. Até onde sabia, todos os mares tinham sido navegados. A selva era diferente. Havia partes das florestas tão escondidas que nenhum homem jamais as tinha visto. E isso significava que alguém corajoso,

talvez alguém corajoso chamado Ephraim Tuttle, poderia ser o primeiro.

A jangada corria preguiçosamente em direção à margem do rio, e animais de olhos brilhantes observavam das sombras enquanto Ephraim percorria o caminho para a terra firme. Seus pés afundaram na lama, e folhas tão grandes quanto guarda-chuvas batiam em seu rosto. *Lama da selva de verdade*, pensou ele, feliz da vida. *Folhas da selva de verdade!*

Ele encontrou uma trilha sinuosa pela floresta e a seguiu. Quando um ruído no alto chamou sua atenção, olhou para cima e viu macacos balançando pelas copas das árvores. Eles se moviam tão facilmente, como se aquilo não fosse nada de especial. *Talvez*, pensou Ephraim, *sejam uma espécie desconhecida de macacos. Talvez eu seja a primeira pessoa no mundo a vê-los.*

Era uma ideia tão maravilhosa que ele decidiu que devia ser verdade.

Continuou andando, tentando ver tudo ao mesmo tempo e fracassando feio. A selva era o lugar mais vivo que ele já vira. Centopeias tão compridas quanto seu braço percorriam o chão. Os macacos guinchavam acima. Borboletas do tamanho de andorinhas sorviam de flores coloridas como joias na luz manchada.

É quase perfeito, pensou Ephraim.

Ele parou de andar. *Quase?*, perguntou-se. Ele estava viajando pelo coração da floresta, exatamente como um grande explorador. *O que poderia ser mais perfeito do que aquilo?*

— Meu pai — declarou.

A selva tremulou ao redor dele, como se estivesse tentando decidir se devia ser outra coisa. De repente, Ephraim sentiu a mão de alguém em seu ombro. O Dobra-Luz se inclinou para ele, o rosto sem expressão.

— Tem certeza? — perguntou. — Não vai ser real.

De alguma forma, Ephraim sabia o que estava pedindo. Ele engoliu o nó na garganta.

— Eu… eu tenho certeza.



15

A escolha de Ephraim



A selva se dissolveu num borrão de cores e Ephraim se viu em casa. Ele estava na própria sala de pé, na frente da mãe. Ela estava com lágrimas nos olhos, mas também sorria.

— Acabou, meu amor — disse ela. — A guerra acabou.

Por um instante, Ephraim não conseguia mover os lábios. Não sabia qual seria a sensação de ouvir aquelas palavras.

— E seu pai vai voltar para casa — acrescentou ela.

Foi como respirar depois de estar submerso por muito tempo.

— Como? — Ephraim lutou para pronunciar as palavras. — Como a guerra acabou?

Ela contou a ele, e Ephraim pensou: É claro. É claro que foi assim que acabou. É o único jeito bom para ela ter acabado.

A guerra tinha acabado de uma vez só e muito calmamente. Foi como se, no mesmo momento, todas as mães de todos os soldados do mundo tivessem verificado seus relógios e percebido que os filhos estavam

brincando do lado de fora por tempo demais. As mães deixaram de lado a roupa para lavar, os preparativos das tortas ou os maçaricos de soldagem e foram até a porta da frente de suas casas.

— Davey! — chamaram elas. — Klaus! Pierre! Está na hora de lavar as mãos para o jantar.

Os soldados cumprimentaram uns aos outros e desejaram tudo de bom. Então voltaram correndo para suas mães ou para suas esposas e filhos.

— Seu pai está a caminho — disse a mãe de Ephraim. — Ele deve chegar a qualquer momen…

Obadiah Tuttle entrou na sala antes que a mãe de Ephraim pudesse terminar a frase. Estava usando seu uniforme, o peito enfeitado com medalhas e laços.

— Ah, Obadiah! — A mãe de Ephraim oscilou como se fosse desmaiar.

O cabo Tuttle enlaçou-a pela cintura e então a beijou. Na boca.

Ephraim achou que a cena toda estava satisfatoriamente heroica. Um instante depois ele foi arrebatado num abraço tão apertado que poderia ter quebrado suas costelas se seu coração já não estivesse pressionando-as lá de dentro. Ele sentiu o cheiro da bala de alcaçuz preferida de seu pai. Sentiu o bigode dele arranhar suas bochechas.

— Tive tanto medo que o senhor não voltasse — disse Ephraim. Ele nunca tinha falado isso em voz alta antes, mas agora era seguro fazê-lo.

— Eu tive que ir. Me perdoe. Eu tive.

Ephraim tocou uma das medalhas no peito do pai.

— O senhor foi muito corajoso — declarou ele. — Aposto que ajudou um monte de gente.

— Sim — respondeu o pai, afável. — Mas nenhuma delas era você.

Ephraim enxugou os olhos úmidos no uniforme do pai.

— Escrevi cartas para o senhor. Escrevi tantas.

O pai beijou o alto de sua cabeça.

— Eu sei — sussurrou ele. — Eu segui todas elas até chegar em casa.



Ephraim compareceu a todos os espetáculos do Dobra-Luz pelo resto da semana. Ele até pulou o espetáculo de voo da Incrível Mulher-Pássaro Amazônica para que tivesse certeza de ser a primeira pessoa na fila. Não importava quantas vezes revivesse a experiência, ele nunca se cansava da magia. Os espetáculos eram todos bem parecidos, mas nunca idênticos, então Ephraim podia ficar ansioso por ver as selvas inexploradas do mundo sem ter os mesmos macacos tagarelando para ele da mesma forma que tinham feito na visita anterior.

A única parte que nunca mudava era o final. O pai de Ephraim sempre voltava para casa.

Mais do que qualquer outra coisa que tivesse visto no Circo Mirandus, Ephraim carregava os espetáculos do Dobra-Luz no coração. Um mundo com tanta magia não podia ser tão horroroso quanto ele havia temido algumas vezes. Tendo vivido aquilo, ele achou que seria capaz de deixar sua praia para trás e ser corajoso enquanto esperava pela volta real de seu pai. Talvez pudesse até voltar a frequentar a escola.

O que Ephraim queria, mais do que qualquer coisa em seus últimos dias no Circo Mirandus, era simples, mas impossível. Queria falar com o Dobra-Luz depois do espetáculo. Queria estender a mão e dizer:

— Obrigado. Meu nome é Ephraim Tuttle e o senhor me *transformou*.

Ele tentou fazer isso todos os dias, mas no fim de cada espetáculo sempre ficava nervoso demais. O Dobra-Luz só tinha falado diretamente com Ephraim uma única vez e, em seus momentos mais

irracionais, o menino convenceu a si mesmo de que tinha imaginado a conversa toda. Dizer a outra pessoa que ela tinha nos *transformado* para melhor não era algo simples, e Ephraim sabia bem disso.

Mas, no último dia, no dia em que seu ingresso expirou, ele também sabia que era agora ou nunca.

Ficou tão nervoso durante o último espetáculo a ponto de nem conseguir se lembrar de ter visto a Antártica. Quando todos os outros saíram da tenda, ele se agarrou ao seu assento na arquibancada com as duas mãos, os joelhos imóveis, para que não pudesse sair correndo.

O Dobra-Luz observou os outros irem embora, se virou e então notou Ephraim, grudado no assento como uma craca teimosa. Ele sorriu.

— Acho que você já pode libertar o banco — disse ele. — Nunca o vi tentando escapar de uma criança. Gostou do espetáculo de hoje?

Não foi uma escolha feliz da parte do Dobra-Luz, porque Ephraim tinha acabado de ensaiar sua fala e ser questionado dessa forma o desestabilizou. Ele se levantou e estendeu a mão na direção de seu herói.

— Ephraim Tuttle, muito bem, qual é o seu?

O Dobra-Luz inclinou a cabeça.

— É um prazer conhecê-lo de novo, Ephraim — declarou ele. — Eu me chamo o Homem Que Dobra Luz. Se alguma vez já tive outro nome, eu me esqueci.

Então apertou a mão de Ephraim com firmeza.

O pobre Ephraim, sentindo-se duas vezes mais desconcertado do que antes, ficou em silêncio. *Se não conseguir dizer o que pretendia*, pensou, *vou ter que dizer alguma outra coisa, ou ele vai achar que sou maluco*.

— Acho que o senhor é o melhor… — observou ele. — Quer dizer, o senhor não tem ideia de como eu… As coisas que me mostrou eram

tão…

Ephraim tinha certeza de que estava corando até os dedos do pé. *Fale algo*, disse a si mesmo. *Fale qualquer coisa*.

Ele olhou para as próprias botas.

— O senhor gostaria de ver um truque de mágica? — falou sem pensar.

Ele e o Dobra-Luz piscaram um para o outro, surpresos. Nenhum dos dois achou que *aquela* oferta em particular seria o resultado da conversa.

— Ninguém nunca me ofereceu isso antes. — O Dobra-Luz pareceu considerar a pergunta com seriedade. — Sim — respondeu, por fim. — Sim, eu gostaria de ver o que quer que você tenha a me mostrar.

Então o homem sentou-se na primeira fileira da arquibancada e Ephraim subiu no palco e executou o único truque de mágica que sabia. Pegou o cadarço imundo de uma de suas botas e começou a atar um nó de grande complexidade. Tinha tantas torções e voltas que não era possível acompanhá-lo e, olhando para ele, dava a certeza de que nunca poderia ser desfeito.

Ephraim o estendeu para o Dobra-Luz e falou:

— Tente desfazer o nó.

O Dobra-Luz cutucou o nó, puxou e desembaraçou como pôde, mas tudo que puxava só fazia o nó parecer mais atado. Ele sorriu.

— Não consigo.

Então Ephraim estendeu um dedo e tocou um único ponto, *do jeito certo*, e, em vez de um nó, havia um cadarço. Ele fez uma reverência, e o Dobra-Luz deu uma risada.

— Que mágica adorável, Ephraim Tuttle. Obrigada por me mostrar. — Ele deu uma batidinha no banco ao seu lado e Ephraim sentou-se.

De repente, falar não era mais tão difícil, afinal de contas. Ephraim fez perguntas a respeito do circo e contou ao Dobra-Luz sobre a guerra, seu pai e sua mãe. Contou a ele sobre as cartas que escrevia todos os dias e sobre os planos de se tornar um ladrão de trens ou talvez um arqueólogo ou talvez um explorador das selvas.

— Fiquei preocupado quando você me disse que queria ver seu pai — confessou o Dobra-Luz.

— Por quê?

O homem esfregou a lateral do nariz.

— Nem sempre tenho certeza de até onde devo levar minhas ilusões. Não quero causar mais sofrimento do que alegria.

Ephraim não sabia se tinha entendido o que ele queria dizer.

— Porque eu podia ficar triste quando acabasse?

— Sim.

— Mas eu sabia que não era real — respondeu Ephraim. — Lá no fundo eu sabia que era um espetáculo, então tudo bem quando acabou. Não é como se o senhor tivesse me enganado. Isso teria sido diferente.

Algo sombrio e doloroso tomou o rosto do homem, mas desapareceu tão rápido que Ephraim pensou ter imaginado.

— Fico feliz em saber disso — comentou o Dobra-Luz. — Conte-me mais a respeito da sua mágica. Foi bem surpreendente, e eu não fico surpreso com facilidade.

Ephraim semicerrou os olhos. Quando decidiu que não estava sendo provocado, sorriu.

— Meu pai me ensinou. Ele consegue atar todos os tipos de nós. Eu também. Mas o que mostrei ao senhor é o melhor.

— Concordo — declarou o Dobra-Luz. — Nunca vi um nó melhor.

Ephraim sentiu como se pudesse flutuar do banco até o teto da tenda.

— Mas não é nada como o que o senhor faz. Seu espetáculo… é, bom, meu nó nem se compara!

— Você acha mesmo? — perguntou o Dobra-Luz. — Não sei se concordo.

— É só uma coisinha — observou Ephraim. — O que o senhor faz é… — Ele abriu os braços o máximo que pôde para indicar a tenda inteira e o circo e o mundo além dele.

— Só porque uma mágica é pequena, não significa que não seja importante — disse o homem. — Até mesmo as menores mágicas podem crescer.

Eles conversaram até que fosse quase hora de Ephraim ir embora de vez. Não fazia muito sentido, mas conforme os minutos passavam, ele podia *sentir* seu ingresso expirando. Parecia que estava sendo soterrado aos poucos em camadas de algodão. No fim, a sensação tornou-se desconfortável demais para ele ignorar.

— Tenho que ir.

O Dobra-Luz assentiu.

— Sim, eu sei. Está na hora.

Eles se levantaram e apertaram as mãos novamente. Então, uma expressão esquisita passou pelo rosto do Dobra-Luz, como se tivesse tido uma ideia inesperada, mas não de todo desagradável.

— Ephraim — disse ele numa voz comedida —, você gostaria de um milagre?

— Sim — respondeu Ephraim, que é a única resposta que alguém deve dar a essa pergunta.

— Qualquer coisa — explicou o Dobra-Luz. — Desde que esteja ao meu alcance. O que deseja?

Ephraim estava a ponto de pedir para ter seu pai de volta da guerra naquele momento, naquele minuto. Talvez o Dobra-Luz pudesse fazer

o Exército pensar que o pai dele estava ferido ou pudesse fazê-los esquecer completamente que já existira um cabo Tuttle. Ele abriu a boca.

E a fechou de novo.

A única carta de seu pai tinha informado que o que ele estava fazendo na guerra era muito importante, mesmo que o mantivesse longe da família. Dizia que ele já tinha salvado a vida de alguém. Dizia que as pessoas precisavam dele.

Mas eu preciso dele. A mamãe precisa dele.

Ephraim se lembrou daquela bela visão que o Dobra-Luz tinha lhe mostrado. Ele podia tê-la. Tudo que precisava fazer era pedi-la.

— Eu quero… — Dois Ephraims diferentes estavam lutando para usar a mesma boca. *Meu pai*, disse uma delas. *Fazer a coisa certa*, disse a outra. Aquilo estava ameaçando dividi-lo ao meio.

Papai gostaria que eu fizesse a coisa certa, pensou. *Mesmo que eu fique triste*. Ele inspirou e expirou o desapontamento algumas vezes para ter certeza de que conseguiria viver com o gosto daquilo.

Ele teria que pensar em outro milagre.

— Está com dificuldade para escolher? — perguntou o Dobra-Luz, parecendo surpreso.

Ephraim assentiu com uma careta.

— Eu posso guardá-lo para mais tarde?

— É um milagre. — O Dobra-Luz inclinou a cabeça e arqueou uma sobrancelha como se estivesse tentando entender que tipo de criatura Ephraim poderia ser. — Não tem data de vencimento.

— Ah! — Ephraim achou que aquilo fazia sentido. — Nesse caso, vou guardá-lo para quando eu realmente precisar. Muito obrigado.

Agora que a decisão estava tomada, ele percebeu que a sensação suave de seu ingresso expirando estava se tornando sufocante. Seu tempo

tinha acabado. Ephraim correu para a entrada da tenda e, logo que a alcançou, encontrou coragem. Olhou para trás, para o Dobra-Luz, e disse:

— O senhor me *transformou*.

16

A FOTOGRAFIA



— Tem certeza de que você mesmo não escreveu a mensagem de alguma forma? Ou a imaginou?

Micah espalmou a mão no cartaz com o *quipu* e olhou para Jenny.

— Você está sendo teimosa!

Eles estavam de pé na base do carvalho, colocando os pertences de Jenny no bagageiro da bicicleta.

— Como eu poderia ter imaginado algo assim?

— Talvez em um sonho?

— No meio da aula!

— A gente ficou acordado até bem tarde ontem à noite.

A sugestão parecia fraca, na melhor das hipóteses. Jenny se recusava a acreditar que o vento que Micah tinha sentido, a flecha em seu caderno e a mensagem que o *quipu* soletrara fossem fenômenos mágicos, mas não estava conseguindo explicar o que mais poderia ser. Ela também não conseguia negar o fato de que o vento tinha começado a soprar no momento exato em que Micah vira a mensagem e não parara desde

então. Estava mais para um vento normal do que para uma ventania agora, mas inegavelmente dava para segui-lo.

— Vamos só… não discutir mais sobre isso, está bem? — Micah colocou *O grande livro dos circos* no carrinho. — O que é esse troço, afinal?

— É a Patrulhinha do Pastor Watson — explicou Jenny, como se aquilo fizesse todo o sentido. Então ela viu a expressão no rosto de Micah e riu. — Watson é o pastor alemão da minha mãe. Eles vão para todo canto juntos.

Ela levantou a haste de apoio da bicicleta.

— Desculpe não poder ficar mais. Meus pais vão ficar preocupados. Mas tem *certeza* de que não quer que eu fale para a sua tia que você não teve nada a ver com as penas?

Micah balançou a cabeça.

— Prefiro evitá-la se puder.

O sorriso de Jenny enfraqueceu um pouco. Depois de um instante de silêncio constrangedor, ela disse:

— Bom… O que *vamos* fazer a respeito da mensagem?

— Vou fazer o que ela pediu, claro.

— Eu sei, mas… — Ela hesitou.

— Amanhã eu te conto tudo — prometeu Micah. — Quer dizer, se você quiser. Vou te contar tudo sobre o Dobra-Luz, a Mulher-Pássaro e o Homem-Músculo e tudo o mais.

Os olhos dela se arregalaram.

— Você vai *sem* mim?

Micah achou que ela tinha entendido.

— Tenho que ir hoje à noite, Jenny. O *quipu* disse meia-noite. Acho que é quando o circo vai abrir. Vovô Ephraim não pode esperar mais.

A mão de Jenny foi até uma das tranças e começou a puxá-la.

— Eu sei disso — disse ela. — Faz sentido, mas…

— Mas o quê?

Ela franziu a testa.

— Eu… eu não posso deixar você ir sozinho. Era uma aventura que a gente estava vivendo juntos. Vou com você.

Ele balançou a cabeça.

— E os seus pais?

Jenny se empertigou até ficar o mais alta possível.

— Vou sair de casa sem eles perceberem. — Ela falou isso da forma que outra pessoa anunciaria suas intenções de desarmar uma bomba.

Micah olhou para ela boquiaberto.

A menina montou na bicicleta.

— Estarei aqui às onze da noite — disse ela, séria. — Me ligue se o plano mudar. Meu telefone é 555-3612. É fácil de lembrar porque os números dobram: três, seis, doze.

Antes que Micah pudesse dizer qualquer coisa, ela saiu pedalando.



Evitar tia Gertrudis foi mais fácil do que Micah imaginara. Ela estava na cozinha, falando ao telefone com o dr. Simon.

— … dei uma dose extra ao meu irmão — dizia ela. — E não adiantou nada. Aquele menino não o deixa ter um momento de paz. Eu lhe contei que encontrei penas por todo o quarto? Totalmente insalubre…

Micah apressou-se para o andar de cima antes que conseguisse ouvir algo mais. Largou o *quipu* em cima da cama e disparou até o quarto do vovô Ephraim. A janela estava aberta, então o quarto estava claro, e o ar parecia mais fresco do que o habitual. Mas, para frustração de Micah, os olhos do avô estavam fechados. Ele se arrastou para perto da cama. Se a

respiração do vovô Ephraim não estivesse gorgolejando a cada inspiração e expiração, Micah teria ficado apavorado.

Ele parecia muito pior do que dois dias atrás.

As bochechas pareciam encovadas e muito pálidas. As mãos estavam pousadas sobre a colcha. Micah só resistiu ao impulso de pegar uma delas ao se lembrar de que depois daquela noite tudo melhoraria.

Mal podia esperar pela meia-noite.

A voz de sua tia era apenas um murmúrio através das tábuas do assoalho, mas contanto que ele ficasse quieto, saberia quando ela terminasse a conversa com o dr. Simon. Ele desamarrou os cadarços e tirou os sapatos para que pudesse andar só de meias.

Micah percorreu o quarto, olhando para as fotografias. De vez em quando, ele entortava uma um pouquinho para o lado. Quando fazia isso, parecia que vovô Ephraim estava no comando das paredes e não tia Gertrudis. Então chegou ao canto perto da cômoda e viu que uma das fotografias já estava torta.

Não muito torta, mas todas as outras molduras no quarto tinham sido ajeitadas com tanta perfeição que Micah poderia ter equilibrado uma bolinha de gude na moldura sem se preocupar de ela rolar. Na foto, um vovô Ephraim mais jovem usava um terno cinza. Estava com o braço na cintura de uma bela mulher com um vestido de bolinhas. Ela era bem pequena. O alto de sua cabeça não alcançava o ombro do vovô Ephraim. Era a avó de Micah.

Ele tirou o retrato do prego que o fixava à parede com cuidado. Virou-o em suas mãos, procurando por quaisquer pistas que pudessem dizer a ele o que tinha de diferente.

No verso da velha moldura de madeira havia um ganchinho. Micah o levantou com cuidado com o dedão para que pudesse tirar a foto. A

fotografia estava fria e suave ao toque e, quando Micah a libertou, viu que tinha algo escrito em uma caligrafia arredondada no verso.

Ephraim & Victoria Tuttle no jardim,
fotografados por Gertie

Ele pensou que era maravilhoso que em outros tempos tia Gertrudis tivesse sido gentil o bastante para tirar fotografias das pessoas. Imaginou o que tinha dado errado.

O colchão rangeu atrás dele, e Micah olhou por sobre o ombro. Vovô Ephraim estava se remexendo enquanto dormia. Micah colocou a foto de volta na moldura depressa.

— Micah? — Vovô Ephraim parecia grogue.

O menino correu para a beirada da cama, pegou a mão do avô e a segurou com carinho. Estava muito mais magra e fria do que ele se lembrava.

— Olhe só para você — disse vovô Ephraim. Seus olhos estavam brilhantes, mas a cabeça continuou pousada nos travesseiros. Ele não se inclinou na direção de Micah, como costumava fazer. — Crescendo de novo. Devem estar te ensinando ser um gigante na escola.

Era uma velha piada que faziam porque Micah era baixinho para sua idade. Vovô Ephraim dizia isso todo dia quando ele voltava da escola.

— Não acho que estou mais alto — respondeu Micah. — Mas soube de algo importante. — Ele se curvou até perto do ouvido do avô. — O Circo Mirandus está vindo. Esta noite. Vou trazer o Dobra-Luz para o senhor.

Micah detestava admitir, até para ele mesmo, mas uma parte dele estava desapontada por essa notícia não ter feito o vovô Ephraim saltar da cama com alegria.

— Esta noite, é? — indagou ele. — Você vai ter que se certificar de ver tudo por mim. E cumprimentar a elefanta. Sempre nos demos bem.

— Vou ter tempo para isso depois — comentou Micah. — Primeiro temos que fazer o Dobra-Luz vir até aqui.

Vovô Ephraim suspirou. Seus olhos encararam os de Micah.

— Me prometa que vai ver um pouco de magia esta noite. Me prometa que não vai deixar as preocupações atrapalharem você. Se fizer isso, vou ter meu milagre.

— Mas…

— Me prometa. — A voz dele estava muito séria.

— Prometo — disse Micah, relutante.

O avô apertou sua mão com mais força.

— Quero que você fique com algo. Para dar sorte.

Ele apontou com a cabeça em direção à mesinha de cabeceira e Micah abriu a primeira gaveta. Dentro havia uma Bíblia, duas gravatas, abotoaduras de prata manchadas e um cadarço comprido e sujo.

A respiração de Micah ficou presa ao ver o cadarço. Seus dedos pairaram sobre ele.

— Tem certeza?

— Ele esperou por muito tempo para voltar ao Circo Mirandus.

Micah enrolou o cadarço áspero e rígido várias vezes ao redor do punho e o atou cuidadosamente com a mão livre.

— Um belo e forte nó Tuttle — disse vovô Ephraim de modo aprovador. — Eu mesmo não teria feito melhor.

Então ele hesitou, como se quisesse dizer algo importante e não conseguisse decidir se deveria ou não. Micah se inclinou na direção dele, mas vovô Ephraim balançou a cabeça.

— Conte-me sobre os dois últimos dias — disse ele. — O que esteve fazendo?

Micah pensou no *quipu* e no vento. Pensou que teve que passar a noite na casa na árvore porque tia Gertrudis o tinha expulsado.

— Fiz um amigo — contou ele.

O sorriso do vovô Ephraim se abriu por todo o rosto.

— É verdade? — perguntou ele. — Conte-me mais sobre ele.

— Ele é uma menina.

— Ah, é?

Vovô Ephraim ergueu as sobrancelhas, e Micah bufou.

— Nãããão — disse ele. — É uma *amiga*. O nome dela é Jenny Mendoza e ela é a aluna mais inteligente de todo o quinto ano.

— Deve ser mesmo, se é sua amiga.

Micah contou a ele tudo sobre o projeto e sobre Jenny vir para ajudá-lo. Ele tentou fazer parecer que o fato de terem passado a noite na casa na árvore fosse apenas porque era algo interessante. Dava para ver que vovô Ephraim não acreditou nele pelo jeito que seus olhos se estreitaram.

— Bom — acrescentou Micah, depressa —, Jenny vai vir comigo esta noite. Ela vai me ajudar a chegar ao Circo Mirandus.

A respiração barulhenta do vovô Ephraim parou por um segundo.

— Você vai levá-la com você?

— Ela não mora longe daqui. Vou mantê-la segura.

Os lábios do avô se contraíram nos cantos.

— Tenho certeza de que vai. E tenho certeza de que nunca vou contar sobre as escapadas de sua amiga para os pais dela. — Ele fez uma pausa. — Mas, Micah, você levou em conta que o circo pode não ser o lugar certo para ela?

Micah franziu a testa.

— Ela parece um pouco… rígida — disse vovô Ephraim com cautela. — E o Circo Mirandus não é um lugar para pessoas rígidas.

— Ela é minha amiga — falou Micah.

Vovô Ephraim observou o rosto dele. Então assentiu.

— Apenas seja você mesmo esta noite, Micah. É mais do que suficiente.

Antes que Micah pudesse perguntar o que ele queria dizer com aquilo, o murmúrio da tia Gertrudis no andar de baixo parou.

— Acho que é a sua deixa — comentou vovô Ephraim. — É melhor não se meter em confusões com ela quando você tem planos tão importantes pela frente.

Micah concordava em gênero, número e grau. Ele desceu da cama e se curvou para pegar os sapatos. Estava se levantando quando viu a pena. Era de um vermelho tão vivo que quase fez seus olhos lacrimejarem, e estava no chão bem perto dos pés da cama. Não tinha como tia Gertrudis não tê-la visto quando limpou o quarto naquela manhã. Micah a pegou.

— A Chinfrim já voltou? — perguntou enquanto girava a pena imaculada entre os dedos. — Por quê? O que ela falou?

— Nada com que se preocupar. — A expressão no rosto de seu avô era esquisita. — Ela só queria me fazer algumas perguntas.

Micah hesitou.

— Não entendo…

— Está tudo bem, Micah. Eu juro.

Eles ouviram passos subindo as escadas.

— Rápido — disse vovô Ephraim. — Vá.

Micah partiu.



17
AS NOTÍCIAS DE CHINFRIM



O Circo Mirandus raramente ficava tão agitado como estava em sua primeira noite em Peal. A maioria dos artistas ainda não sabia por que tinha sido jogada num novo continente tão de supetão e o administrador ficava convocando reuniões a todo o momento para manter a equipe atualizada. As tendas tinham que ser arrumadas, os horários precisavam ser revistos e é claro que havia um alvoroço barulhento com os animais, porque não importava quantas vezes tivessem feito isso, os bichos ainda achavam que viajar pela Porta era uma péssima ideia.

Chinfrim também estava ocupada. Quando não estava correndo para lá e para cá com mensagens, tentava convencer todos a usarem "Dobra-Luz", apesar da teimosia do Homem Que Dobra Luz a respeito do novo nome.

O *Dobra-Luz* estava tentando colocar sua tenda em ordem quando Chinfrim entrou voando para compartilhar as últimas notícias. Por causa da mudança repentina, os livros estavam espalhados por toda

parte, as roupas, esparramadas pelo chão e o poleiro de Chinfrim tinha sumido. Ela pousou na penteadeira enquanto ele andava para lá e para cá entre a bagunça.

— Era Victoria — grasnou Chinfrim. — Na foto na parede do velho. Ele não quis falar a respeito, mas era ela.

— Impossível — afirmou ele. — Não faz sentido. Como Ephraim poderia conhecê-la?

— Não estou mentindo!

— Nunca falei que você estava. — Ele pegou um lampião, olhou para ela com uma expressão vazia e então o colocou de volta exatamente na mesma posição. — Mas não faz sentido.

— Isso não é tudo. — Ela se agitou, pulando para cima e para baixo, ansiosa.

Ele não olhou para a papagaia.

— Você entregou a mensagem a Ephraim? — perguntou. — Disse a ele que…

— Eu *disse* a ele — reclamou Chinfrim. — Você está me ouvindo? Eu falei que *isso não é tudo*.

— Tudo o quê?

Ela grasnou para ele.

— Isso não é tudo a respeito *dela*. Há mais.

Ele jogou as mãos para cima.

— Não posso me preocupar com ela. Não hoje. Não neste momento.

— Isso sim é novidade.

Ele olhou feio para ela.

— Se não tomar cuidado, vou fazer você se parecer, soar e cheirar como um *avestruz* por uma semana inteira.

Chinfrim hesitou.

— Você não faria isso.

Ele começou a colocar os livros nas prateleiras.

Chinfrim andou de um lado para outro na penteadeira até achar que ia explodir.

— É importante! — explodiu ela. — Não me importo se você me transformar num avestruz.

O Dobra-Luz suspirou e seus ombros se encurvaram.

— O quê?

— Na foto, ela estava usando um vestido de bolinha — contou Chinfrim de modo sombrio.

— E isso é importante?

— Ela estava usando um *vestido*.

O Dobra-Luz teve a ousadia de parecer confuso.

— Victoria era, ou é, uma garota. Elas fazem coisas assim.

— Era um vestido muito bonito, e ele estava de terno, e os dois estavam muito perto um do outro. — Chinfrim assentiu sabiamente.

Mas o Dobra-Luz ainda parecia confuso. Ela decidiu que era melhor falar com todas as letras.

— Acho — explicou ela — que eles podem ter chocado um ovo juntos.

Ele a encarou por tanto tempo que Chinfrim achou que o Dobra-Luz estava com dificuldade para lidar com a gravidade da situação. Ela começou a remexer nos objetos na penteadeira com o bico para ver se havia sais para cheirar por ali, mas então saiu um som de dentro dele que a fez parar.

Aquele horrível Dobra-Luz, aquele mágico desgraçado, estava gargalhando.

Ela jamais vira algo parecido. Ele quase nunca ria e agora o homem precisava se apoiar nas estantes enquanto gargalhava como um louco. Ele obviamente tinha cedido sob a pressão dos últimos dias.

— Estou falando sério! — guinchou ela.

— Me perdoe — falou de modo ofegante entre risadas. — Eu sei que está.

— Micah Tuttle pode ser neto de Victoria!

Aquilo o fez ficar sóbrio.

— Pode — reconheceu ele. — Mas isso não importa agora. Ainda nem conhecemos o menino.

— Vai importar para o sr. Head! Você sabe que vai.

— Não tanto quanto você imagina. — O Dobra-Luz encarou os olhos cheios de dúvida dela. — No entanto, não vamos mencionar isso para ele ainda.

— Sei guardar segredo. O Head estava muito ocupado para me escutar, de qualquer forma. Mas nada mais de gargalhadas! — Ela estalou o bico para ele. — Não entendo o que você achou tão engraçado.

Ele colocou a mão sobre a boca para esconder o que Chinfrim tinha certeza de que era um sorriso inapropriado.

— Minha cara papagaia, preciso lhe informar: crianças humanas não vêm em ovos.

18

A Incrível Mulher-Pássaro Amazônica



Victoria Starling tinha treze anos quando seu pai teve o terceiro surto de loucura. Pessoas mais gentis poderiam ter chamado tal surto de um momento de inspiração divina ou apenas uma mudança de opinião, mas a mãe de Victoria estivera casada com o sr. Starling por dois surtos de loucura legítimos. Ela não parecia inclinada a ter uma visão muito tolerante.

A própria Victoria nunca fora tolerante. Ela achava que era um tremendo desperdício de tempo e esforço.

O primeiro surto começara logo após os Starling se casarem e envolvia uma obsessão com chapelaria, que é uma palavra chique para confecção de chapéus. O sr. Starling largou uma carreira lucrativa no banco para fazer chapéus femininos elegantes. Todos eram bem feios e, depois de se aposentar, um certo museu manteve a coleção guardada para que pudessem exibi-la durante um daqueles períodos de marasmo quando as pessoas se cansavam de ver sarcófagos egípcios.

A loucura por chapelaria acabou logo depois do nascimento de Victoria, quando teve início o segundo surto. O sr. Starling mudou sua família para as terras selvagens do Canadá para iniciar uma carreira como peleiro, que é um jeito chique de dizer que ele correu pela floresta golpeando animaizinhos na cabeça e arrancando as peles deles.

O sr. Starling era melhor em golpear e pelar do que qualquer outro. Ganhou muito dinheiro, e sua filha usufruiu de todos os luxos que uma garota poderia desejar. O sr. Starling mandava encomendar vestidos, chocolates e bonecas de porcelana. Mas Victoria nunca estava plenamente satisfeita com esses presentes. De que adiantava ter vestidos lindos se não havia ninguém por perto para sentir inveja do quão maravilhosa você ficava neles?

Ela desejava a admiração dos outros e não havia muito disso nas terras selvagens. Victoria tinha certeza de que estava destinada a algum lugar bem mais incomum e glamoroso.

O terceiro surto de loucura do pai foi um tremendo desapontamento.

Chegou à noite e tirou o sr. Starling da cama. Ele acordou a mulher e a filha para anunciar que estava determinado a se tornar um missionário para tribos pagãs isoladas da floresta amazônica. Tinha certeza de que essas tribos existiam em enorme quantidade e que iam saudá-lo de braços abertos.

A sra. Starling e Victoria protestaram em extensão e volume extraordinários, mas o sr. Starling não deu ouvidos.

— Encontrei minha verdadeira vocação, querida — disse ele à esposa. — Não está feliz por mim?

Ela irrompeu em lágrimas.

O sr. Starling lembrou a esposa de que ela também não havia ficado nem um pouco empolgada com o Canadá.

O terceiro surto decolou em velocidade recorde. O sr. Starling vendeu seu negócio de peles por uma ninharia e informou à esposa e à filha que só poderiam levar uma mala cada uma para a jornada, já que iam fazer voto de pobreza.

Então o sr. Starling cometeu um erro fatal. Em vez de viajar de navio ou trem, como um homem normal daquele tempo, ele decidiu cobrar um favor de um amigo que tinha um avião. A aeronave teria que fazer algumas paradas ao longo do trajeto, mas os levaria à vida missionária mais rápido do que qualquer outro meio de transporte.

— Não vou fazer isso! — choramingou a sra. Starling. — Não vou subir numa dessas gerigonças modernas. Não vou!

A sra. Starling repetiu "Não vou, não vou!" até o dia da viagem, e ela foi enfiada junto à sua mala gigantesca dentro do minúsculo avião.

Victoria não falou muito. Ela nunca tinha presenciado um dos surtos do pai antes. Era bem parecido com ser atingido por um raio num dia de céu claro. No início, ela estava muito aturdida pela guinada que sua vida dera para ficar com raiva, mas aquilo começou a mudar quando ela viu o avião.

— O senhor não pode estar falando sério — disse a menina com seriedade. Era a primeira vez que falava em dias. — Não vou me submeter a essa maluquice!

— É perfeitamente seguro, querida — afirmou o piloto, empurrando-a para o assento ao lado da mãe. — Já pilotei essa belezura quatro ou cinco vezes e ela nunca me deixou na mão.

Infelizmente para a família Starling, a quinta ou sexta vez não foi tão tranquila.



Quando Victoria parou de chorar, a primeira coisa que notou foi que cair estava levando muito tempo. Hélices, malas, os próprios pais — tudo tinha caído mais ou menos na mesma velocidade em direção à terra lá embaixo. Mas a julgar pela posição do sol, aquilo havia acontecido horas antes.

Ela era uma menina estudada e sabia que algo assim não deveria ser possível.

Tudo isso, desde o início, fora um sonho terrível. O pensamento preencheu Victoria com determinação. Se ela pudesse se beliscar forte o bastante, acordaria em segurança no solo, em casa, em sua bela cama coberta de pele e tudo voltaria ao normal.

Ela beliscou a parte de dentro do cotovelo até formar um hematoma. Victoria olhou para o machucado e, quanto mais olhava, mais furiosa ficava. Como os pais dela puderam colocá-la naquela situação? Como puderam morrer de uma maneira tão horrorosa e ridícula?

Egoísmo. Essa era a resposta. Seu pai quisera ser um missionário, entre tantas coisas, quando a filha com certeza estava destinada a algo maior. E sua mãe não a havia protegido da loucura dele. Os pais não conseguiram reconhecer o quanto a filha era especial.

Olhem para mim agora, pensou ela. *Não estou caindo na terra como uma pessoa patética comum. Sou extraordinária. Como eles ousaram se recusar a enxergar?*

Ela queria gritar. Seus pais não tinham entendido nada. A única forma de provar como estavam errados a respeito dela era Victoria fazer tudo da maneira correta. Ela seria rica. Seria famosa. Poderosa.

A menina virou o rosto para o sul e começou a voar.



Nos meses seguintes, Victoria Starling vagou em busca de fama e glória.

Em certo momento, descobriu o dom para o canto. Todos os tipos de pássaros se encantavam por ela, hipnotizados por sua voz, e ela mantinha os seus preferidos como bichos de estimação. Apesar de seus talentos serem substanciais, ela logo percebeu que as oportunidades para exibi-los não eram. Feiras regionais e shows itinerantes só lhe ofereciam comida e abrigo, mas não era isso o que ela tivera em mente quando partiu em sua busca. E era difícil arranjar dinheiro para comprar sabonete, imagine casacos de pele.

Algumas vezes, Victoria tinha o terrível pensamento de que estava começando a parecer *mal-ajambrada*.

Mas sua sorte mudou naquele inverno. Ela estava indo embora voando de uma feira itinerante particularmente suja quando olhou para baixo e avistou o Circo Mirandus. Victoria quase podia sentir a magia irradiando dali e soube que aquele era o lugar certo para ela. Ela voou direto para a tenda do administrador e se apresentou como a Incrível Mulher-Pássaro Amazônica. Pediu um emprego.

Pedidos como os de Victoria apareciam a cada um ou três séculos. As pessoas com uma magia poderosa eram poucas e raras, e o Circo Mirandus possuía um grande apelo para tais indivíduos dotados. Mirandus Head avaliava cada um deles com extremo cuidado e normalmente as decisões eram tomadas com facilidade. O caso de Victoria, entretanto, trazia uma dificuldade incomum.

O administrador e alguns de seus melhores artistas assistiram ao teste dela na tenda principal com uma sensação crescente de inquietação. Ela era tão graciosa no ar quanto uma andorinha. Tinha a voz de anjos. Mas a personalidade… Bem, essa deixava a desejar.

O Circo Mirandus queria difundir a magia pelo mundo. Os artistas serviam de inspiração para as crianças. Era uma vocação que exigia um tipo especial de pessoa e, se fosse honesto consigo mesmo, o sr. Head

tinha que admitir que Victoria não se encaixava muito bem na descrição. Ela era volúvel, inexperiente e estava totalmente convencida de sua própria importância.

Mas ela só tinha quatorze anos. Como ele podia deixá-la se virar sozinha?

Ela pousou em frente a ele numa nuvem de serragem. As mãos apoiadas na cintura, o sorriso aberto.

— E então? — perguntou ela. — É um espetáculo bem fantástico. Tenho certeza de que concorda. Temos um acordo?

Ele deveria ter dito não. Estava prestes a fazer isso. Não podia arriscar a missão do Circo Mirandus por alguém tão orgulhoso e inexperiente como Victoria Starling.

Mas um dos artistas, um que estava assistindo em meio às sombras, se manifestou.

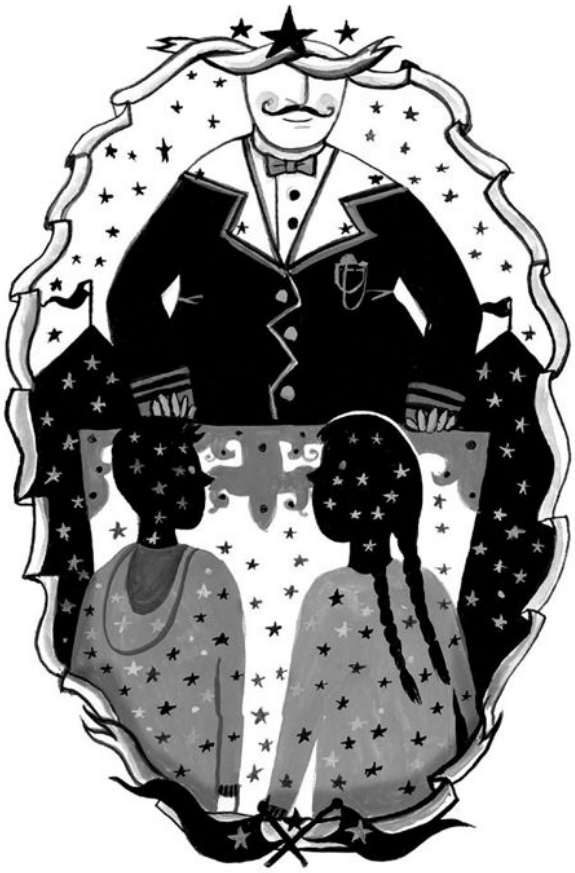
— Ela é só uma menina.

As sombras se afastaram do Homem Que Dobra Luz conforme ele se aproximou do administrador.

— Posso ficar de olho nela — afirmou ele.

Se qualquer outra pessoa tivesse feito essa oferta, o chefe do Mirandus teria rejeitado.

Mas o Homem Que Dobra Luz não era qualquer um.



19

Convites indefinidos



Logo após as onze da noite, Micah ficou parado na calçada em frente à sua casa. Ele estava usando o cadarço do avô para dar sorte e tinha libertado o *quipu* da cartolina e o colocado no bolso do casaco, também para dar sorte. Cruzava os dedos das mãos e dos pés enquanto esperava Jenny chegar. Esse era o tipo de noite que parecia precisar da maior quantidade de boa sorte possível.

A temperatura havia caído desde a tarde, e Micah soltava baforadas de vapor que só sobreviviam por um instante na brisa constante. Ele ficou de olho no segundo andar da casa, caso tia Gertrudis levantasse e resolvesse olhar pela janela, e também na rua vazia à sua frente. Os carros estacionados estavam escuros e silenciosos, assim como a maioria das casas vizinhas.

Micah tinha conseguido tirar sua bicicleta da garagem naquela tarde sem a tia perceber. Fazia vários meses que não andava nela, e os pneus estavam meio vazios. Ele não sabia o quanto teriam que pedalar naquela

noite. Seguir o vento parecia empolgante e tal, mas o menino não conseguia evitar de pensar que, as instruções eram um pouco vagas.

Micah escutou Jenny chegar antes de vê-la. A Patrulhinha do Pastor fazia barulho quando chacoalhava na calçada. Ela estava usando capacete, calça jeans, botas de caminhada e uma jaqueta preta. O cabelo estava preso numa única trança grossa, em vez de em duas. Micah suspeitou que essa roupa era a versão de Jenny para uma armadura de guerra.

— Você está pronto? — perguntou ela ao parar perto dele.

Havia certo tremor em sua voz, mas Micah decidiu não mencioná-lo quando subiu na própria bicicleta. Ele lambeu o dedo indicador e o levantou para o vento do jeito que tinha visto as pessoas fazerem em filmes.

— Está soprando naquela direção.

— Isso é maluquice — sussurrou Jenny. — Maluquice total.

Apenas dois carros passaram por eles enquanto iam para o centro da cidade e Micah estava feliz por as ruas estarem silenciosas. A última coisa que precisavam era de um adulto preocupado parando-os para fazer perguntas.

Eles não conversaram muito enquanto pedalavam. Micah não tinha certeza do que se passava na cabeça de Jenny, mas seus próprios pensamentos eram uma confusão de esperança e preocupação. E se o vento parasse? E se não parasse, mas os levasse adiante até amanhecer? E se tia Gertrudis ou os pais de Jenny percebessem que eles não estavam em casa?

Pararam duas vezes para verificar a direção do vento e reajustar a rota. Quando zarparam a segunda vez, Jenny pigarreou.

— Micah, se esse circo está mesmo na cidade…

— Ele está.

— Eu só ia dizer que, se ele está mesmo na cidade, acho que sei onde vai ser.

Micah olhou para ela. A expressão de Jenny estava pensativa e preocupada.

— Onde? — indagou ele.

— Só existe um lugar grande o suficiente para um circo nesta parte da cidade — afirmou ela. — Você se lembra na semana passada…

Micah captou a ideia.

— Eles fizeram um desfile de balões. — Ele mesmo deveria ter pensado naquilo. O homem do tempo tinha mencionado o desfile na manhã do dia anterior. — Para a grande inauguração…

— Do novo complexo do Departamento de Recreação — finalizou Jenny. — Se um circo está por aqui, aquele é o único lugar possível.

Micah refletiu enquanto pedalavam pelas janelas escuras de casas e escritórios. Ele sabia que o Circo Mirandus não precisava necessariamente seguir as regras normais a respeito de espaço. As descrições de seu avô lhe ensinaram isso. Mas por que não tirariam vantagem de uma grande área aberta sempre que pudessem?

— Se ele não estiver no Departamento de Recreação — disse Jenny, hesitante —, acho que talvez a gente devesse voltar para casa.

— Não posso voltar para casa. Pelo menos não até eu encontrar o Dobra-Luz.

Ele não voltaria mesmo que tivesse que pedalar até as rodas da bicicleta caírem.

— Micah… — Jenny parou quando chegaram a uma faixa de pedestres. Eles aguardaram até o sinal ficar vermelho, apesar de não haver nenhum carro à vista. Os Campos de Recreação de Peal estavam logo à frente.

Micah deu uma olhada na entrada e suas esperanças minguaram. Parecia propositalmente entediante. Cercas sujas separavam os campos da rua e uma grande placa com letras de forma indicava onde ficava o estacionamento. Quando pegaram o caminho principal, campos gramados se estenderam à frente deles como uma colcha.

Isso não está certo, pensou Micah. *Isso não parece um lugar especial.* Tinha até um cheiro não mágico, de grama, tinta e asfalto frescos. Ele espiou à frente, torcendo para avistar algo fora do comum, mas a grama baixa só era interrompida por cercas, postes de luz e…

— Caramba! — exclamou Jenny.

Eles pararam. Criaturas gigantes de balão flutuavam sob o luar de forma meio sinistra. Cada uma delas era um mascote de esporte que tinha voado acima do complexo na semana anterior para marcar a grande inauguração. Eram visíveis até do outro lado da cidade. Agora estavam amarradas ao chão com cordas e estacas no lugar que provavelmente seria um campo de beisebol quando o Departamento de Recreação se livrasse do gorila inflável do tamanho do King Kong. Havia uma vespa, um urso e um homem que Micah pensou que podia ser algum tipo de um soldado, mas o gorila era o maior. Quatro cordas grossas o ancoravam ao chão.

— Acho que estão mantendo esses balões por aqui para divulgação — comentou Jenny. — Ou talvez queiram exibi-los no desfile do Dia do Trabalho.

Micah fitou os balões. O silêncio dos campos vazios pressionou seus ouvidos até que, como se estivesse esperando pelo momento perfeito, um som adentrou sua consciência. Ele fechou os olhos e se concentrou. Era fraco e distante no início, mas pareceu ficar mais forte quanto mais ele ouvia.

Era música. Flautas e tambores.

— Você está ouvindo? — perguntou ele a Jenny.

Ela balançou a cabeça.

— Não estou escutando nada.

— É a música! A música que vovô Ephraim escutou. — Micah podia senti-la agora, atraindo-o. — Você estava certa, Jenny! Eles *estão* aqui.

Jenny franziu a testa para o chão, e Micah sabia que ela estava tentando com toda a força escutar também.

— Bom… — declarou ela. — Não sei. De onde ela vem?

Eles estacionaram as bicicletas em suportes, e Micah liderou o caminho.



Micah achou que ver o circo pela primeira vez seria, de alguma forma, surpreendente, mas foi a coisa mais natural do mundo. Entre um passo e outro, ele se encontrou cara a cara com o lugar que vovô Ephraim descrevera tantas vezes. O Circo Mirandus tinha arranjado um lugar para si entre dois campos de beisebol e parecia normal para Micah que estivesse ali. As tendas, as lâmpadas tremulando, o prado — parecia que o circo estivera esperando por ele o tempo todo.

O vento o empurrou para a frente. A música o empurrou para a frente. Ele achara que seria difícil manter a promessa feita ao vovô Ephraim. Como poderia se divertir quando estava numa missão? Agora, entretanto, ele se sentia encantado com a visão do circo.

— É lindo — murmurou ele. — Não é perfeito?

— Do que você está falando? — perguntou Jenny. Ela estava lançando um olhar preocupado para ele. — O que é perfeito?

— O circo, é claro!

Ela olhou bem na direção das tendas sublimes. Piscou.

— Você está… você está se sentindo bem?

— Você só pode estar brincando — disse Micah. Ele apontou na direção do circo. — Não está? O Circo Mirandus está aqui. Está bem aqui, como você falou que estaria!

No início, ela não pareceu acreditar nele. Apertou a trança com força e olhou fixamente para o lugar que ele apontava até seus olhos começarem a lacrimejar.

— Não sei, não sei — disse ela. — Isso não faz sentido. Mas você não mentiria para mim, não é, Micah?

O peito de Micah se apertou com o tom nervoso dela.

— Não! Não, eu prometo, Jenny. — Ele pegou o braço dela e a puxou para a frente. — Só um pouco mais perto e tenho certeza de que você vai ver. Só não estamos perto o suficiente.

Mas eles estavam mais do que perto para Micah enxergá-lo.

— Está bem. — A voz de Jenny ficou séria tão rápido que ele olhou para trás a fim de se certificar de que estava conduzindo a pessoa certa. — Deve haver uma explicação lógica para isso.

Ele praticamente podia ver o cérebro dela trabalhando.

— Câmeras! — exclamou ela, estalando os dedos. — Ouvi falar disso. Eles podem fazer objetos parecerem invisíveis usando várias pequenas câmeras e telas para refletir uma imagem diferente.

— Sério? — perguntou Micah. — Talvez seja isso.

Ele continuou arrastando-a para a frente. Se a puxasse até o Circo Mirandus, a magia teria que se mostrar para ela. Não teria? *Ah, por favor, permita que ela veja*, pensou ele. *Não é justo se ela não conseguir ver*.

— Eu devo estar pegando os ângulos errados — comentou Jenny quando eles já tinham chegado à fila do bilheteiro. — Logo vou ver.

A compreensão atingiu Micah como um soco no estômago.

Jenny não conseguia enxergar o Circo Mirandus porque não estava procurando pelo Circo Mirandus. Nunca estivera. Ele parou de andar e se virou para ela.

— Não são câmeras, Jenny — falou.

— O que mais poderia ser?

Ele respirou fundo.

— Você confia em mim?

— É claro que confio!

Ele a olhou nos olhos.

— É magia, Jenny. É magia. É por isso que você não consegue ver. Você tem que acreditar em mim.

Ela já estava balançando a cabeça.

— Micah, não consigo…

— Por favor? — Ele apertou o braço dela com mais força. — Por favor, tente acreditar.

— Mas é impossível! — choramingou ela. — É ridículo!

— Você não consegue nem fingir? Você nunca fingiu que a magia era real?

As sobrancelhas de Jenny se franziram em confusão.

— Só finja por um segundo — pediu ele. — Apenas diga "é um circo mágico". Só uma vez. — Talvez ela não tivesse que acreditar totalmente. Talvez acreditar só um pouquinho fosse o suficiente.

— É um circo mágico? — disse Jenny.

— Diga como se você acreditasse nisso!

Ela olhou brava para ele.

— É um circo mágico.

Por vários e longos segundos, nada aconteceu. Então os olhos de Jenny se arregalaram.

— Ah! — exclamou ela. — Como…?

Com um suspiro de alívio, Micah puxou-a para a fila. Ele espiou o bilheteiro logo à frente. Era Geoffrey, que estivera lá desde 500 a.C. Era igualzinho a como o vovô Ephraim descrevera, até o monóculo dourado. Micah sussurrou isso para Jenny enquanto esperavam.

— Provavelmente é um negócio de família. Ele deve ser filho ou sobrinho do original, imagino.

Micah balançou a cabeça e suspirou. Quando dissera que ela só precisava fingir que a magia era real por um segundo, ele não quisera dizer aquilo. Vovô Ephraim o tinha alertado, mas ele não achara que seria assim. Como Jenny podia não entender?

— O que é ótimo para você — acrescentou ela. — Significa que quem quer que seja o atual Dobra-Luz, provavelmente será parente do antigo. Ele pode até ter ouvido falar do seu avô pelo antecessor! Não seria incrível?

Ela estava tão empolgada por ele que se balançava na ponta dos pés. Ele se recusou a se arrepender de tê-la trazido. Ela enxergaria quando estivessem lá dentro. Seria impossível para ela ignorar a verdade para sempre.

— Vão entrar? — disse uma voz bem ao lado do ouvido de Micah. Ele pulou de susto. Geoffrey estava ali de pé, piscando para ele pelo monóculo. — Trouxeram os ingressos?

— Você não os vende? — indagou Jenny. — Não é o seu trabalho?

Foi ali que Micah percebeu que poderiam ter um problema.

Não era possível comprar um ingresso para o Circo Mirandus. Não era esse tipo de lugar. Micah compreendia, mesmo que Jenny não. Ela já estava discutindo com Geoffrey sobre a definição das palavras "válido em todo o território nacional". Aparentemente, elas estavam estampadas na nota de cinco dólares em sua mão.

O vento agitou o cabelo de Micah, e ele teve uma ideia. Tirou o *quipu* do bolso e o chacoalhou algumas vezes para que ele se desembaraçasse. Estendeu-o para Geoffrey.

O bilheteiro o pegou e o encarou por um bom tempo pelo monóculo.

— Isso não é um ingresso, Micah Tuttle.

O coração de Micah quase parou. Ele não tinha mais nada que pudesse servir de ingresso.

— Isso é um convite — continuou Geoffrey.

— Como você sabe o nome dele? — perguntou Jenny, desconfiada.

— Por quanto tempo vale o convite? — indagou Micah, o que parecia uma pergunta muito mais importante.

Geoffrey trocou o monóculo para o outro olho e lançou-lhe um olhar perscrutador.

— Indefinidamente.

Jenny parecia impressionada.

— Você quer dizer que vale para sempre?

— Arrá! — comentou Geoffrey. — Olhe agora quem não sabe as definições das coisas.

Ela estufou o peito e abriu a boca, mas Geoffrey a interrompeu.

— Quero dizer que vale por quanto tempo valer — continuou ele. — E depois não vale mais.

Micah ainda não estava certo do que significava "indefinidamente" baseado na conversa deles, mas entendeu que estava sendo admitido no circo. Pegou a mão de Jenny e puxou-a na direção da entrada.

Geoffrey pigarreou.

— O nome dela não está no convite.

Ele levantou o *quipu* como prova, e Micah apertou a mão de Jenny.

— O nome dela está bem ali — afirmou ele, apontando para a linha amarela que soletrava o nome de Jenny no alfabeto de nós. Ele sabia

que não era isso que o bilheteiro queria dizer, mas também sabia que não podia deixar sua amiga do lado de fora sozinha.

— *Hum* — resmungou Geoffrey. Ele examinou o *quipu*. — Se é assim que você quer jogar.

Ele deu um passo para o lado e fez um gesto amplo com o braço.

— Sejam bem-vindos, Micah Tuttle e amiga, ao Circo Mirandus.

E, por fim, depois de uma longa espera, Micah entrou na história de seu avô.

20

CIRCO MIRANDUS



Micah via a bandeira dourada no topo da tenda do Dobra-Luz tremulando na brisa, mas ela podia estar a quilômetros de distância. O Circo Mirandus não era o tipo de lugar onde era possível navegar com facilidade. A magia estava em toda parte. O ar tinha cheiro de grama, fumaça e bolo de chocolate. Luzes piscavam no alto como estrelas extras e as crianças se aglomeravam ao redor de grupos de artistas em fantasias exóticas. A música que Micah tinha ouvido ainda tocava, os tambores batendo no ritmo da pulsação do Circo Mirandus. Ele teve que lutar para não se perder na maravilha daquilo tudo.

Jenny não estava se saindo muito melhor. Quase no momento em que entraram, ela se distraiu com uma tenda que parecia feita de fumaça prateada.

— Mas como…? — murmurou ela enquanto rodeava a tenda, procurando pela entrada. — Como eles…?

Quando Micah chegou mais perto para tocar a fumaça, ela se dissipou sob seus dedos.

— Vamos — disse ele. — Temos que ir.

Jenny concordou, e os dois voltaram a caminhar e só pararam quando passaram por uma mulher de macacão verde listrado que estava distribuindo vários tipos de doces. Uma multidão de crianças a tinha cercado. A maioria estava mastigando cubos de gelatina que se acendiam sempre que eram mordidos e o doce brilhava através da pele de suas bochechas. Uma menina tinha enfiado tantos na boca que parecia que estava tentando engolir um cordão de luzes natalinas.

— Querem um? — perguntou a moça dos doces a Micah e Jenny.

É claro que queriam, mas ela não esperou que eles lhe dissessem isso. Mandou dois cubos girando pelo ar, que dispararam na direção de Micah e Jenny como cometas. Micah pegou o alaranjado e Jenny pegou o cor-de-rosa.

Jenny examinou o dela como se estivesse tentando transformar seus olhos em microscópios, então os colocou na boca. Suas bochechas se acenderam.

— Tem gosto de pétalas de rosas — murmurou, pensativa, enquanto mastigava.

— Desculpe. — Micah franziu o nariz.

— Eu gostei.

Micah mordeu o dele enquanto adentravam mais no circo e descobriu que tinha gosto de manga. *Como os que o vovô Ephraim provou*, lembrou a si mesmo. Ele tinha que se manter focado.

Avançaram pelo meio de uma multidão de crianças assistindo a um homem num palco encenando uma peça de comédia. Sozinho.

Primeiro ele era um padeiro com avental e chapéu de chef. Depois, num piscar de olhos, ele se transformou em uma velha senhora

corcunda encomendando um bolo para o aniversário do seu "amado Jojo". Então ele encolheu para virar o "amado Jojo", que era um rato branco do tamanho de uma melancia. Todas essas mudanças aconteceram tão rápido que Micah não conseguiu acompanhá-las.

Ele deu outra mordida em seu doce e balançou a cabeça.

— Vamos logo, Jenny.

Eles aceleraram conforme se aproximavam de seu objetivo e só se distraíram por um instante ao passar por um grupo de fadas e borboletas resplandecentes. Dúzias delas roçaram o nariz de Micah e, quando o menino olhou mais de perto, percebeu que não eram borboletas e fadas. Eram fadas que podiam se transformar em borboletas. Suas asas zumbiam no ar noturno.

Elas se lançavam na direção de Micah e então se afastavam de novo, como se estivessem tentando provocá-lo para segui-las. Ele sorriu, lembrando-se de que vovô Ephraim tinha feito a mesma coisa.

— Desculpem — falou. — Tenho que ir a outro lugar.

A tenda do Dobra-Luz surgiu depois da curva seguinte. Era negra com desenhos de sóis dourados e ficava na parte mais silenciosa do circo até então. Nenhuma outra criança estava perto da tenda, e se não fosse pela gritaria e pelas risadas distantes, Micah acharia que o circo estava fechado. Parecia que deveria haver mais agitação em volta do lugar que ele quisera ver por tanto tempo.

Um Homem-Músculo de chapéu-coco estava de guarda na entrada da tenda. Ele não usava camisa, apenas um par de suspensórios, o que vovô Ephraim nunca havia mencionado. Micah imaginou que devia ser difícil encontrar camisas que servissem se seus ombros fossem tão largos quanto o antigo Buick da tia Gertrudis.

Ele e Jenny foram até a tenda para ler o cartaz perto da entrada. A apresentação seguinte do Homem Que Dobra Luz não aconteceria até

as duas da madrugada.

— Tarde demais — gemeu Micah.

— Cedo demais — corrigiu Jenny.

A entrada escura da tenda tinha uma corda dourada reluzente atravessada na frente. Micah achou que parecia fácil escorregar por baixo, mas então deu uma olhada no guarda. O Homem-Músculo afundou o chapéu-coco sobre os olhos e balançou a cabeça uma vez.

— Mas eu preciso vê-lo agora — disse Micah. — Acho que tenho um encontro marcado.

O Homem-Músculo não respondeu, mas também não se moveu da entrada.

— A espera não é tão longa — comentou Jenny. — Você não quer ver mais nada?

Micah *não* queria ver mais nada, mas também não queria entrar numa discussão com ninguém do circo enquanto estava tentando causar uma boa impressão. Ele se lembrou de que o segundo espetáculo preferido do vovô Ephraim no Circo Mirandus era o de voo.

Ele deu um passo hesitante na direção do Homem-Músculo.

— Com licença — falou da forma mais educada que pôde. — Onde é a tenda da Mulher-Pássaro?

O Homem-Músculo empurrou o chapéu-coco lentamente de volta para o topo da cabeça e o encarou.

— O que você sabe a respeito da Mulher-Pássaro?

Micah achou que aquela era uma pergunta capciosa.

— Meu avô veio ao Circo Mirandus quando tinha a minha idade. Ele gostou do espetáculo dela.

O Homem-Músculo não parecia precisar piscar.

— Victoria — falou ele. — A Mulher-Pássaro. Ela foi embora.

Um choque de eletricidade percorreu as costas de Micah. Mas Victoria era um nome comum, lembrou a si mesmo. É claro que era apenas uma coincidência.

— Ah. — Ele não conseguia imaginar por que alguém ia querer deixar este lugar.

— Você é o menino Tuttle — afirmou o Homem-Músculo.

Jenny se virou para Micah.

— O homem na entrada também sabia o seu nome. Por que todo mundo sabe o seu nome?

Micah não tinha uma resposta para ela. Ele achara que o Dobra-Luz estaria esperando por ele, por causa de Chinfrim, mas não todos os outros. Estendeu a mão para o Homem-Músculo. Não tinha certeza de que queria apertar a mão de alguém que poderia esmagá-la sem querer, mas a importância das boas maneiras era a única questão na qual vovô Ephraim e tia Gertrudis sempre concordaram.

— Eu me chamo Micah.

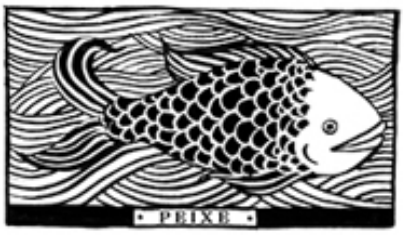
Uma mão calejada quatro vezes maior que a de Micah apertou a dele suavemente.

— Geoffrey deveria ter te avisado para passar no zoológico — informou o Homem-Músculo. — O administrador quer conhecer você.



21

O ZOOLÓGICO DO SR. HEAD



O zoológico do sr. Head ficava no centro do Circo Mirandus, na maior tenda de todas. A entrada era enorme, como se tivesse sido feita para algo muito maior que humanos, e o ar ao redor dela era doce e cálido. Micah ficou de pé do lado de fora por vários minutos, tentando reunir coragem.

Ele tinha pensado sem descanso no Dobra-Luz nos últimos anos, mas o administrador do Circo Mirandus não havia passado pela sua cabeça. Vovô Ephraim nunca contara muito sobre o zoológico ou sobre o sr. Head, e Chinfrim só o tinha mencionado de passagem. Agora que encarava essa tenda imponente, Micah pensou se deveria ter feito mais perguntas.

O sr. Head é o chefe do Dobra-Luz, percebeu. *E se ele não gostar de mim?*

— Nunca estive num zoológico antes — comentou Jenny. Ela parecia ansiosa. — Meu pai acha que eles são cruéis com os animais. Mas já que

estamos aqui…

Para variar, ela tomou a dianteira.

O zoológico do sr. Head com certeza não era um zoológico. Ou talvez *fosse* um zoológico, mas do tipo em que todos os animais eram mágicos de alguma forma, livres de gaiolas e muito amigáveis. Uma centena de cheiros estranhos atiçou o nariz de Micah e o dobro de barulhos estranhos capturou seus ouvidos. Ele mal podia dar um passo à frente sem cruzar com uma criatura mais peculiar do que qualquer outra que já tivesse imaginado. Alguns dos animais tinham seu próprio hábitat, como as miniaturas de hipopótamos nadando na lama ou os morcegos azuis fluorescentes pendurados de cabeça para baixo em estalactites no teto da tenda, mas a maioria das criaturas andava a esmo.

Jenny ia de um bicho a outro, fazendo carinho neles e os alimentando com os petiscos dos baldes fixados em pregos nas paredes. Micah não conseguia acompanhá-la. Ele não sabia para onde olhar primeiro. Duas cabras de pelo longo liam uma revista perto do lamaçal dos hipopótamos enquanto uma iguana virava as páginas com a língua. Uma menina usando uma capa de chuva estava montada nas costas de um camelo de duas cabeças. Pássaros zuniam e cantavam no alto, parando de tempos em tempos para descansar em uma das convenientes árvores que se encontravam nos cantos da tenda. Um passarinho cinza pousou no ombro de Micah, se transformou num rato e desceu por suas roupas para o chão.

Conforme vagava pelo zoológico, Micah tinha a sensação de estar sendo observado. Ele olhou em volta, procurando pelo observador, mas era difícil achar algo fora do comum onde *tudo* era extraordinário. Tentou ignorar a sensação irritante, mas ela aumentou conforme ele explorava a tenda. Ele já tinha quase decidido sair quando avistou a

atração principal do zoológico — um aquário gigante com um único peixe prateado nadando na água cristalina.

Micah foi até ele e o nervosismo evaporou. A placa ao lado do tanque dizia: *Peixe: um espécime raro, cortesia de Ephraim Tuttle*. Ele passou os dedos pela placa reluzente, sobre o nome do avô. Procurou Jenny ansiosamente por ali e a avistou paparicando um canguruzinho que conseguia arrotar o alfabeto grego. Ele acenou para ela se aproximar.

— Uau! — comentou ela. — Acho que ele realmente pagou a entrada com um peixe. Que coisa esquisita.

Micah não tinha certeza do que era raro a respeito do peixe, exceto que agora ele era enorme, em vez de pequenininho. Mas quando ele passou nadando, sacudiu a cauda de um jeito que poderia ter sido um cumprimento.

Eles admiraram o peixe até que um Homem-Músculo, este com uma bandana na cabeça em vez de um chapéu-coco, trouxe um filhote de unicórnio azul-claro ao recinto. Micah se perguntou por que o Homem-Músculo parecia tão nervoso. Então o pequeno unicórnio fez um som doce, como um carrilhão, e a cabeça de Jenny guinou para lá.

— É *lindo*! — gritou ela.

Pelo menos uma dúzia de meninas gritando, Jenny na liderança, lançaram-se na direção do filhote de unicórnio. Micah balançou a cabeça quando elas se atracaram ao Homem-Músculo e seu protegido. Ele teria gostado de ver o unicórnio, mas não tinha certeza de que era seguro estar rodeado de tantas garotas empolgadas.

Vovô Ephraim pedira a ele que desse um oi para a elefanta, então ele foi até o canto da tenda encontrá-la. Grande Jean usava um medalhão prateado enorme em sua couraça escrito *A Elefanta Mais Inteligente do Mundo* e, depois de vê-la resolver um problema de matemática num quadro-negro proporcional a um elefante, Micah acreditou. Ele

esquadrinhou a tenda para tentar encontrar Jenny. Uma elefanta que conseguia entender matemática — com certeza *isso* seria mágico o suficiente para convencê-la. Mas mesmo ficando na ponta dos pés e esticando o pescoço, ele não conseguiu achá-la na multidão.

Algo grande e quente cutucou seu ombro. Ele se virou para ver a tromba de Grande Jean a poucos centímetros de seu nariz. Ela segurava um pedaço de giz. Micah olhou para o quadro-negro atrás dela. Jean tinha resolvido um novo problema de matemática envolvendo triângulos e um milhão de números a mais do que Micah vira na vida.

Ela deu um tapinha com o giz no nariz dele e o estudou com olhos pacientes.

— Hum — disse Micah. — Não sou bom em matemática. Por que você não me mostra outra coisa?

Jean se virou para o quadro e pegou um apagador do tamanho da cabeça de Micah. O problema impossível desapareceu em dois golpes, e a elefanta levantou novamente o giz. Tão rápido quanto um piscar de olhos, ela desenhou um mapa da América do Sul. Micah observou enquanto ela fazia o contorno de todos os países. Em um deles ela escreveu PERU. Então jogou o giz por sobre a enorme anca em direção a Micah.

Ele conseguiu pegá-lo antes que caísse na serragem. Jean o encarou. Ele a encarou de volta.

Uma garota na corcova do camelo estava passando a poucos metros. Ela acenou para Micah e gritou algo numa língua estrangeira. Soava como espanhol.

— O quê? — Micah gritou de volta. — Desculpe! Não entendi.

— Você tem que ensinar algo que ela não saiba! — disse a menina em inglês. — Em troca. Eu ensinei uma música.

— Como vou saber o que ela não sabe?

Mas a menina estava ocupada tentando tirar um dos ratos-passarinhos do capuz da capa de chuva e não respondeu antes de o camelo levá-la embora.

— Você conhece "Cai, cai, balão"? — perguntou Micah a Grande Jean.

Ela assentiu.

Claro, pensou ele. *Essa é muito fácil*. Micah ficou quebrando a cabeça.

— Você sabe o que é um *quipu*?

Jean sacudiu as orelhas e assentiu de novo.

Micah estava perplexo.

— Você sabe fazer brownie com camada dupla de chocolate? — Ele não sabia bem por que perguntou aquilo, exceto que pensara mais cedo que o circo tinha cheiro de bolo de chocolate. Para seu alívio, Jean fez que não balançando a cabeça.

Micah avançou para o quadro e congelou com a mão erguida. Será que era um *copo* ou uma xícara de pedacinhos de chocolate? A receita do vovô Ephraim estava presa à geladeira há séculos, mas Micah não a tinha visto desde que tia Gertrudis chegara.

Jean observava por sobre o ombro dele. Ela estendeu a tromba e tocou curiosamente seu punho. O cadarço estava amarrado em volta do punho. Micah sorriu.

— Já sei o que posso mostrar para você — declarou ele. — Algo que nenhum outro elefante sabe.



Grande Jean já tinha aprendido a atar três nós diferentes quando Jenny reapareceu, e Micah aprendera bastante sobre a geografia do Peru.

Jenny observou a elefanta enrolar uma corda em volta de uma bola de borracha.

— O que ela está fazendo?

A sensação de estar sendo observado tinha se dissipado para o fundo da mente de Micah enquanto ele trabalhava com a elefanta, mas voltou com força total quando Jenny o distraiu da aula. Ele olhou por sobre o ombro.

— O que você está procurando?

— Nada — respondeu Micah. — Chama-se nó Punho de Macaco. Os marinheiros o usam bastante.

Micah só tinha mostrado nós comuns a Jean. Ele ainda estava preocupado em atar mais dos nós que se pareciam ao seu avô se tentasse algo mais elaborado. Virou-se para Jenny.

— Você sumiu por séculos.

Jenny franziu a testa.

— Aquele pônei é lindo, mas eu realmente acho que não deveriam tingir o pelo dele daquele jeito. Não pode ser saudável.

— De fato — declarou uma voz grave às costas deles. — Felizmente aquela é a cor natural de Terpsicore, como a maioria dos filhotes de unicórnio.

Micah se virou devagar. Ele tinha certeza absoluta de que não havia ninguém atrás dele um segundo antes e o dono da voz não era o tipo de pessoa que passava despercebida.

Ele parecia o Papai Noel, se o Papai Noel tivesse um corte escovinha, olhos astutos e gostasse de usar as mangas da camisa dobradas para exibir os bíceps. O homem tinha uma tatuagem enorme de uma rosa dos ventos em um braço e carregava dois baldes de algo que cheirava a xarope de bordo. Grande Jean barriu em deleite quando o viu.

Micah soube na hora que aquele devia ser o administrador do circo. Ele percebeu que aqueles olhos gelados eram os que vinham observando-o desde que ele tinha entrado no zoológico.

De repente, Micah engoliu em seco.

— Adoro seu circo, senhor.

Ele ficou pensando se deveria se apresentar, mas não viu motivo. Tinha bastante certeza de que o dono do Circo Mirandus já sabia quem ele era.

— Vejo que aprendeu um novo truque, Jean, velha amiga. — Os olhos do sr. Head se demoraram nos nós que a elefanta tinha feito e então colocou os baldes no chão e se virou para encarar Micah. Ele não sorriu, mas as linhas ao redor dos olhos se suavizaram. — Eu mesmo gosto muito dele.

— O senhor é o dono! — percebeu Jenny. — Eu esperava que cruzássemos com o senhor. Gostaria de lhe falar a respeito do seu bilheteiro. Ele foi meio desagradável.

— Ah, é verdade? — Uma das sobrancelhas do sr. Head se arqueou.

Micah retraiu-se. Depois de tudo que tinham visto, ele achou que Jenny entenderia.

Conforme os cinco minutos seguintes passaram em uma agonia de constrangimento, ele percebeu que ela não havia entendido nada. Jenny tinha boas intenções. Micah sabia que tinha. Mas até o jeito que ela elogiava as coisas era completamente errado. Era "que truque inteligente você usou aqui para fazer essa tocha parecer que está flutuando de verdade" e "o senhor deve ter um time maravilhoso de geneticistas trabalhando no circo para criar aqueles pequenos arbustos bioluminescentes".

Micah queria afundar na serragem e desaparecer. Pela primeira vez, desejou que a amiga não estivesse com ele.

— Jenny — sussurrou ele. — Jenny, por favor, não…

Mas ela o ignorou, e seus comentários foram ficando piores até que um rugido baixo e grave a interrompeu. O rugido era o tipo de som que lembrava os humanos de uma época em que ainda estavam no cardápio do almoço de monstros com dentes de vinte e cinco centímetros de comprimento. Um tigre-branco se materializou ao lado do sr. Head.

Micah tropeçou para trás até bater nas pernas de Grande Jean.

Jenny também deu alguns passos para trás.

— É um tigre — disse ela. — Só que… é enorme.

Finalmente ela tinha dito algo com que Micah concordava, mas ele desejava que não. Ele podia ver o próprio rosto refletido nos olhos azul-claros do tigre.

— De onde… — Jenny soava indecisa. — De onde veio?

— Meus geneticistas — explicou o sr. Head numa voz que era quase tão alarmante quanto o rugido do tigre. — Eles devem mesmo ser talentosos para terem inventado uma tigresa invisível.

— Eu… — começou Jenny. — Por que ela não está presa?

A tigresa rugiu de novo.

— Não foi isso que ela quis dizer! — exclamou Micah. — Ela só… — É *rígida*, sussurrou seu cérebro. — Ela só está tendo dificuldade para aceitar tudo isso.

O sr. Head lançou um olhar para Jenny que Micah não conseguia decifrar bem. Ele acariciou a tigresa atrás de uma das orelhas peludas.

— Bibi não aprova jaulas — declarou ele. — Ela é a guardiã do circo, não um bichinho de estimação. Nenhum perigo passa pela guarda dela.

Bibi lambeu a mão do sr. Head, e Micah estremeceu.

— Bom, ela não conseguiria fazer muita coisa contra um ataque aéreo — comentou Jenny, pensativa. — A menos que ela também consiga voar.

O administrador olhou na direção de Micah.

— Você e sua amiga… encantadora… não têm um espetáculo para assistir? — perguntou ele numa voz que sugeria que, se não tivessem, era melhor encontrarem um.

22

Obviamente VIPs



O que foi? — perguntou Jenny enquanto Micah a arrastava para fora.

— Nada.

— Você está chateado. Eu fiz algo…

— Não quero falar sobre isso — disparou ele.

Ela ficou em silêncio, e Micah se sentiu culpado na mesma hora. Ela não entendeu. Talvez não conseguisse. Ele pensou em tentar explicar sobre magia para ela de novo, mas isso apenas começaria uma discussão. Micah não queria brigar, não naquela noite.

Eles caminharam de volta até a tenda do Dobra-Luz, em silêncio.

— Desculpa — disse Jenny quando estavam quase chegando. — Acho que eu não devia ter falado com o administrador, não é?

Micah suspirou.

— É só que ele é o *chefe* do Dobra-Luz. E se ele não quiser que vovô Ephraim receba seu milagre?

E ele estava me observando o tempo inteiro, acrescentou em sua cabeça. *Por que estava me espionando?*

Pelo canto do olho, ele viu Jenny franzir a testa.

— Tenho certeza de que o Dobra-Luz ainda vai ver seu avô. Eles vieram até aqui, não vieram? Eles não fariam isso se não tivessem motivo.

Isso era verdade, percebeu Micah. O Circo Mirandus não teria vindo até a cidade se o Dobra-Luz não quisesse ajudar. Ele ficou um pouco mais confiante com esse pensamento. Os dois estavam quase chegando à tenda, com meia hora de folga antes de o espetáculo começar. Tudo daria certo.

— Posso esperar do lado de fora — disse Jenny, baixinho. — Se você não quiser que eu encontre o Dobra-Luz com você.

Micah ficou tentado a dizer a ela que aquela era uma boa ideia. Mas Jenny tinha vindo até tão longe com ele e ajudara tanto.

— Deixe que eu falo com ele — pediu Micah. — É só… não falar nada, está bem?

— Se é o que você quer.

Quando chegaram à tenda negra e dourada, a primeira coisa que Micah notou era que o Homem-Músculo não estava sozinho. Chinfrim estava empoleirada no chapéu-coco.

— Quando temos convidados especiais — repreendeu ela —, você não os manda embora. Não é uma atitude aceitável. Não é *profissional*.

— Nunca temos convidados especiais — contestou o Homem-Músculo. — O Dobra-Luz não me falou nada sobre deixá-los entrar mais cedo. E o sr. Head não quer…

— Arrá! — gritou Chinfrim. Ela tinha avistado Micah e Jenny. — Aí estão vocês.

Micah olhou para a papagaia.

— Oi, Chinfrim.

Ela deu pulinhos para cima e para baixo.

— Oi para você. Você está sendo esperado. — Ela apontou o bico para Jenny. — *Você* não. Por que a trouxe? — perguntou a Micah. — Ela me deu um tapa.

Jenny botou a mão no bolso da jaqueta e puxou um saco plástico. Estava cheio de biscoitos de manteiga de amendoim.

— Eu trouxe isso aqui no caso de a gente se encontrar. Como uma oferta de paz.

Chinfrim esticou o pescoço por cima da aba do chapéu-coco do Homem-Músculo para olhar para o homem.

— O que há de errado com você? Essas crianças são *obviamente* VIPs.

Ela olhou de soslaio para Micah com seus grandes olhos amarelos e redondos.

— O Dobra-Luz quer conversar com você antes do espetáculo. Ele queria falar com você antes que encontrasse o Head, na verdade, mas o chapéu-coco aqui — ela bateu no chapéu do Homem-Músculo com o bico — não recebeu o memorando.

— Não seria culpa da mensageira? — murmurou Jenny. Felizmente, Chinfrim não a ouviu.

— Agora? — perguntou Micah.

A corda dourada pendurada na entrada da tenda se dissolveu. Chinfrim apontou para ela com a asa.

— O que você acha?

A sala para a qual Chinfrim os conduziu era obviamente onde o Dobra-Luz morava, ainda que não se parecesse com nenhuma casa que Micah

já tivesse visto. Havia uma cama de dossel simples de um lado atrás de um biombo de seda, mas o restante dos objetos do quarto era menos comum.

Micah presumiu que o Dobra-Luz devia guardar suas roupas no grande baú com fecho de metal ao pé da cama porque não havia armários ou guarda-roupas. A única cadeira na sala tinha sido empurrada até uma penteadeira com espelho e detalhes floridos que se parecia mais com algo que tia Gertrudis usaria do que um mágico poderoso. Ao lado da penteadeira, um conjunto de café de prata com um bule fumegante oscilava numa mesinha pequena que tinha o formato bem parecido ao de Grande Jean. Uma estante alta de mogno tomava um lado da sala. Livros, rolos de pergaminho, lampiões e mapas disputavam espaço nela e alguns deles estavam empilhados no chão, que era coberto por tapetes e almofadas ricamente estampados.

No meio disso tudo estava o Dobra-Luz. Ele era exatamente como Micah tinha imaginado, a não ser por estar mexendo nos punhos do casaco. O casaco em si era perfeito. O couro marrom escuro tinha tantos arranhões e era tão desgastado que Micah sabia que devia ter passado por milhares de aventuras. Mas não tinha imaginado que o Dobra-Luz seria o tipo de pessoa que se remexia.

— Ah — disse ele quando entraram. — Micah Tuttle e… — Ele olhou com curiosidade para Jenny.

— Meu nome é Jenny Mendoza.

Chinfrim voou para um poleiro alto ao lado da mesa em forma de elefante.

— Ela me trouxe biscoitos — comentou ela. — Nós gostamos dela.

O Dobra-Luz assentiu como se concordasse que biscoitos eram uma boa maneira de determinar o caráter de uma pessoa. Ele indicou uma pilha de almofadas bem fofas com um gesto.

— Peço desculpas pela falta de cadeiras — disse ele, seus olhos encontrando os de Micah por um segundo antes de se desviarem para longe. — Por favor, sentem-se.

Micah e Jenny se sentaram confortavelmente no chão enquanto o Dobra-Luz se ocupava com o café.

— Estão com sede?

— Não, obrigada — agradeceu Jenny.

— Estou bem — comentou Micah.

— Gostariam de uma bebida?

Jenny e Micah trocaram um olhar confuso.

Levou um instante para o Dobra-Luz perceber que tinha dito algo estranho. Ele olhou para os dois por sobre o ombro.

— Nesta tenda, essas duas perguntas são, na verdade, bem diferentes — disse ele. — Gostariam de uma bebida?

— Refrigerante de laranja? — perguntou Micah.

Ele e vovô Ephraim costumavam beber aquilo toda tarde quando Micah voltava da escola, mas ele não havia mais tido permissão desde que tia Gertrudis se mudara para a casa deles.

Quando o Dobra-Luz se virou, estava segurando uma xícara de café e uma garrafa gelada de refrigerante de laranja. Passou o refrigerante para Micah e se acomodou em uma das almofadas.

Micah olhou para a garrafa. Era a mesma marca de refrigerante que vovô Ephraim sempre comprava porque eles preferiam garrafas de vidro às de plástico. Estava bem gelado, do jeito que Micah gostava. Mas o Dobra-Luz não tinha geladeira e, de qualquer forma, ele não parecia muito o tipo de pessoa que tomava refrigerante de laranja. Jenny também estava fitando a garrafa, como se não conseguisse entender como aquilo era possível.

Micah tomou um gole com cautela.

— Está perfeito.

— Eu me esforço — murmurou o Dobra-Luz.

Jenny cruzou as mãos no colo e se contorceu, mas não disse nada. Micah imaginou que ela estava levando a sério a promessa de deixá-lo falar.

O Dobra-Luz suspirou.

— Infelizmente, nosso tempo é limitado e temos muito a conversar. Diga-me por que veio, Micah. Vamos partir daí.

Micah respirou fundo. *Finalmente*. Agora era para valer.

— É meu avô, senhor. Ele precisa do milagre.

— Eu sei.

Micah assentiu.

— São seus pulmões. Acho que ele mesmo teria vindo encontrar o senhor, mas está doente demais para sair da cama. — Ele fez uma pausa para olhar para o rosto do Dobra-Luz e ficou aliviado de ver que ele não parecia surpreso por nada disso. — O médico disse que ele não deve ter muito tempo pela frente. — Micah engoliu. — Então é urgente.

Ele parou de falar. Não tinha falado muito, mas se sentia como se tivesse corrido uma maratona. Jenny se esticou e colocou a mão em seu ombro.

— O que você quer de mim, Micah? Diga-me exatamente.

O menino pensou que tinha deixado isso bem claro, mas respondeu mesmo assim.

— Quero que o senhor ajude o vovô Ephraim. Quero que o senhor não deixe meu avô morrer.

Jenny fez um barulhinho irritante e então pigarreou.

— Ou se o senhor pudesse apenas ir falar com o sr. Tuttle — sugeriu ela. — Para fazê-lo se lembrar de tempos melhores e deixá-lo mais animado. Ele conheceu um de seus antecessores, sabia?

Micah lançou o olhar mais mordaz que conseguiu para ela, e Jenny ficou em silêncio. Ele não podia deixar esse encontro acabar como as conversas com Geoffrey e o sr. Head.

Mas o Dobra-Luz apenas franziu o nariz, como se o que ela tivesse dito soasse engraçado.

— Quantos anos você tem, Jenny?

Ela pareceu confusa.

— Quase onze.

— Que pena — murmurou ele. O Dobra-Luz se voltou para Micah. — Conte-me, o quanto você sabe a respeito do tempo do seu avô no Circo Mirandus?

— Tudo — respondeu Micah, confiante. Ele levantou o punho para mostrar o cadarço ao Dobra-Luz. — Ele me contou sobre o seu espetáculo e sobre Geoffrey e o Peixe. Ele me falou que o senhor lhe ofereceu um milagre. — Micah pensou um pouco. — E falou sobre a Mulher-Pássaro.

— Victoria! — gritou Chinfrim. — Eu sabia.

Micah pulou de susto. Ele quase tinha esquecido que a papagaia estava no recinto.

— Silêncio! — exclamou o Dobra-Luz. Ele olhou para o cadarço com uma expressão carinhosa. — Eu me lembro, claro. Você consegue fazer a mesma mágica que Ephraim fazia com esse humilde cadarço?

— Ele me ensinou o truque — disse Micah. — Sou bom nisso.

Pela primeira vez desde que Micah entrara na tenda, o Dobra-Luz sorriu de verdade.

— Foi logo depois de Ephraim me mostrar esse talento particular que ofereci o milagre a ele.

— Eu sei.

O Dobra-Luz encontrou o olhar de Micah.

— Prometi a ele qualquer coisa ao meu alcance.

Micah assentiu, ansioso.

O rosto do Dobra-Luz se entristeceu.

— Talvez eu esteja abordando isso da forma errada. Micah, e você também, Jenny, vocês me dariam a honra de assistir ao meu espetáculo?

— Mas…

— Acho que ele vai deixar as coisas bem mais claras — afirmou o Dobra-Luz.

Micah hesitou.

— O senhor *vai* manter sua promessa ao vovô Ephraim, não vai?

Os dedos do Dobra-Luz apertaram a xícara.

— Vou fazer tudo que estiver ao meu alcance para satisfazer o pedido de Ephraim.

O nó que estivera tão fortemente atado na garganta de Micah começou a se desfazer.

O Dobra-Luz pigarreou.

— Vamos falar sobre outra coisa nesses nossos últimos minutos juntos, que tal? Meu espetáculo mudou um pouco nas últimas décadas, mas vocês vão poder vivenciar várias das coisas que Ephraim experimentou, Micah.

— O espetáculo — resmungou Chinfrim do poleiro. — Ele quer falar sobre o espetáculo.

— Chinfrim — alertou o Dobra-Luz.

— Isso é absurdo! — protestou ela. — Você pode não ter outra chance de perguntar a ele.

— Nem mais uma palavra.

— Me perguntar o quê? — indagou Micah.

O Dobra-Luz e a papagaia se encaravam fixamente.

— Nada de mais — respondeu o Dobra-Luz. — Chinfrim tem andado hipersensível ultimamente.

Chinfrim agachou no poleiro como se estivesse se preparando para um longo período de silêncio mal-humorado, mas assim que o Dobra-Luz se virou, ela gritou:

— Você sabe algo sobre Victoria, não sabe?

Micah franziu a testa.

— Esse era o nome da minha avó.

— Eu sabia! — disse Chinfrim.

— Mas eu não a conheci — explicou Micah. — Não sei absolutamente nada sobre ela. Vocês… vocês dois a conheceram?

O Dobra-Luz fechou os olhos e suspirou.





Depois de desperdiçar quase dez anos de sua vida no Circo Mirandus, Victoria Starling concluíra que crianças eram criaturas tolas e abomináveis. Veja ela própria quando mais nova, por exemplo. Quando ouviu falar pela primeira vez a respeito de um circo cheio de pessoas com dons mágicos, parecera um sonho se tornando realidade. Ela fora acolhida pelas tendas majestosas. Fora enfeitiçada pela promessa de estrelar seu próprio espetáculo.

Victoria nunca fora tão desajuizada quanto a maioria das crianças; pelo menos tinha ambições. Mas levara muito tempo para perceber que essas ambições eram muito pequenas para ela. O circo tinha lhe oferecido pompas de poder e, como ela ainda era uma criança, as tinha confundido com algo real.

Não fora tão ruim no início. Ela gostava muito de atuar e gostava especialmente de atuar melhor do que todos os outros. Bem, quase todos os outros. Havia um certo ilusionista, mas ser apenas um pouco

menos popular do que um mágico que estava no ramo havia séculos não era pouca coisa.

Seus espetáculos eram magistrais, cada um deles uma obra de arte única. Conforme viajavam pelo mundo, Victoria atraía mais e mais pássaros para o seu grupo e tinha aprendido como incorporá-los ao espetáculo. Ela e seu bando voavam a uma grande altitude. Dançavam pelo ar com tamanha perfeição que até os Homens-Músculo às vezes derramavam uma lágrima.

E sua voz — ninguém nunca tinha ouvido algo semelhante.

Victoria podia controlar qualquer pássaro com algumas poucas notas cristalinas. Seus cisnes prateados mergulhavam na multidão. Os papagaios cantavam árias. Beija-flores se aglomeravam em nuvens resplandecentes. No meio disso tudo estava a própria Victoria, e ela sabia o que aquelas caras bobinhas viam quando olhavam para o alto com tanta afobação. Um ponto solitário vestido de branco entre um excesso de cores, um anjo de plumas.

Era satisfatório, ela tinha que admitir.

Também era completamente sem propósito.

Alguém com as habilidades dela desperdiçando tempo para fazer uma tenda cheia de crianças, a maioria delas sem nada de especial, felizes? Era absurdo. E o fato de que um circo inteiro cheio de mágicos se dedicava àquele único objetivo? Praticamente um crime.

Quando ela cresceu o suficiente para perceber o quanto tinha sido mal orientada, Victoria começou a se afastar dos outros artistas. E conforme se afastou, viu cada vez mais o quanto o circo era inútil. Começou a dar grandes voos para longe do Circo Mirandus. Ela ouvira o chefe falar sobre o propósito deles mil vezes — "dar esperança" e "promover a magia" —, mas no mundo real essas ideias abstratas não

estavam fazendo nenhuma diferença que realmente importasse até onde lhe dizia respeito.

Durante suas saídas, mantinha os ouvidos abertos, e no fim começou a obter o tipo de informação que lhe interessava. O Circo Mirandus era, de longe, o maior grupo de mágicos do mundo, mas havia outros. E alguns desses outros grupos estavam preocupados com assuntos que valiam bem mais a pena do que os sentimentos delicados das crianças.

Com um mundo inteiro lá fora e as constantes reclamações dos outros artistas para ela gastar mais tempo suprindo os caprichos de sua plateia, Victoria se decidiu. Ela abandonaria o Circo Mirandus e já era tarde. Teria que deixar a maior parte do seu bando de pássaros para trás. Viajar com uma centena de pássaros não era prático, e ela sempre poderia arranjar novos. Mas, se possível, levaria um recurso particularmente valioso com ela.

Não deveria ser tão difícil. Ele gostava muito dela. Afinal de contas, eles foram amigos por anos, não foram? E ele era inteligente. Com certeza, ele não preferiria aquele lugar velho e sufocante a Victoria Starling.



O Homem Que Dobra Luz encontrou Victoria em seu camarim. Ela puxou a cortina que servia como porta e sorriu quando o viu.

— Imagino que você esteja aqui para me repreender — disse ela.

— Você está doente? — quis saber ele.

— Não.

— Está machucada?

— Não.

— Então, sim, acho que estou aqui para repreendê-la. — Ele deu uma olhada lá dentro. — Você faltou a *três* espetáculos hoje. Sem o menor

aviso! O sr. Head está furioso.

— O sr. Head sempre está furioso com *algo* que eu fiz.

— Neste caso, é com algo que você *não* fez. As crianças ficaram esperando por horas. Um menininho *chorou*. Aqui! No Circo Mirandus. Victoria, o que você estava pensando?

Ela cruzou os braços. Estava usando a fantasia, o que parecia uma escolha estranha para ele, já que ela não tinha se importado em trabalhar naquele dia.

— Você nunca se cansa disso? — perguntou ela.

— Do quê?

— Do circo. De todos esses espetáculos bobos que a gente perde tempo fazendo quando poderia estar realizando muito mais!

— Bobos? — questionou ele. — Estou aqui faz muitos séculos. Obviamente, não considero o que faço no Circo Mirandus uma perda de tempo.

— Com certeza você não pensou nisso como eu pensei — afirmou ela.

Ele arqueou uma sobrancelha.

— O circo é um bom lugar — continuou ela — para algumas pessoas. Mas você é diferente. *Nós somos* diferentes.

— Diferentes? — O Homem Que Dobra Luz pronunciou a palavra como se ela tivesse um gosto amargo.

Se Victoria escutou o aviso na voz dele, escolheu ignorá-lo.

— Poderosos — disparou ela. — Podemos ser como deuses lá fora. Podemos fazer a diferença *de verdade*. Por que ficaríamos aqui e agiríamos como… babás de crianças que não têm nada de especial?

Ela foi se aproximando dele conforme chegava ao cerne da discussão, mas deteve-se quando viu a expressão em seu rosto.

— Você sabe que é verdade — afirmou ela. — Você mesmo deve ter considerado isso.

— É claro que não! — vociferou ele. — De todas as pessoas egoístas, ignorantes… Você realmente acha que é superior a todo mundo? Só porque pode voar?

— Não todas. — Ela sorriu para ele de novo.

Ele respirou fundo para se acalmar.

— Você nunca foi nem um pouco modesta a respeito de seus talentos. Eu presumi que era uma falha de caráter devido à juventude.

— Não sou mais tão jovem — protestou ela.

— O que não consigo compreender é sua incapacidade de apreciar o que fazemos aqui. Você *percebe* que a magia como a conhecemos está desaparecendo? Você percebe que o sr. Head, Geoffrey, os Homens-Músculo, todos nós!, estamos lutando para manter o encantamento vivo no mundo? Você diz que as crianças não são especiais, mas elas são. Elas são a chave para tudo. O que fazemos aqui é *importante*, Victoria.

Ela balançou a cabeça.

— Sim — disse ele. — Não só importante, mas vital. Você faz parte de algo incrível e o pior de tudo é que sequer consegue enxergar.

— Sei bem o que vejo — argumentou ela. — O que você sabe a respeito disso? Você nunca vai para o mundo real. Metade das crianças nem se lembra mais do Circo Mirandus depois de alguns anos.

— Mas *algumas* delas lembram. É importante. Faz diferença. Não sou tão ignorante do mundo além dos nossos portões como você parece acreditar.

— Tem certeza? — perguntou ela. — Por que eu vi essas crianças. Elas saem acreditando bastante, imagino, mas apenas um pequeno acidente, apenas um pequeno passo em falso e… — Ela estalou os dedos. — E mesmo se elas acreditarem pela vida toda, e daí? Não

podem fazer nada de útil com isso. Elas só lamentam pelo que temos. Se pensar nisso, é cruel atiçá-las. — Ela se empertigou até ficar o mais alta possível. — Não quero *desperdiçar* minha vida aqui. Eu quero…

— Poder? — indagou ele.

— Talvez — admitiu ela. — Isso é tão errado?

O silêncio dele foi uma boa resposta.

Victoria soltou uma gargalhada.

— Agora você me deixou confusa — declarou ela. Então pegou um pente de marfim da penteadeira e passou os dedos pelos dentes. — Eu não queria discutir com você. Você é meu melhor amigo aqui, sabia?

— Você não é a pessoa mais amigável do mundo — comentou ele.

— Sou perfeitamente adorável e você sabe disso — disse ela apontando o pente para ele. — Mas, falando sério, eu esperava que fosse você a vir aqui gritar comigo por faltar àqueles espetáculos.

O Homem Que Dobra Luz cruzou os braços.

— Victoria…

— Venha comigo. — Ela se inclinou na direção dele. — Vamos achar outros como nós. Tenho alguns contatos e deve haver muitos outros lá fora. Você quer fazer a diferença no mundo. Bom, eu também quero. Imagine só o que conseguiríamos realizar juntos!

— Querida Victoria — disse ele. — Você é tão jovem.

Ela abriu a boca, mas ele levantou uma das mãos para calá-la.

— Se você me considera seu amigo de verdade, por favor, me escute. Viajei pelo mundo diversas vezes e aprendi várias lições difíceis ao passar dos anos. Preferia te poupar dos meus próprios erros.

Ele segurou os ombros dela e olhou dentro de seus olhos.

— Fique para mais um espetáculo. Faça uma última apresentação. Dê tudo de si nela e, quando terminar, fique um pouquinho. Fale com as crianças. Veja como as transformou. *Isso* é poder. — O Dobra-Luz se

afastou de Victoria. — Se não concordar comigo, então pode partir e espero que a gente continue amigos.

Ela o encarou.

— Achei que você entenderia — disse ela. — Você realmente não vai vir comigo?

— Não — respondeu ele. — Não vou.

Pela primeira vez desde que ele tinha entrado no camarim, Victoria ficou sem palavras. Ela examinou o pente em suas mãos como se ele guardasse um grande segredo. Então, balançou a cabeça e o deixou de lado.

— Uma última apresentação — disse ela. — Não vá. Não quero você lá.



O último espetáculo da Incrível Mulher-Pássaro Amazônica aconteceu numa tarde quente e ensolarada, e a plateia estava lotada, em parte porque muitos de seus colegas estavam presentes junto com as crianças.

As crianças tinham vindo para assistir a um espetáculo maravilhoso. Os outros artistas tinham vindo para se despedir de Victoria. O chefe do Mirandus tinha vindo porque era o administrador. Ele observou enquanto ela girava no ar longe do alcance da multidão e se perguntou como uma pessoa que tinha recebido tanto em sua jovem vida podia ser tão determinada a não oferecer nada em troca.

Mas até o sr. Head tinha que admitir que a última apresentação da Mulher-Pássaro estava indo bem. Ela tinha um jeito de cativar a atenção da multidão que era quase inigualável. Voou a uma grande altitude, penas brancas flutuando ao seu redor, e as crianças gritaram em admiração conforme ela dava rasantes em direção às suas cabeças. Quando Victoria começou a cantar, o assombro tomou os rostos de

dúzias de meninos e meninas. Seus olhos se arregalaram de encanto quando um bando de pássaros adentrou a tenda. Várias crianças se levantaram, ansiando por tocar aqueles animais esplêndidos.

Foi quando Victoria falou lá do alto.

— Vocês gostam dos meus pássaros? — perguntou numa voz doce. Ela pairou no ar como se estivesse de pé numa lâmina de vidro e a luz do sol entrando pela claraboia da tenda criava um halo ao redor de sua cabeça.

As crianças bradaram um coro de "sim".

Victoria estendeu uma das mãos e cantou uma série de notas puras como diamantes. Um dos cisnes mergulhou na direção dela. Era uma bela criatura, elegante com asas prateadas e um pescoço gracioso. O animal pousou na mão de Victoria.

— Todos eles são muito raros — declarou ela quando o bando de pássaros a envolveu. A batida de suas asas fez o cabelo dela bater no rosto. — Alguns dos meus pássaros são os únicos de sua espécie no mundo inteiro.

Ela acariciou o bico do cisne.

— O nome dessa aqui é Eidel. Vocês gostariam de vê-la mais de perto? Vou precisar de um voluntário.

A tenda explodiu num burburinho empolgado. Uma menininha levantou os dois braços acima da cabeça e saltitou.

— Você de vestido marrom — disse Victoria, apontando para ela. — Venha para o centro do palco, por favor.

A menina correu até lá e olhou para a Mulher-Pássaro e para o cisne lá no alto, ansiosa.

— Agora, não se mexa — pediu Victoria. — Não quero que assuste Eidel.

A menina assentiu, e Victoria inclinou a cabeça para o cisne. Ela falou alguma coisa de forma amorosa e doce, e o pássaro olhou para a menina no chão. Ele mergulhou. A plateia prendeu a respiração e o cisne caiu como uma estrela cadente.

Para baixo, para baixo, para baixo o cisne mergulhou.

A menina de vestido marrom observou com os olhos arregalados. Ela ainda estava sorrindo quando o cisne se espatifou no chão aos seus pés.

Ele atingiu o solo numa explosão de penas prateadas e serragem e no meio segundo de silêncio que se seguiu, o som de suas asas batendo no chão enquanto ele agonizava foi o suficiente para abrir um buraco no coração de Mirandus Head.

A menina berrou. Ela cambaleou para longe do cisne espatifado.

Como se seu grito fosse um sinal, os pássaros na tenda ficaram loucos. Alguns deles se atiraram ao solo como o cisne tinha feito. Outros se viraram contra seus companheiros. Os falcões e as águias atacaram os pássaros canoros, e penas choveram sobre a plateia.

O sr. Head precisou desviar quando uma fênix atingiu o chão ao lado dele e explodiu em chamas.

— Victoria! — vociferou ele. — Pare com isso!

A tenda agora estava tomada por gritos. Era um pesadelo de pássaros machucados e crianças correndo. No meio do caos, o sr. Head localizou um dos Homens-Músculo protegendo um grupo de crianças com suas costas largas.

— Tire-as daqui! — gritou ele. — Evacue todos.

Bibi apareceu ao lado dele rugindo alto o bastante para arrepiar os cabelos de todos, mas do chão ela não podia fazer nada para impedir Victoria. Nem o sr. Head. Eles olharam para cima fixamente e sem ação na direção dela, de pé no ar, e o administrador sentiu um arrepio na espinha quando viu a expressão de Victoria.

Ela não parecia furiosa ao assassinar os próprios companheiros. Ela não parecia com raiva ao aterrorizar uma plateia cheia de crianças inocentes. Parecia satisfeita, como se tivesse acabado de provar algo importante a si mesma e ao resto do mundo. Ele havia permitido um monstro no Circo Mirandus, e agora as crianças estavam pagando por isso.

— NÃO ENTREM EM PÂNICO! — Ressoou uma voz pela tenda.

Ressoou? *Não*, ressoar era algo que vozes normais podiam fazer. Essa voz pulverizou todo o ar.

O Homem Que Dobra Luz estava na entrada da tenda e seu casaco balançava como se estivesse em meio a um vendaval.

— NÃO HÁ NADA ERRADO.

As crianças pararam de berrar.

Seus rostos foram tomados por uma expressão de curiosidade, e elas se viraram para olhá-lo. Os pássaros ainda estavam brigando e se debatendo acima de suas cabeças, mas as crianças, até aquelas que estavam com lágrimas escorrendo pelas bochechas, de repente não tinham mais consciência do caos. Os artistas e os Homens-Músculo tinham sido deixados de fora de qualquer que tenha sido a ilusão que tomou conta do público de Victoria, mas reconheceram a magia do Homem Que Dobra Luz na mesma hora.

Eles entraram em ação. Empurraram a plateia arranhada e ferida para fora da tenda e, em segundos, havia sobrado apenas o ilusionista, o administrador e a Mulher-Pássaro.

— O que você fez? — perguntou o Homem Que Dobra Luz numa voz fraca. Seus olhos pousaram nos pássaros mortos e nos que ainda estavam agonizando no chão. — Victoria, *por quê*?

Ela olhou para ele lá do alto.

— Tentei avisá-lo — disse ela. — Um pequeno acidente, um pequeno passo em falso. — Ela abriu os braços. — E tudo pelo que o Circo Mirandus trabalha é destruído. *Agora* você enxerga como esse lugar é sem propósito?

O sr. Head se ajoelhou para pegar um azulão enfraquecido.

— Como se já não soubéssemos como a fé é algo frágil — murmurou ele.

— Você deveria ter concordado em vir comigo — disse Victoria ao Homem Que Dobra Luz. Ela estava tão confiante, tão certa que estava além do alcance deles. — Você poderia ter sido alguém importante.

O sr. Head percebeu o momento em que o Homem Que Dobra Luz tomou sua decisão. Determinação substituiu a tristeza em suas feições. Ele avançou até ficar de pé diretamente abaixo de Victoria.

O administrador fechou os olhos.

— O que está fazendo? — Victoria soava mais curiosa do que nervosa. — Sou esperta demais para cair em um dos seus truques.

— Mas você já caiu, Victoria — observou o Homem Que Dobra Luz numa voz suave. — Ou achou mesmo que podia voar?

Magia. Fé. O sr. Head achou irônico que Victoria nunca tivesse feito a conexão. Era impossível manipular a magia sem acreditar que seria capaz de fazê-lo. E pouquíssimas pessoas podiam acreditar em algo que o Homem Que Dobra Luz dissesse a elas que não era verdade.

Victoria tombou como uma pedra.

O administrador abriu os olhos a tempo de ver o mágico pegá-la antes que ela atingisse o chão. Ela se afastou dele como se seu toque queimasse.

— O que você fez comigo? — gritou ela. — O que você fez?

— Tão frágil — disse o sr. Head baixinho.

Talvez o efeito durasse meses, ou até anos, mas Victoria achava que seria permanente. Ela inspirou profundamente algumas vezes e olhou para a própria fantasia.

— O-o que você f-fez? — Balbuciou as palavras entre soluços.

— O que era necessário — respondeu o Homem Que Dobra Luz. Ele se recusava a olhar para ela.

Ela tropeçou nos próprios pés e fugiu da tenda.

— Faça com que ela deixe o circo — disse o sr. Head para Bibi. — Para sempre.

A tigresa rosnou concordando e foi atrás de Victoria.

O sr. Head se aproximou do Homem Que Dobra Luz com cautela. O mágico estava observando os membros sobreviventes do bando de pássaros de Victoria fugirem pela claraboia. Cada ruga de seu corpo estava marcada pela tristeza.

— Deveríamos chamá-lo de o Homem Que Dobra Mentes — declarou o administrador. — Admito que não é tão alegre, mas seria mais fiel.

— Sinto muito. — Ele lançou suas palavras ao céu. — Sinto muito mesmo.



O Dobra-Luz conduziu Micah e Jenny para a área do palco alguns minutos antes do horário que seu espetáculo estava programado para começar. Micah ainda estava agarrado à sua garrafa de refrigerante de laranja. Estava tão gelada quanto estivera quando o Dobra-Luz a deu a ele, mas o menino se sentia tão amuado após descobrir a verdade a respeito da avó que se esquecera de bebê-la. Como ele podia ter algum parentesco com alguém assim? Como alguém sequer podia *ser* assim?

E vovô Ephraim? Por que ele tinha se casado com Victoria, para começo de conversa? Parecia que depois que ela deixou o Circo Mirandus ninguém soube para onde tinha ido.

— É melhor você terminar isso agora. — O Dobra-Luz fez um gesto em direção ao refrigerante enquanto os conduzia para a primeira fileira. — Tenho a tendência de ficar um pouco distraído durante o espetáculo. Ela pode desaparecer.

Micah tomou um grande gole.

Jenny olhou ao redor de forma curiosa. Ela examinou o palco e as paredes.

— O senhor *realmente* não usa câmeras? O que faz é realmente…? — Ela parou, mas a palavra "mágica" pairava no ar quase como se a tivesse dito em voz alta.

Micah lançou um olhar de desculpas ao Dobra-Luz, mas ele só balançou a cabeça para a pergunta de Jenny.

— Você vai ter que me contar o que achou depois da apresentação. Não costumo atuar para crianças com o seu ponto de vista em particular. A pressão é uma experiência nova.

Ele olhou para o teto, e os lampiões pendurados ali enfraqueceram como se ele tivesse dado um comando silencioso a eles. Micah escutou o burburinho empolgado das crianças do lado de fora aumentar de volume quando a corda dourada começou a desaparecer.

— Obrigado — agradeceu ele. — Por me contar a respeito de Victoria e por vovô Ephraim e por, bem, tudo.

— Preste bastante atenção ao meu espetáculo, Micah. — O Dobra-Luz começou a desaparecer nas sombras. — Lembre-se de que prometi ao seu avô qualquer coisa ao alcance dos meus poderes.



O ar gelado açoitou as bochechas de Micah. Ele não conseguia entender como aquilo era possível. Como ele podia estar de pé ao lado de Jenny na Antártica assistindo a pinguins-imperadores deslizarem de barriga num monte de neve? Mas ele *estava* lá. Estava tão lá que por um momento se esqueceu de que já estivera em qualquer outro lugar.

A tenda do Dobra-Luz desapareceu de sua memória como um sonho e ele acordou numa terra de gelo. Então aquilo se transformou no sonho e ele acordou para descobrir que o mundo era na verdade o sol

em seus olhos e uma multidão torcendo e o estrondo de cavalos de corrida em seu peito. Assim era o espetáculo do Dobra-Luz: acordar de novo e de novo apenas para descobrir que cada novo despertar era mais perfeito que o anterior.

Micah acordou de novo, dessa vez nas profundezas da selva e imediatamente começou a explorar. Passou entre dois arbustos com folhas tão grandes quanto as orelhas de Grande Jean e encontrou uma piscina verde cintilante. Ele embriagou-se pela vista exuberante. Vinhas em flor derramavam-se sobre a piscina natural dos galhos acima e uma pequena cachoeira desaguava nela das rochas. Peixes tão grandes quanto ovos de Páscoa nadavam entre os juncos.

Vovô Ephraim nunca mencionou isso.

Micah ficou surpreso ao perceber que não havia pensado no avô desde a Antártica. *A selva era uma das partes preferidas dele*, lembrou a si mesmo. *Esse é o espetáculo do Dobra-Luz. Eu deveria estar prestando atenção*.

Era mais difícil manter isso em mente do que ele havia imaginado, principalmente com uma piscina tão tentadora à sua frente. Curioso, Micah tirou os sapatos para poder molhar um dos dedos dos pés na água. Estava na temperatura exata para nadar. No momento em que decidiu isso, descobriu que estava usando calção de banho.

Que engraçado, pensou. *Eu não estava de calça jeans?*

Ele entrou na água fria, e os peixes se afastaram dele. Na parte mais funda, a piscina só ia até alguns centímetros acima da cabeça de Micah. Ele nadou para o outro lado da cachoeira e de volta e mergulhou para tocar o fundo. Quando abriu os olhos e olhou para cima, na direção da superfície, tudo era um borrão de cores e luzes difusas. Ele emergiu novamente e sacudiu a cabeça para tirar a água dos ouvidos. Gotinhas voaram de seu cabelo como faíscas.

Ele teria ficado satisfeito em brincar na água na floresta tropical para sempre, mas em determinado momento o mundo ao seu redor começou a mudar. Dessa vez, Micah se obrigou a prestar atenção na transição. Entre uma piscadela e outra, ele estava não numa selva úmida, mas num deserto seco e com vento e, ao olhar para cima, viu uma pirâmide tão alta quanto um arranha-céu.

Não foi como acordar de um sonho dessa vez, talvez porque ele estivesse se esforçando para se concentrar. Estava desorientado pela mudança. Ele meio que esperava que a areia voando grudasse nele. É claro, ele ainda estava molhado do mergulho.

Só que ele não estava nem um pouco molhado. Estava seco e usando um chapéu com abas que evitava que o sol abrasador queimasse sua nuca. Foi quando começou a se preocupar.

"Qualquer coisa ao alcance dos meus poderes", tinha prometido o Dobra-Luz. Mas quais *eram* os poderes do Dobra-Luz exatamente?

Micah não estava molhado. Nunca estivera, na verdade.

Ele se curvou para pegar um punhado de areia e a deixou escorrer aos poucos por entre os dedos. *Tem que ser real*. Seus pensamentos soavam desesperados até mesmo para ele. *Não posso sentir isso e não ser real*.

Por fim, a pirâmide desapareceu e ele se viu de pé na beira de um lago. Era noite e havia fogos de artifício explodindo no céu. O ar cheirava a pólvora.

As mãos de Micah estavam vazias.

— Normalmente — declarou uma voz triste —, esta é a parte em que mostro o desejo de seu coração se tornando realidade.

O Dobra-Luz apareceu ao lado dele. Os lampejos de luz no céu noturno mergulhavam seu rosto em sombras.

— No seu caso, tenho medo de que não seja uma boa ideia.

— O senhor é um ilusionista — afirmou Micah. Sua garganta tinha ficado seca.

O Dobra-Luz assentiu.

— Eu sabia. Mas não percebi… Nada disso dura. Está tudo na minha cabeça?

— Temo que sim.

Micah tentou respirar, mas estava sendo esmagado de dentro para fora.

— Vovô Ephraim? — engasgou o menino.

— Ele sabe. — O ilusionista deu um passo na direção de Micah. Levantou um braço, como se planejasse tocá-lo, mas então desistiu. — Sinto muito.

Os fogos de artifício estavam diminuindo. A tenda do Dobra-Luz estava voltando.

Micah se sentiu como uma pipa com a linha cortada, rodopiando pelo ar, o chão se dissolvendo sob seus pés. Mal notou Jenny tremendo no assento ao seu lado. Eles eram as únicas crianças que ainda restavam na plateia.

— Mas o senhor disse que poderia nos ajudar. — A voz de Micah estava embargada. — Vovô Ephraim disse que o senhor poderia nos ajudar.

— Não da forma que você quer, Micah. Não posso enganar a morte.

— O que o senhor *pode* fazer então? — De alguma forma, Micah estava de pé. — De que *isso tudo* adianta?

Ele queria que o Dobra-Luz discutisse com ele. Queria que gritasse com ele para Micah poder gritar de volta. Mas o homem não levantou a voz.

— Sinto muito por não poder dar a você o que quer. Vá até Rosebud. Ela mora na carroça atrás da tenda do sr. Head. Ela vai lhe dar algo para

fazer Ephraim se sentir mais como ele mesmo por um tempinho.

— Não acredito no senhor! Você tem que nos ajudar. Tudo isso… — Micah abriu os braços para incluir todo o Circo Mirandus. — É perfeito e incrível e… e é *tudo*. O senhor pode salvá-lo de alguma maneira. Se pudesse voltar comigo, se visse vovô Ephraim, o senhor ajudaria. Eu sei!

Ele balançou a cabeça.

— Não posso, Micah. E tento não sair do Circo Mirandus. Eu mantenho as ilusões que nos mantêm escondidos do mundo lá fora. Se eu sair, as coisas ficam difíceis.

— Por favor. — A voz de Micah falhou. — Por favor, venha comigo.

O Dobra-Luz desviou o olhar.

Micah agarrou Jenny pelo braço e a puxou para longe do Dobra-Luz.

— O senhor não se importa — acusou Micah. — Não vai nem tentar.

Ele arrastou Jenny pelo palco em direção à saída. Sua própria fúria o estava consumindo vivo. Quando pisou do lado de fora, o ar noturno deu a sensação de mil pontos de gelo atingindo sua pele.

Na tenda atrás dele, o menino imaginou ter ouvido o Dobra-Luz resmungar. Imaginou tê-lo ouvido dizer algo baixinho:

— Ah, meu querido Ephraim. Você não poderia ter me pedido um milagre mais fácil?


POÇÕES E
INFUSÕES DA
ROSEBUD

25
UM BOCADINHO DE AJUDA



Micah quase trombou com o Homem-Músculo na saída da tenda. O gigante de chapéu-coco não falou nada. Ele saiu do caminho e os deixou passar. Micah disparou na direção do portão. Não passaria nem um instante a mais do que o necessário no Circo Mirandus.

Jenny tropeçava atrás dele.

— Micah — disse ela, parecendo chocada. — Micah, acho que o Dobra-Luz não usa câmeras.

— Pode ser que use.

— Eu… eu acho que… tudo isso é *real*.

Micah bufou.

— Espera aí! — pediu Jenny. — Preciso de um minuto. Preciso pensar.

Mas Micah não desacelerou o passo, e eles estavam a apenas alguns metros de Geoffrey e do mundo lá fora quando Jenny enfiou os calcanhares no chão. Micah parou de repente e largou o braço dela.

— E a carroça da Rosebud? — perguntou ela.

Micah balançou a cabeça.

— Essas pessoas não vão nos ajudar, Jenny. Nem deveríamos ter vindo.

— Mas o Dobra-Luz falou que ela podia dar algo para o seu avô se sentir melhor. Se isso tudo é real, por que não tentar?

Não. Micah não queria. Ele tinha tentado e tentado até ficar destruído por dentro.

— Micah Tuttle! — gritou Jenny. — Você não pode desistir agora.

Micah inspirou e expirou lentamente até se acalmar o bastante para raciocinar. Ele sabia que Jenny estava certa, mas um desapontamento cruel consumia seu coração. Vovô Ephraim ia… ele estava… vovô Ephraim precisava de toda ajuda que Micah pudesse conseguir para ele.

— Está bem — concordou ele. — Está bem.



Micah não ficou surpreso por não ter notado a carroça de Rosebud antes. Parecia uma casa de boneca perto da tenda do zoológico. Ele não queria ter grandes esperanças, mas logo que a viu teve que admitir que tinha potencial. A carroça era pintada de um verde reluzente que brilhava sob a luz do refletor no alto da tenda do sr. Head, e quatro pôneis gordos e amarelos estavam presos a uma estaca ali perto. A placa ao lado dos três degraus de madeira que levavam à porta dizia Poções e Infusões da Rosebud.

— Ela deve ser algum tipo de herborista — observou Jenny.

Ela bateu à porta, que se abriu quase no mesmo instante e ambos ofegaram. A mulher diante deles era enorme. Sua pele era tão negra quanto a tenda do Dobra-Luz, e ela devia ter pelo menos uns dois metros de altura. Ela não tinha nem um fio de cabelo na cabeça, mas seu crânio era pintado com brilhantes flores cor-de-rosa.

— Hum… — disse Jenny.

— Estamos procurando por Rosebud... — falou Micah. — Senhora.

O sorriso dela era quase tão grande quanto ela própria.

— Procurando por mim? — disse numa voz estrondosa. — Bem, é claro que estão, queridinhos! Entrem.

E, antes que qualquer um dos dois pudesse decidir se aquela era uma boa ideia ou não, ela segurou Micah e Jenny pelos ombros e os puxou para dentro da carroça. Micah não tinha certeza, mas achou que seus pés tinham deixado o chão por um segundo.

Eles foram deixados numa poltrona tão grande que tomava quase todo o espaço da carroça que a própria Rosebud não ocupava.

— Pelas barbas do profeta! — exclamou Jenny.

— Eu tenho dessas! — afirmou Rosebud. — É o que vocês estão procurando?

— Não, senhora. — Micah olhou ao redor. Um filhote de jacaré com o rabo enfaixado dormia no alto de uma pilha de dicionários de línguas estrangeiras e livros de astronomia em um canto, mas cada centímetro da carroça estava coberto de jarras, garrafas e cestas. — Pelo menos acho que não. Estamos procurando por algo para consertar os pulmões de uma pessoa.

— Ah, meu jovem. — O sorriso dela desapareceu. — Então vocês vieram até Rosebud devido a um problema sério? Falem-me mais a respeito, queridinhos. Vamos ver o que posso fazer.

A carroça de Rosebud tinha o cheiro mais estranho do que qualquer outro lugar que Micah estivera e ela não parava de chamá-lo de "meu jovem". Mas logo que ele terminou de descrever os sintomas do vovô Ephraim, ela começou a remexer em suas cestas, canecas e latas de cookie, tirando coisas que, definitivamente, pareciam nojentas o suficiente para serem remédios.

— Não posso consertar tudo — declarou ela — e não posso impedir a morte, mas isto vai ajudar um bocadinho.

Jenny sussurrou no ouvido de Micah que "bocadinho" queria dizer um pouquinho, mas ele não conseguiu evitar se sentir encorajado enquanto observava Rosebud triturar os ingredientes num pilão pequeno demais para suas mãos. Ela produziu um pó fino e marrom e o colocou dentro de um vidrinho com uma rolha de cortiça. Então mergulhou um pincel num potinho de tinta branca e escreveu "Para Ephraim Tuttle" em uma bela caligrafia.

— O chá especial de Rosebud — falou enquanto oferecia o vidrinho para Micah. — Faça uma infusão com ele em um pouco de água quente por alguns minutos e dê ao seu avô. Vai fazê-lo sentir-se melhor.

O vidrinho era mais pesado do que parecia. Micah o agarrou junto ao peito com as mãos.

— Obrigado — agradeceu ele. — Muito obrigado.

— Ah, queridinho. — Ela deu umas batidinhas no ombro dele. — Tenha um bom-dia.

— Dia? — perguntou Micah. Ele com certeza não estivera no Circo Mirandus por tanto tempo. Mas quando saíram da carroça de Rosebud, ele olhou para o céu e sentiu Jenny congelar ao seu lado. Uma faixa de luz acinzentada se movia lentamente além do horizonte. O sol estava quase nascendo.

— Meus pais — gritou Jenny.

— Tia Gertrudis — sussurrou Micah.

— As bicicletas! — berraram os dois ao mesmo tempo.



Eles pedalaram como se estivessem sendo perseguidos por um exército inteiro de tigres-brancos, mas não foi o suficiente. Quando chegaram à

casa de Micah, o sol já tinha tingido o céu de um belo tom cor-de-rosa.

Jenny nem parou. Ela gritou "Tchau! Boa sorte!" e se afastou correndo com a Patrulhinha do Pastor chacoalhando loucamente atrás dela. Micah desceu da bicicleta e a deixou cair no quintal. Em uma das mãos, agarrada firmemente, estava o vidrinho de remédio de Rosebud.

Vou precisar de sorte, pensou. Ele só podia torcer para que tia Gertrudis não tivesse acordado ainda.

Ele foi para o andar de cima. Andou o mais rápido que pôde sem fazer as tábuas estalarem sob seus pés. A casa estava silenciosa. Quando chegou à porta de seu quarto, Micah fez uma pausa de alguns segundos para recuperar o fôlego.

Esse foi o erro dele.

Logo antes que pudesse girar a maçaneta, tia Gertrudis saiu do quarto de hóspedes. Seus olhos se estreitaram quando percebeu a aparência do menino. Ele estava suado da corrida de bicicleta. Estava com o cheiro dos bichos do zoológico e das ervas de Rosebud.

Tia Gertrudis nunca fora idiota. Suas narinas se inflaram.

— Por onde você andou?

Micah sabia que estava perdido.

26
VELHAS MENTIRAS



Micah não contou a verdade a ela. Ele disse que tinha saído para andar de bicicleta e "se exercitar". Tia Gertrudis não acreditou naquilo nem por um segundo.

A princípio, ela só lhe passou um sermão, mas depois viu o cadarço enrolado em volta do pulso de Micah. Algo que o menino não estava esperando passou depressa pelo rosto dela: reconhecimento. A raiva deixou suas bochechas vermelhas.

— Tire isso — disse a tia em voz baixa. — Tire esse negócio imundo.

Micah enfiou a mão no bolso para escondê-la.

— As velhas mentiras de Ephraim — sibilou ela. — Não vou mais aturar isso! Esse negócio deveria ser *queimado*.

Ela avançou para cima de Micah e puxou a mão dele em sua direção.

— Me solta! — Micah lutou para libertar o braço.

— É uma piada de muito mau gosto — afirmou ela. — E perigosa.

— Não, não é.

Ela tentou desfazer o nó, mas quanto mais puxava, mais ele ficava firme ao redor do punho de Micah.

Micah não sabia *o que* a tinha possuído.

— Pare, tia Gertrudis. É *meu*.

Ele puxou o braço o mais forte que conseguiu e se libertou.

Tia Gertrudis ficou curvada, com a mão torcida ao redor do ar vazio onde o punho dele antes estivera. Lentamente, ela se endireitou.

— Tire isso.

Micah olhou para o cadarço. O nó que ele tinha atado no dia anterior olhava inocentemente de volta para ele. O menino cerrou os dentes e fitou a tia nos olhos.

— Não vou tirar.

Ela fez um som aborrecido no fundo da garganta.

— Você ficou igualzinho ao Ephraim. Eu devia ter te afastado dele anos atrás. — Ela olhou para ele por mais um momento e então se virou em direção à escada.

— Ele não é mentiroso, tia Gertrudis — afirmou Micah para suas costas. Ele não tinha certeza de onde tinha tirado a coragem. — O Circo Mirandus é real. Eu estive lá.

— Você está de castigo — disse ela sem olhar para ele. Estendeu uma das mãos para endireitar o coque. — Se não tirar esse negócio, eu vou cortá-lo. Essa bobagem vai morrer com meu irmão. Não a quero infectando minha vida no Arizona.

Micah a encarou.

— Então acho melhor você não me levar para o Arizona com a senhora — murmurou. Ele estava surpreso de perceber que realmente estava falando sério.

Depois de se trocar e colocar o uniforme da escola, Micah foi para a cozinha. Tia Gertrudis estava na sala e nem perguntou o que ele estava fazendo ali. Talvez a última briga deles tivesse servido para algo, afinal de contas.

Ele colocou a chaleira no fogo para esquentar água, depois pôs o vidrinho de remédio de Rosebud na pia e puxou a rolha. Cheirou. Tinha um aroma esquisito, mas não ruim, como flores e bacon. Ele pegou a maior xícara que conseguiu encontrar no armário e despejou todo o pó nela. Quando a chaleira estava quente, Micah deixou o pássaro cantar por todo o tempo que se atrevia com a tia por perto.

Levou a xícara com o chá pronto para o andar de cima com cuidado e entrou disfarçadamente no quarto do avô. Vovô Ephraim estava dormindo e parecia pior do que nunca. Sua pele estava branca como papel, e ele parecia lutar a cada respiração, até dormindo. O som era aterrorizante. *Glub glub, chiiiiiiiii*.

Micah se curvou e beijou sua bochecha.

— Acorde — sussurrou ele.

Os olhos do vovô Ephraim se abriram aos poucos.

— Micah. — Sua voz estava exausta. — Como foi?

Micah hesitou. Ele queria contar a verdade, fazer perguntas a ele, mas o avô parecia tão mal.

— Foi legal — respondeu. — Depois da escola conto ao senhor.

Vovô Ephraim franziu a testa.

— Fiz um chá para o senhor. — Micah ajudou vovô Ephraim a se ajeitar nos travesseiros para ficar sentado.

— Estou enjoado de chá — chiou seu avô.

— Não é o da tia Gertrudis — disse Micah. — É especial. Da Rosebud.

Os olhos do vovô Ephraim se arregalaram. Ele tomou um golinho.

— Está bom?

O avô assentiu.

— Tome tudo — pediu Micah. — Ele vai fazer o senhor se sentir melhor.

Por favor, pensou, *que ele faça o senhor se sentir melhor*.



A manhã passou bem rápido, talvez porque Micah caíra no sono enquanto a sra. Stark ensinava à turma a nova lista de palavras para soletrar. Ele não teve chance de falar com Jenny até a hora do almoço.

— Tive sorte — contou ela enquanto tirava todos os pedaços de pepperoni de sua fatia de pizza. — Meus pais estavam fazendo café quando cheguei em casa, então entrei pela porta dos fundos e eles não perceberam.

— Minha tia percebeu.

Os olhos de Jenny ficaram enormes.

— Não pode ser. O que ela fez com você?

— Me botou de castigo. — Micah nunca tinha ficado de castigo antes. Isso não o incomodava tanto quanto a reação da tia Gertrudis ao cadarço. Ela parecera quase assustada. Ele olhou para o cadarço. Era uma pressão confortável ao redor de seu pulso.

— Bom, isso estraga nosso plano — afirmou Jenny.

Micah jogou uma rodela de pepperoni na boca e a engoliu sem mastigar.

— Que plano?

— Trazer o Dobra-Luz para curar seu avô, claro!

— Agora você acredita que ele consegue? — perguntou Micah. Era estranho ela ser a pessoa convencendo-o de que a magia era a resposta para seus problemas.

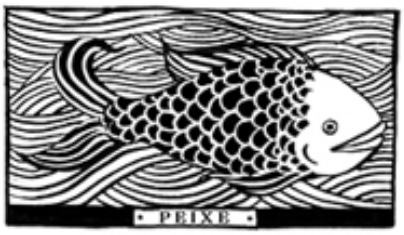
— Se ele tem séculos de idade, então *alguma coisa* deve estar mantendo ele vivo. — A voz dela era firme. — Estou bolando um argumento muito bom para convencê-lo. Acho que a gente abordou tudo da forma errada ontem, mas tenho certeza de que se a gente tentar de novo…

Micah assentiu lentamente. O Dobra-Luz tinha dito que não podia salvar vovô Ephraim. Micah não queria pensar que ele era o tipo de pessoa que contaria uma mentira tão horrorosa, mas Jenny estava certa. Todo mundo no Circo Mirandus *era* bem velho.

Isso significava que ainda havia uma chance. Ele não podia desistir ainda. Felizmente, o chá de Rosebud dera a ele um pouco mais de tempo.



27
O BOCADINHO DE ROSEBUD



Vovô Ephraim e Micah sempre mantiveram a casa bem limpa, então o menino não sabia como tia Gertrudis tinha encontrado tantas tarefas desagradáveis para ele fazer naquela tarde. Talvez ela tivesse sua própria versão malvada de poderes mágicos. Depois de duas horas, ele já tinha limpado os dois vasos sanitários, raspado sujeira do peitoril da janela e areado um monte de crostas queimadas das paredes do forno.

A única coisa que tornava aquilo suportável era que vovô Ephraim estava dormindo como um bebê. Micah achou que sua respiração parecia mais fácil, e seu rosto, menos pálido. Ele ainda estava roncando quando tia Gertrudis mandou Micah para o quarto.

Talvez a poção de Rosebud esteja funcionando, pensou enquanto vestia o pijama. *Talvez um bocadinho de ajuda seja o suficiente*.

Quando rastejou para a cama, suas pálpebras já estavam tão pesadas que pareciam ter pesos pendurados. Mal podia se lembrar da última vez

que dormira uma noite inteira de sono. Ele tinha acabado de deixar a cabeça cair no travesseiro, que estava um milhão de vezes mais fofinho do que jamais estivera antes, quando ouviu um grito vindo do quarto do avô.

Ele pulou da cama e foi para o corredor em um único movimento, o coração batendo acelerado de encontro às costelas. Tia Gertrudis estava de pé do lado de fora da porta do vovô Ephraim. Ela apertava uma das mãos no peito enquanto fitava o quarto.

Micah passou correndo por ela.

Vovô Ephraim estava de pé. Estava *de pé* em frente ao espelho vestindo seu melhor terno e dando um nó na gravata.

Micah congelou, mas apenas por um segundo.

— Ai — reclamou seu avô quando Micah o abraçou pela cintura e apertou o rosto em sua barriga.

— O senhor está melhor — afirmou Micah. Foram as melhores palavras que ele já dissera. — O senhor está realmente melhor! Senti tanto a sua falta.

Vovô Ephraim riu, e era uma risada de verdade, em vez de uma risada tossida e engasgada. Ele levantou Micah do chão e beijou sua testa.

— Não é incrível? Eu acordei e decidi que estava me sentindo bem o suficiente para me levantar e, logo depois, me senti bem o bastante para me vestir, e agora — comentou enquanto colocava o neto de volta no chão e dava tapinhas na própria barriga — estou me sentindo muito bem.

Tia Gertrudis ainda olhava fixamente e apertava o peito.

— Ephraim! — falou ela, meio ofegante. — Não é possível. Você está morrendo.

Vovô Ephraim piscou para ela.

— Sei disso, Gertie, mas estou me sentindo bem o suficiente para me levantar e vou me aproveitar disso.

Ele bateu nas costas de Micah.

— Vamos sair. Temos que comemorar o fato de a minha morte ter sido adiada.

Isso fez tia Gertrudis voltar a si.

— Ele está de castigo, Ephraim. Por sair escondido na noite passada.

Micah não ligava por estar de castigo. Não ligava para o quanto estava exausto um momento antes. Não ligava para nada a não ser o fato de que vovô Ephraim estava ali e saudável. Rosebud tinha conseguido. A poção tinha funcionado. A cabeça de Micah não conseguia lidar com tudo aquilo, mas o coração conseguia. Ele queria subir pela boca e gritar de alegria.

Vovô Ephraim olhou para ele.

— Estou tirando você do castigo, Micah. Seria muito inconveniente para mim você estar de castigo agora. Ponha os sapatos. Vamos ao cinema.

— Cinema! Ephraim, você não pode estar falando sério.

— Quer vir também, Gertie?

— Não — disse Micah.

— Não! Eu não quero ir. Você deveria voltar para a cama. Você pode ter uma recaída! Não sei o que está acontecendo aqui, mas temos que ligar para o médico.

— É magia — comentou Micah.

— Não seja idiota — disparou tia Gertrudis.

Vovô Ephraim se aproximou dela e a abraçou. Ela ficou tão dura quanto um poste.

— Realmente é magia — disse ele. — Tem certeza de que não quer vir com a gente?

Quando saíram de casa, ela estava ao telefone com o dr. Simon tentando explicar que vovô Ephraim estava ao mesmo tempo morrendo e indo ao cinema, contrariando ordens médicas.



Micah estava muito chocado e maravilhado para falar por grande parte do caminho até o cinema, mas quando vovô Ephraim parou o carro no estacionamento e começou a soltar o cinto de segurança, ele encontrou sua voz.

— Espere.

O avô olhou para ele.

— Circo Mirandus. O Dobra-Luz… Ele disse que não podia…

O avô pressionou os dedos nos lábios de Micah com gentileza.

— Ainda não — falou. — Eu sei o bastante e você vai me contar o resto mais tarde. Não sei quanto tempo a maravilhosa poção de Rosebud vai durar, mas quero aproveitar cada minuto com você.

— Mas o seu milagre…

— Ele vai se resolver por si mesmo a essa altura — observou vovô Ephraim. — Esqueça isso, por favor, Micah. Só por um tempinho.

Micah não esqueceu, mas deixou o entusiasmo do avô contagiá-lo pelo restante da noite. Ele nunca fora ao cinema à noite e certamente nunca usando pijamas e tênis. Vovô Ephraim contou piadas enquanto eles esperavam na fila. Quando chegaram à bilheteria, não reconheceram nenhum dos filmes que estavam em cartaz, então compraram ingressos para o que tinha o pôster mais engraçado. Comeram pipoca e confetes de chocolate e dividiram o maior refrigerante de laranja que o cinema vendia. Era tão grande que não conseguiram acabá-lo em um filme só.

Então ficaram para mais um.

Quando o cinema fechou, voltaram para o carro nas pontas dos pés porque estavam tentando ver quem conseguia evitar mais fendas no calçamento. Quando entraram no carro, vovô Ephraim sorriu para Micah.

— Está com sono?

— Nem um tiquinho. — Ele nunca mais ficaria com sono de novo se isso significasse que aquela noite duraria para sempre.

Eles foram a um lugar que tinha mini-golfe 24 horas. Não contaram os pontos. Nunca faziam isso quando jogavam juntos. Dessa forma, quando a partida acabava, podiam concordar que tinham empatado.

Na volta para casa, vovô Ephraim ligou o rádio alto e eles cantaram juntos todas as músicas que conheciam. Quando o avô tentava inventar as letras das músicas que não conhecia, Micah ria tanto que começava a fungar como um porco.

Foi tão perfeito, tão mágico, que Micah quase acreditou que ia durar para sempre. Como algo tão verdadeiro podia acabar um dia? Então estacionaram na entrada da garagem e vovô Ephraim tossiu. Só uma vez.

Ele desligou o rádio e suspirou.

— Acho que essa deve ser a nossa deixa.

— Todo mundo tosse de vez em quando — disse Micah, baixinho.

— Talvez — respondeu vovô Ephraim. — Mas acho que é a sua vez. Agora você tem as próprias histórias do Circo Mirandus para me contar.

— Não são tão boas quanto as suas.

O avô sorriu para ele.

— Talvez ainda não tenham acabado.

Quando Micah terminou de descrever sua visita ao Circo Mirandus, vovô Ephraim tinha lágrimas nos olhos. No início, Micah achou que ele estava chorando porque estava desapontado, mas então ele enxugou o rosto e falou:

— Ah, Micah, eu me lembro. Estou tão feliz que você o tenha visto. Não é lindo?

Ele se esticou para abraçá-lo, e Micah retribuiu o mais forte que conseguiu.

— Mas ainda não convenci o Dobra-Luz a ajudar o senhor. O senhor vai me… me abandonar.

Vovô Ephraim balançou a cabeça.

— Temo que você esteja pedindo demais do Dobra-Luz, Micah. Eu já falei para ele o que queria como meu milagre na segunda vez em que a papagaia dele veio me ver. Nunca esperei que ele me tirasse da beira da morte.

— Eu não entendo — disse Micah. — O que o senhor queria dele? O que pediu?

O avô olhou para o neto com seriedade.

— Algo muito importante e muito difícil. Mais esquisito e mais magnífico do que qualquer coisa que ele tenha feito antes.

— O quê?

— Não é algo que eu possa contar para você. Não agora. O Dobra-Luz ainda está tentando fazer com que aconteça. É algo que ele não pode fazer sozinho, sabe.

Micah não sabia nem um pouco. O que podia ser mais importante do que garantir que vovô Ephraim não morresse?

— Podíamos visitar o circo — disse Micah de supetão. A ideia era tão simples. Ele não sabia por que não tinha pensado nisso antes. — Podíamos pedir mais remédio à Rosebud. Litros dele!

Mas vovô Ephraim balançou a cabeça de novo.

— Gosto de pensar — falou lentamente — que poderia ir mais uma vez ao Circo Mirandus. Gosto de pensar que me mantive receptivo o suficiente à magia para isso. Mas mesmo que possa, eu não quero ir.

— Por que não?

Vovô Ephraim estava olhando pela janela do carro como se pudesse ver pelo vidro mais do que a rua comum onde moravam. Ele tossiu de novo.

— Porque quando você tenta se agarrar com muita força a algo, você o quebra. — Ele abriu a porta e fez um gesto para Micah fazer o mesmo. — Algumas vezes, temos que nos libertar para que outras pessoas também possam vislumbrar a magia.

Eles decidiram passar as últimas poucas horas da noite na casa na árvore que tinham construído juntos.

Vovô Ephraim riu quando se sentou em uma metade de sanduíche de atum amassado.

— O que é isso? — perguntou enquanto o tirava de debaixo dele.

— Jenny e eu devemos ter deixado aí.

Mesmo no escuro, Micah sabia que os olhos de seu avô estavam brilhando de interesse.

— Jenny — falou ele. — Sua nova amiga. Gostaria de conhecê-la.

— O senhor pode — respondeu Micah. — Ela vai querer visitá-lo se eu chamar. Até mesmo amanhã. Sei que sim.

O avô não disse nada.

Micah tentou afastar a lembrança de como vovô Ephraim estivera antes da poção de Rosebud, mas a imagem não o deixava.

— O senhor precisa conhecer Jenny. Podemos ligar para ela agora mesmo.

— Meu Deus, Micah! A essa hora? — A diversão estava clara na voz do vovô Ephraim. — Duvido que os pais dela fossem gostar disso.

— Eu… — Micah não sabia o que dizer. Então, teve um lampejo de inspiração. — O senhor tem alguma corda?

Vovô Ephraim inclinou a cabeça para o lado.

— Você ainda está usando meu cadarço.

Micah olhou para o punho.

— Eu sei como o senhor pode conhecer Jenny — comentou o menino.

O nó que tia Gertrudis tinha tentado desfazer com tanta vontade naquela manhã saiu com um simples puxão.

Ele não se preocupou se ia funcionar ou não. Era para seu avô, então tinha que funcionar. O nó começou a ganhar forma sob seus dedos. Ali estava uma curva para o quão inteligente Jenny era e havia uma torção para a discussão deles no armário de artes. Aqui uma volta para a incursão noturna dos dois ao Circo Mirandus, ali outra para a forma que Jenny puxava suas tranças quando estava chateada. Micah atou e atou e, quando acabou, viu que tinha feito exatamente o que queria.

Ele estendeu o nó para o avô.

— Esta é Jenny.

Vovô Ephraim embalou o nó na palma da mão. Fechou os olhos e passou os dedos por ele. Quando os abriu de novo, estava sorrindo.

— Micah, você sabe o que acabou de fazer?

— Era para ser como Jenny.

Vovô Ephraim assentiu.

— E é. Sua amiga é mesmo singular. É melhor você tomar conta dela. — Ele olhou novamente para o nó. — Nunca tinha visto algo assim em toda a minha existência. Você colocou as suas memórias num pedacinho de couro. Não percebe o quanto isso é extraordinário?

Micah deu de ombros.

— O senhor também consegue atar nós.

— Não dessa forma. — Vovô Ephraim esticou a mão até o punho de Micah e enrolou o cadarço cuidadosamente em volta dele. Virou o nó de Jenny para que ele ficasse contra o pulso de Micah e amarrou o laço bem firme no lugar. — Isso é algo muito especial.

— Não sou especial — afirmou Micah.

— Você não quer ser?

Micah pensou a respeito por um minuto.

— Todo mundo não é?

Vovô Ephraim riu.

— Acho que sim. Mas alguns de nós não são corajosos o bastante para encontrar no que são especiais, e outros cometem erros ao longo do caminho.

Ele olhou para as estrelas por entre os galhos do carvalho.

— Fico feliz que você tenha perguntado ao Dobra-Luz a respeito de Victoria. Eu nunca soube a história completa.

Micah franziu a testa. Algo a respeito da história de Victoria vinha incomodando-o.

— Não entendo como o senhor se casou com alguém como a Mulher-Pássaro. Como sequer a encontrou?

— Essa é uma história que nunca lhe contei — disse o avô. — Não teve um final feliz, então achei que era melhor guardar para mim mesmo.

— Achei que o senhor tivesse me contado tudo.

— Eu lhe contei tudo sobre minha primeira ida ao Circo Mirandus.

Os olhos de Micah se arregalaram, e o avô assentiu.

— Quando eu cresci um pouco mais, tentei voltar.

28

Ephraim e a Mulher-Pássaro



Ninguém no Circo Mirandus sabia a parte de Ephraim da história que ele tinha revelado a Micah naquela noite na casa na árvore. Como alguém poderia ter desconfiado de uma coincidência tão espantosa? No dia em que Victoria caiu — no dia em que deixou o circo para sempre —, exatamente nesse dia, Ephraim Tuttle estava tentando encontrá-lo.

Seu pai sobrevivera à guerra, e os Tuttle tinham passado alguns anos felizes seguindo a vida. Gertrudis nascera um bebê feliz e chorão, e a família se mudara para uma casa maior numa área melhor da cidade. Ephraim tinha voltado à escola e conseguira até ficar tempo o suficiente para se formar.

Mas a vida pode ser cruel. Quando ele tinha dezenove anos, a mãe de Ephraim morreu de um mal súbito e, depois de seu pai se render à tristeza, Ephraim se viu responsável pela irmã de sete anos. Ele lidou com aquilo com grande maturidade para sua idade. Não deixou que a

situação arruinasse seus planos. Finalmente estava pronto para pedir seu milagre ao Dobra-Luz.

Ephraim vinha procurando notícias do circo por vários meses e a investigação havia se tornado uma busca pessoal. Ele passou um bom tempo ouvindo a tagarelice das crianças no parque local e visitando todo parque de diversões e feira que conseguia encontrar. Nunca tinha ocorrido a ele que algo tão simples quanto uma carta pudesse chamar a atenção de alguém.

No fim, escutou um rumor de que o circo tinha sido visto perto de Chicago. Ele pegou a irmã e partiu para lá, certo de que finalmente os tinha localizado. Ephraim tinha razão de estar confiante. Estava a apenas alguns quilômetros de seu objetivo.



Ephraim colocou a irmã nas costas para pular um córrego sujo que corria bem no meio da rua de paralelepípedos de pedra. O dia estava muito quente, e Gertie grudou nas costas suadas de Ephraim como se alguém a tivesse colado ali. Ele não se importou. Finalmente, depois de tanto tempo, conseguia ouvir a música.

— E *você* vai ser um mágico? — perguntou Gertie pela terceira vez naquela tarde. — Você vai fazer truques com os seus nós na frente de centenas de pessoas?

— Vou — respondeu Ephraim. — Se eles me aceitarem. Vou pedir ao Dobra-Luz para me ensinar mágica de verdade.

— Aposto que ele não vai ter que ensinar nadinha para você. Os seus nós são a melhor mágica que existe.

— Você só acha isso porque ainda não viu nenhum outro tipo.

Ephraim tinha apenas uma vaga ideia do que poderia se tornar com o treinamento apropriado. Os nós eram algo muito versátil,

especialmente uma vez que você começasse a pensar para além da corda. Eles estavam em todo lugar para onde se olha e em muitos lugares para onde não se olha, e havia também os laços invisíveis, como os que mantinham as famílias unidas.

Ele ajeitou a irmã nas costas.

— Estamos quase lá — avisou ele. — Posso sentir.

Então virou uma esquina e se viu cara a cara com a Incrível Mulher-Pássaro Amazônica.

Ephraim não tinha como saber que Victoria havia acabado de deixar o Circo Mirandus para sempre. Não tinha como saber o quanto ela estava furiosa com o Dobra-Luz.

— Meu Deus! — exclamou Ephraim. — Você é a Incrível Mulher-Pássaro Amazônica.

Ela ficou imóvel.

— Prefiro Victoria. — Ela olhou para ele de cima a baixo. — Quem é você?

— Ephraim Tuttle — disse ele. — E essa é Gertie.

Gertie espiou por cima do ombro do irmão.

— Estamos indo a um circo mágico — falou ela com a vozinha aguda. — Meu irmão quer ser um mágico.

Para Ephraim, o dia quente pareceu ficar dez graus mais quente. A Mulher-Pássaro, que antes ele tinha achado a mulher mais linda do mundo, era duas vezes mais bonita do que ele se lembrava.

— Só vou perguntar se eles podem me ajudar a aprender — explicou ele. — Sei algumas coisas. Truques. Mas o Dobra-Luz, quer dizer, o Homem Que Dobra Luz, me ofereceu um milagre.

— Ah, ele *ofereceu*? — falou Victoria. Os olhos dela se estreitaram. — Ele não costuma fazer isso com frequência.

— Eu esperava que, em vez de um milagre comum, por assim dizer, ele concordasse em me ensinar — balbuciou Ephraim.

— Ele deve ter visto muito potencial em você. — A voz dela era contemplativa. — Ele deve ter achado que você tinha algo especial com o que contribuir para o circo.

— Bem, não tenho certeza de que chamaria o que eu faço de especial…

— Bobagem. — Então Victoria sorriu, e para Ephraim foi como o nascer do sol. — Então você está indo ao Circo Mirandus para encontrar o Homem Que Dobra Luz. Você vai aprender a ser um… o que é que você faz exatamente?

Ephraim carregava seu velho cadarço para todo canto. Ele mostrou a Victoria o mesmo nó que tinha feito para o Dobra-Luz anos antes.

— Que maravilhoso! — exclamou ela quando ele terminou. — Esse é o tipo de mágica que estamos procurando no Circo Mirandus.

— Sério? — perguntou Ephraim. — Sempre me preocupei que não fosse nada de mais.

— Sério — confirmou Victoria. Ela piscou para ele batendo os cílios. — Mas com certeza você não está indo nesse exato momento, está?

Ephraim ainda olhava fixamente para os cílios dela.

— Estamos — respondeu Gertie.

— Ah, puxa! — Victoria balançou a cabeça. — Estou tirando umas férias curtas de tudo. Seria agradável ter companhia. — Ela mordeu o lábio. — Mas acho que vocês não gostariam de vir comigo.

— Nós não — respondeu Gertie.

— Vocês sempre podem se juntar ao Circo Mirandus depois. — Victoria gargalhou, animada. — Porque… ele está por aí há milhares de anos! Duvido que a gente tenha que se preocupar que ele vá debandar.

Ephraim tinha certeza de que não fora tão sortudo desde que o Peixe nadou para dentro de sua bota.

— É claro — disse ele.

Victoria estendeu o braço, e Ephraim afastou seu estupor. Colocou a irmã no chão e tomou o braço de Victoria para acompanhá-la ao atravessar a rua.

— Mas, Ephi!

Victoria se inclinou na direção dela.

— Não é nenhuma tragédia, querida — sussurrou ela. — Você acabaria terrivelmente desapontada no final.



Quando Ephraim percebeu que Victoria o tinha enganado, já estava muito apaixonado. Ela implorou para que ele a perdoasse, e ele o fez.

— Mas quero que você entenda que vou continuar procurando por ele — disse o jovem. — Eu pertenço ao Circo Mirandus. Às vezes sinto que sempre pertenci.

— É claro — falou Victoria. — Sinto muito. De verdade, sinto mesmo. Eu *realmente* amo você. Podemos ser uma bela equipe, você e eu.

Ele acreditou nela e logo depois os dois se casaram.

Ephraim encontrou um emprego de vendedor de sapatos. Era para ser uma posição temporária, mas o dinheiro estava curto. Gertie estava crescendo tão rápido. Ela sempre parecia precisar de novas meias ou blusas ou saias. Um dia Ephraim percebeu que sua irmã já estava com onze anos e que ele estava mais longe do que jamais estivera do Circo Mirandus.

Ele não podia deixar sua esposa e sua irmãzinha morrerem de fome enquanto perseguia o circo pelo mundo. Então, empilhou caixas de

sapatos, mediu pés e sonhou com flautas e tambores.

De sua parte, Victoria parecia satisfeita. Mantinha a casa em ordem, regia o coral de domingo e se era difícil de lidar às vezes… Bem, ao menos Gertie tinha acabado gostando dela. Uma ou duas vezes, Ephraim flagrou a esposa olhando pela janela para os pássaros com uma expressão pensativa no rosto, mas depois achou que tivesse imaginado aquilo.

Então chegou o dia em que ele a viu flutuando alguns centímetros acima do tapete da sala. Victoria estava olhando fixamente pela janela de novo, mas dessa vez parecia satisfeita.

— Sua magia voltou! — Ephraim estava encantado. Ela tinha contado a ele que perdera sua magia em um acidente. Victoria não gostava de falar a respeito disso, e ele não a culpava. Ele não podia imaginar o quanto devia ter sido difícil para ela. — Isso muda tudo.

— Sim — declarou Victoria. — Com certeza muda.

Ela correu um dedo fino pela vidraça.

— Ephraim — disse ela —, alguma vez já contei sobre os outros mágicos? Os que não trabalham para Mirandus Head, quer dizer. Eles podem estar muito interessados em nos conhecer, sabia?

— Isso é bom, imagino — respondeu Ephraim.

— É bom, Ephraim. Sou talentosa. *Você* é talentoso o bastante, apesar de, é claro, precisar de algum treino para alcançar seu potencial. É uma boa ideia, não?

— Mas, Victoria, o Circo Mirandus está esperando por nós dois. Por *todos* nós.

— Hum, sim — comentou Victoria. — Gertie ainda está ansiosa para conhecer o lugar, não está? Mas não vai ser fácil levá-la se ela tiver superado a ideia, vai? O administrador tende a ser bem *seletivo*.

— Você sabe que ela ainda está louca para vê-lo! E mal posso esperar para contar a ela sobre sua magia.

Victoria se aproximou para beijá-lo na bochecha e sorriu.

— Mal posso esperar também.



Um sábado não muito distante, enquanto seu irmão estava no trabalho, Gertrudis Tuttle estava deitada na varanda da frente quando Victoria saiu para varrer. Gertie estava com a língua entre os dentes e olhava fixa e atentamente para algo em suas mãos.

— O que você tem aí, querida? — perguntou Victoria.

— É *o* cadarço. Não sei por que não funciona comigo. Ephraim faz isso como se não fosse nada de mais.

Victoria riu.

— Ah, Gertie, essa é boa! Não sabia que você ainda acreditava nas velhas histórias do seu irmão.

— Claro que acredito.

Victoria revirou os olhos.

— Você realmente acha que o hobby bobo dele de fazer nós é mágica?

— Sim. Eu o vi fazer isso. Um dia ele vai ser um grande mágico.

— Sério, meu amor, você é mais inteligente do que isso. Ele diz que eu posso voar!

Gertie olhou para cima, para a mulher, séria.

— Você pode. Não sei por que você nunca voa, mas Ephi não mentiria pra mim.

Havia um brilho esquisito nos olhos de Victoria.

— Ele mentiu — afirmou ela. — Pense nisso. Se eu pudesse voar, não estaria varrendo esta varanda. Eu estaria fazendo, ah, nem sei, centenas

de outras coisas.

— Mas…

— *Pense* — disse Victoria. — Se eu fosse mágica, se qualquer um com algum juízo fosse mágico, eles realmente desperdiçariam tempo apresentando espetáculos para crianças?

— Ephraim diz que sim. Parece legal.

Victoria se apoiou no guarda-corpo.

— Parece bobagem. Mágicos *de verdade* seriam pessoas poderosas. Seriam ricos e famosos. Controlariam *países inteiros*. Se o Circo Mirandus existisse, não seria algo bom. Seria um grande desperdício de talento. Não é o tipo de lugar no qual você deveria acreditar.

— Ephi não mentiria — repetiu Gertie.

Victoria deixou a vassoura de lado. Ela abriu bem os braços.

— Se a magia é real — disse ela —, prove.

Gertie piscou para ela.

— Como eu faria isso?

Victoria deu de ombros.

— Não faço ideia. Se as histórias de Ephraim fossem reais, imagino que você poderia pular de algum lugar alto e eu poderia voar para pegar você antes que caísse no chão.

Gertrudis não era idiota. Ela só tinha um excesso de confiança no que seu irmão dizia e que Victoria a manteria segura.

Ela enrolou o cadarço direitinho e o colocou de lado. Usou o guarda-corpo da varanda para escalar até o telhado.

— Você vai se arrepender — avisou Victoria.

Gertie ficou de pé na beirada do telhado de zinco e olhou para baixo.

— Não sei por que você está me testando assim. Eu acredito de verdade em magia. Sei que você vai me pegar.

Ephraim chegou em casa bem a tempo de ver a irmã pular.

Victoria não a pegou.
Ela nem sequer tentou.



29
A RESPOSTA ERRADA



A casa na árvore ficou em silêncio por um longo tempo depois que vovô Ephraim terminou sua história.

— Foi só um braço quebrado — disse ele, por fim. — Poderia ter sido muito pior para a pobre Gertie. Mas tenho certeza de que você entende por que tive que pedir à Victoria para ir embora.

Micah achou que o avô deveria ter mandado Victoria para a cadeia.

— Alguns meses depois, acordei uma manhã e encontrei seu pai gritando como louco na varanda da frente. Com apenas alguns dias de vida, veja bem, e peladinho. Estava embrulhado numa toalha de banho. Se ela não tivesse deixado uma pena branca no embrulho, eu não saberia quem ele era.

Provavelmente, pensou Micah, *Victoria era o tipo de pessoa que ninguém queria nem na cadeia*.

— Nunca soube o que aconteceu com ela depois disso. Para ser sincero, eu não quis saber. Acho que Victoria nunca entendeu o amor.

Não de verdade. — Vovô Ephraim tossiu. — Mas fico feliz que tenha me casado com ela.

— Por quê?

— Porque ela me deu seu pai.

— Ah. — Micah olhou por entre os galhos da árvore. Duas estrelas piscaram para ele. — Não me lembro dele tão bem quanto deveria. Ou da mamãe. Como eles eram, quer dizer. Eu só me lembro da aparência deles. Algumas vezes fico preocupado de que vá me esquecer disso também.

O avô passou um braço em volta dos ombros de Micah.

— Bem, eles eram pessoas formidáveis, posso afirmar. E me deram o melhor neto de todo o mundo.

Quando vovô Ephraim dizia coisas assim, Micah quase acreditava que eram verdade.

Eles ficaram acordados para assistir ao nascer do sol juntos, mesmo com a tosse piorando.

— E o seu milagre? — Micah teve que perguntar só mais uma vez.

— Estou esperando por uma resposta. Espero que ela venha logo.

Levou um bom tempo para eles conseguirem descer a escada de corda da casa na árvore. Quando chegou ao chão, vovô Ephraim teve que se apoiar nos joelhos para recuperar o fôlego. Quando se endireitou, falou:

— Obrigada por dividir esta noite comigo.

— Foi a melhor que já tive — respondeu Micah. Logo que disse isso, teve medo que não houvesse outra igual.

— Foi a melhor que tive — comentou o avô — desde que tinha dez anos.

Vovô Ephraim balançou a cabeça quando viu o carro do dr. Simon estacionado na rua em frente. Tia Gertrudis devia ter insistido para ele vir. Logo antes de entrarem na casa, o avô de Micah olhou para ele.

— Gostaria que você e sua amiga tivessem convencido o Dobra-Luz a me fazer uma visita — disse ele. — Teria sido o máximo vê-lo na minha casa.

— Acho que ele não ia se adaptar — respondeu Micah ao entrarem na sala.

Vovô Ephraim soltou um riso abafado; o *glub glub* tinha voltado.

— Essa é toda a razão de ser dele — observou ele. — Essa é toda a razão de ser disso tudo.

Então se sentou no sofá e começou a respirar de forma ofegante.



E não parou.

Os olhos do vovô Ephraim estavam fechados, o peito subia e descia, mas ele não parecia conseguir ar o suficiente. Então um horrível resfolegar se juntou ao *glub glub* e aos chiados.

Micah não tinha certeza do que aconteceria a seguir, mas achou que deveria ter pedido ajuda porque tia Gertrudis apareceu no pé da escada.

— Pare de guinchar!

O dr. Simon, parecendo espantado, estava atrás dela. Ele correu até vovô Ephraim e checou seu pulso. Então praguejou e começou a tirar objetos da bolsa que sempre levava consigo quando fazia atendimentos domiciliares. Só fez uma pausa longa o bastante para apontar para Micah e dizer:

— Tire-o daqui, sra. Tuttle.

Tia Gertrudis levou Micah para a cozinha.

— Você vai ficar quietinho aqui se sabe o que é melhor para você — avisou antes de sair.

Ele sentou-se à mesa e ficou olhando para a toalha de margaridas por centenas de anos. Quando o dr. Simon finalmente entrou na cozinha,

ele se ajoelhou ao lado de Micah.

— Bem, Micah, sei que não falamos muito sobre isso, mas você é um rapazinho inteligente e sei que consegue entender.

— Ele se foi? — sussurrou Micah.

O dr. Simon suspirou.

— Ele ainda está entre nós, mas você precisa compreender que é por pouco tempo. Está bem?

— Tá — disse Micah. Mesmo que não estivesse. Mesmo que nunca fosse estar.

— Sua tia-avó e eu vamos trazer as coisas dele aqui para baixo e tentar deixá-lo confortável no sofá. Vamos fazer tudo que pudermos, mas ele não tem muito tempo pela frente. O restante do dia, no máximo. Você compreende?

— Tá — respondeu Micah. Ele não conseguia encontrar outra palavra.

Tia Gertrudis apareceu. Ela olhou para Micah quase como se quisesse dizer algo, mas desistiu. Ela e o médico foram para o andar de cima pegar a roupa de cama do vovô Ephraim e seu aparelho de ventilação.

Micah foi para a sala para sentar-se com o avô, mas parou na porta.

— Chinfrim? O que você está fazendo aqui?

A papagaia tinha acabado de entrar voando pela porta aberta.

— Quero deixar registrado que a decisão não foi minha! — queixou-se ela. Chinfrim pousou no encosto do sofá e olhou de soslaio para vovô Ephraim. — Ele está dormindo?

— Você tem uma mensagem? — perguntou Micah.

Chinfrim mudou de uma pata para outra.

— Tenho uma resposta.

— Estou acordado.

A voz do vovô Ephraim estava tão fraca que Micah não teve certeza de que ele realmente tinha dito aquilo até seus olhos se abrirem. Ele correu e se agachou ao lado do sofá.

— Qual é a resposta? — perguntou vovô Ephraim de modo ofegante.

Chinfrim eriçou as penas.

— Não. — E partiu sem dizer nenhuma outra palavra.

— Não. — Vovô Ephraim olhou para o teto.

— "Não" é a resposta para quê? — perguntou Micah.

— É a resposta *errada* — explicou ele. — Eles estão errados. — Era difícil dizer por causa do jeito que ele estava respirando, mas Micah achou que o avô parecia bravo.

Vovô Ephraim se esticou e agarrou a frente do pijama de Micah.

— Você tem que ir — disse ele. — Circo Mirandus. Agora.

Micah balançou a cabeça.

— Não posso deixar o senhor. O dr. Simon falou…

O menino hesitou. Os olhos do avô estavam claros e muito sérios.

— Vá — ofegou ele. — Traga-o de volta. Dobra-Luz. Milagre. — Ele soltou o pijama de Micah. — "Não" é a resposta errada.



O telefone da cozinha tocou na parede ao lado da geladeira. O número de telefone de Jenny era tão fácil de lembrar quanto ela avisara que seria.

Uma mulher, que devia ser a mãe dela, atendeu.

— Jenny está se aprontando para a escola. — Ela tinha um leve sotaque. — Posso pedir para ela ligar de volta para você, se quiser.

— É uma emergência.

— Que tipo de emergência? — A voz dela estava preocupada.

— Dever de casa.

— Ah. Vou chamá-la para você.

Micah pensou que considerar dever de casa uma emergência válida dizia muito sobre a família de Jenny.

Um minuto depois, alguém bocejou ao telefone.

— Micah? O que está acontecendo?

— Temos que trazer o Dobra-Luz o mais rápido possível. Hoje. Você tem um plano, não é? Você pode vir comigo?

— *Agora*? E a escola? Meus pais não vão me deixar faltar.

— Só finja que está indo para a escola e não entre no ônibus.

— Micah — disse Jenny. — Não posso. Minha mãe me leva de carro.

Micah não conseguia pensar rápido o bastante. Ele precisava de Jenny e seus conselhos e seus planos.

— Bem, *tente*, está bem? Me encontre lá.

Ele desligou o telefone antes que ela pudesse responder. O dr. Simon e tia Gertrudis estavam descendo as escadas. Eles iam vê-lo saindo se Micah corresse pela porta da frente.

Então ele pulou pela janela da cozinha.

30
UM GORILA BEM GRANDE



O chefe do Mirandus tinha suspeitado desde o início que a resposta para o último desejo de Ephraim não seria a que ele tinha esperado. Ele tinha vindo a Peal para acalmar o Homem Que Dobra Luz e ver se havia alguma razão excepcional para mudar de ideia.

Não tinha sido fácil recusar. Ele havia observado Micah com cuidado durante a visita dele ao circo. Gostara do menino logo de cara, assim como tinha gostado de Ephraim, e, ao próprio modo, sentia empatia por sua situação. Mas sua primeira responsabilidade era sempre o Circo Mirandus. Ele não podia se dar ao luxo de tomar decisões emocionais.

A resposta era não.

O administrador achou que Micah aceitaria. Ele tinha certeza de que tinha entendido o menino. Com a decisão difícil tomada, voltou os pensamentos para outros assuntos, e o Circo Mirandus voltou à programação de sempre.

Como se algo pudesse voltar ao normal quando o avô de Micah Tuttle tinha dado a ele uma missão.



O Circo Mirandus era tão lindo à luz do dia quando à noite, mas parecia haver menos pessoas por lá, talvez por causa da escola. Além de Micah, só havia duas outras crianças aguardando na frente da bilheteria de Geoffrey para ter seus ingressos examinados. Nenhuma delas era Jenny. Micah sabia que não era justo esperar por ela, mas ficou tão surpreso em não vê-la que percebeu que devia estar contando com ela bem mais do que imaginara.

Geoffrey deixou as outras crianças entrarem. Ele deu uma olhadela em Micah pelo monóculo, parecendo tão alerta quanto estivera da última vez. Micah se perguntou quando ele dormia.

— Ingresso? — perguntou Geoffrey, como se nunca tivesse visto Micah antes.

— Sou Micah Tuttle. Tenho um convite.

— Ah, um convite. Vamos vê-lo então.

Micah franziu a testa para ele.

— O senhor o viu na noite passada. Não se lembra?

Geoffrey se empertigou até se esticar completamente e apontou para a placa na entrada logo acima.

— Estou aqui desde o iniciozinho — anunciou ele. — Do iniciozinho. E me lembro de tudo.

— Certo — disse Micah. Ele não tinha tempo para isso. — Então posso entrar?

— Só se tiver ingresso. — Geoffrey parecia entediado, mas havia algo em seus olhos que prestava muita atenção em Micah.

O menino olhou fixamente para as tendas. Estavam tão perto.

— O convite só servia para uma noite?

Geoffrey lhe lançou um olhar zangado que ficou parecendo que seu monóculo estava cortando a sobrancelha.

— O convite vale por tanto tempo quanto o sr. Head quer que valha — afirmou ele. — E o sr. Head não quer mais.

Não. O estômago de Micah revirou.

— Eu *preciso* entrar. Vou me desculpar com o sr. Head. Faço o que o senhor quiser.

O bilheteiro não pareceu impressionado, e Micah de repente soube que não era a primeira pessoa que tinha implorado. Quantas pessoas devem ter tentado, ao longo de milhares de anos, entrar depois de seus ingressos terem vencido? Quantas tinham conseguido?

— Muitas mais do que você pode imaginar — informou Geoffrey, como se Micah tivesse feito a pergunta em voz alta. Ele passou o monóculo para o outro olho. — E nenhuma consegue um minuto a mais do que lhes é concedido. Esse é o meu trabalho.

Ele apontou de novo para a placa.

— E tenho antecedentes exemplares.

Uma adolescente segurando uma luminária de abóbora de Halloween apareceu atrás de Micah. Geoffrey nem piscou.

— Duas horas — disse ele sem nem olhar para ela.

Para Micah, ele repetiu:

— Sem ingresso não pode entrar.

Micah balançou a cabeça, teimoso, e deu um passo à frente. Antes que pudesse dar um segundo passo, ouviu um rugido alto. Viu algo branco pelo canto do olho.

Bibi.

Micah recuou, mas o rugido não parou. Ficou mais alto. Micah continuou a se afastar do circo.

A tigresa invisível não se calou até que ele chegasse à extremidade do complexo de recreação. Ali, ele parou para pensar. Saber que ninguém tinha passado por Geoffrey e Bibi desde o ano 500 a.C. não era nada encorajador. Em qualquer outro dia, Micah poderia ter desistido, mas aquele não era um dia qualquer.

Ele olhou ao redor em busca de inspiração. Tinha que haver algo que transformasse todos os nãos em sins. Tinha que haver uma forma de ajeitar as coisas, se ao menos ele conseguisse descobrir.

E ele descobriu.

Micah tinha três coisas que nenhuma dessas outras pessoas tentando invadir o Circo Mirandus jamais tivera: ordens do vovô Ephraim, uma amiga como Jenny Mendoza e um gorila bem grande.



Não deveria ser fácil para uma criança roubar o balão de um gorila gigante em plena luz do dia, mas, para surpresa de Micah, chegar até o grande símio foi simples. Não era como se o parque tivesse guardas de balões em tempo integral. Micah ignorou o portão trancado e escalou a cerca baixa até o campo.

À luz do sol, os balões pareciam bem menos misteriosos. Ele verificou os nós que prendiam as cordas do gorila aos suportes de metal no chão. Não eram seguros pelos padrões Tuttle. Então o problema não era tirar o balão; o problema era se atar ao balão. Micah não queria ficar preso flutuando pelo ar por horas, mas também não queria cair.

Ele pensou nas presas de Bibi e estremeceu. *Vovô Ephraim está contando comigo*, lembrou a si mesmo. *Tenho que arriscar*.

Levou vários minutos para desfazer os nós de três das quatro cordas, e as mãos de Micah estavam suadas de nervoso. O gorila tinha se inclinado para o lado no ar e daria para notar mesmo a distância.

Micah tirou os cadarços dos tênis. Não eram compridos o bastante, mas talvez… Ele tirou a camisa do pijama e a enrolou. Amarrou-a em volta do peito e atou-a, usando um dos cadarços para firmar as pontas com o nó mais forte que conhecia. Agora tinha seu próprio cinto de segurança de pijama. Bem, na verdade estava mais para uma faixa de pijama, mas Micah resolveu que pensar nele como um cinto de segurança o deixava mais seguro. Ele amarrou o cinto à corda do gorila e se inclinou para desamarrar a corda do suporte.

Estava mais forte do que as outras. Micah machucou o dedo enquanto a soltava, mas ela se desfez para ele como as outras. Por um instante, ele ficou empolgado de ter feito o que se propôs a fazer. Então, seu cinto de segurança de pijama o segurou por debaixo dos braços e o arrancou do chão. Ele gritou e fechou os olhos.

Micah esticou a ponta dos pés para baixo e não sentiu nada. O vento estava em suas costas. *Está tudo bem*, disse a si mesmo. *Você pode fazer isso pelo vovô Ephraim*.

Ele se forçou a olhar em volta apenas para descobrir que as coisas não estavam saindo exatamente da forma como ele esperara. Ele tinha pensado que subiria bem mais alto e se moveria bem mais rápido. O gorila era tão grande. Presumira que eles iam juntos que nem foguetes para o espaço e na direção do Circo Mirandus e, no momento certo, Micah se soltaria para que pudesse pousar no circo e não se espatifar.

Soava ridículo, agora que ele reconsiderava tudo aquilo.

Como o vento sempre soprava na direção do Circo Mirandus, ele *estava* indo para o lado certo. O problema é que estava a apenas dois metros e meio do chão e, ainda que estivesse subindo, não parecia estar ocorrendo rápido o suficiente. Nesse ritmo, Bibi ia devorá-lo dos tornozelos para cima.

Ele se agarrou ao cinto com vontade enquanto ele e o gorila flutuavam sobre uma cerca de arame. *Certo, Micah*, pensou. *Tem duas coisas que você pode fazer agora*.

Ele deveria se segurar e torcer pelo melhor? Ou se soltar? Provavelmente não ia se machucar muito dessa altura e poderia tentar entrar no circo de um jeito mais normal. Seus ombros já estavam doendo. Ele decidiu se soltar.

Infelizmente, tinha levado muito tempo para se decidir e, quando olhou para baixo para ver onde ia aterrissar, Micah percebeu que dois metros e meio tinham se transformado em quatro metros e meio. Agora, se soltar parecia uma ideia muito ruim. O vento ficou mais forte, e Micah se agarrou com mais vontade ao cinto.

Ele perdeu um sapato enquanto sobrevoava as arquibancadas descobertas ao lado de um dos campos de futebol. Olhou lá para baixo, para o campo. Estava tão *pequenininho*. Ele flutuou cada vez mais alto, até que a visão do chão o deixou tonto e ele teve que olhar para o balão. Micah tentou engolir o nervosismo, mas sua boca estava tão seca que ele ficou preso na garganta.

Foi a música que finalmente o fez olhar para baixo de novo. Ele estava passando bem acima da bilheteria agora, e o homenzinho que era Geoffrey não olhou para o céu.

Micah voou sobre o Circo Mirandus. Não podia ver os rostos das pessoas abaixo, mas todas estavam obviamente se divertindo muito. As crianças corriam de uma tenda a outra. Artistas davam cambalhotas. Ele estava tão longe deles, tão preocupado com vovô Ephraim e tão certo de que tinha acabado de cometer seu maior erro se amarrando a um gorila e subindo para o espaço. Sentiu-se como se fosse de uma espécie diferente.

Está tudo bem, disse a si mesmo. *Você tem um plano*.

O plano era Micah se soltar do cinto quando estivesse bem no meio do zoológico do sr. Head. Ele ia cair pelo buraco no topo da tenda e aterrissar no aquário do peixe gigante. Tinha quase certeza de que o peixe do vovô Ephraim não o atacaria. Ia afundar em toda aquela água e nem sequer se machucaria.

Jenny dissera que um ataque aéreo no Circo Mirandus funcionaria. Micah confiava nela.

Mas, por alguma razão, quando chegou a hora, Micah não conseguia soltar. Seus braços estavam com cãibra e ele passou pela tenda do sr. Head bem mais rápido do que planejara. Ele estava tão alto que aquilo definitivamente não era seguro. Quem sabe Bibi podia voar e o administrador apenas não havia mencionado. Desculpas passavam pela sua cabeça enquanto ele observava o tecido escarlate da grande tenda passar debaixo de seus pés.

Ele flutuou por cima da carroça de Rosebud.

Lá se foi, percebeu ele. *Lá se foi minha única chance e eu a perdi.*

Ali ele soube, com tanta certeza como jamais tivera de qualquer coisa, que ia morrer. Ia morrer como todas as outras crianças estúpidas que tinham tentado invadir o Circo Mirandus provavelmente morreram. A tigresa ia palitar os dentes com seus ossos. Os olhos dele ardiam e estavam embaçados. Micah mal podia distinguir a tenda seguinte.

Era de tecido negro coberta com sóis dourados.

Está muito alto. Não consigo.

Traga o Dobra-Luz de volta, tinha dito vovô Ephraim. *"Não" é a resposta errada*, afirmara ele.

Mas Micah ainda não sabia qual era a pergunta.

Foi uma das coisas mais difíceis que ele já fizera, mas estendeu uma das mãos trêmulas. Ele tocou o nó que mantinha o cinto preso *do jeito certo*. E caiu.

Foi tão rápido que Micah nem sequer teve tempo de gritar. Ele caiu no tecido esticado da tenda e a dor o atingiu como um relâmpago. Ouviu um *rrriiiiiipp* alto e continuou caindo. Ele caiu bem no meio de uma explosão de fogos de artifício, por um mar de luzes coloridas, e se espatifou em alguma coisa dura e macia ao mesmo tempo.

A coisa que gritou cheirava como um sobretudo de couro que tinha visto uma centena de aventuras.

Micah se perguntou se estava morto. Sua cabeça parecia estar enorme e cheia de água borbulhante. Suas costas pulsavam. Alguém definitivamente o tinha esfaqueado no ombro.

Sim, decidiu ele. *Estar morto é assim*.

Mas o Dobra-Luz estava lá, curvado sobre ele. O rosto branco, exceto por um fio de sangue escorrendo do nariz, e ele estendeu os dedos longos para afastar o cabelo de Micah do rosto.

Após um momento, Micah percebeu que a boca do Dobra-Luz estava se mexendo. Isso significava que ele devia estar falando com alguém, mas não estava produzindo nenhum som. Por algum motivo, aquilo era engraçado, e Micah riu. Só que rir encheu seu peito de dores agudas, então ele teve que parar.

Ele tentou olhar ao redor. Toda a tenda estava repleta de luz, luz amarela-clara, e as arquibancadas da tenda estavam lotadas de crianças. Por que todas pareciam tão assustadas?

O Dobra-Luz olhou para longe por um segundo e Micah o viu escancarar a boca como se estivesse chamando alguém. O Homem-Músculo apareceu, o chapéu-coco torto, e então Micah estava sendo erguido no ar.

— Nãããão — gemeu ele, e o Homem-Músculo hesitou. — Ah — disse Micah. O Homem-Músculo era quem o estava levantando. Não era o balão gigante. — Você, tudo bem.

O Homem-Músculo não se mexeu. Ele parecia tão assustado quanto as crianças nas arquibancadas.

O Dobra-Luz fitou os olhos de Micah, e o menino se lembrou.

— Você tem que ir — pediu ele. — Vovô Ephraim. Você deu a resposta errada para ele.

A boca do Dobra-Luz se mexeu de novo, e Micah estava cansado de ele não emitir nenhum som porque precisava saber o que o ilusionista estava falando. Tentou se concentrar nos lábios do Dobra-Luz e, por fim, como se aquilo estivesse vindo de quilômetros de distância e de debaixo d'água, ele ouviu: "… qualquer coisa… fique parado… Rosebud" e depois "… o que fez a si mesmo".

Ah. Ele está se perguntando como invadi o circo.

— Gorila — explicou Micah.

E então desmaiou.



31

O EFEITO COLATERAL



Quando Micah acordou, seu rosto estava apoiado em algo quente, cinza e com cheiro de feno, e ele se sentia meio enjoado. Percebeu que, onde quer que estivesse, aquilo estava balançando de um lado para o outro e para a frente, então pode ter sido por isso. Ou pode ter sido por causa do gosto em sua boca, que era como se ele tivesse lambido todos os ralos de chuveiro do país. Ficar imóvel e quieto parecia uma boa ideia. Voltar a dormir parecia uma ideia ainda melhor. Ele fechou os olhos.

Então, ouviu uma voz suave dizer:

— Outro McDonald's. Já passamos por aqui. Tem certeza absoluta de que sabe aonde estamos indo, Jean?

Aquela voz pertencia ao Dobra-Luz. Micah tinha que levá-lo ao vovô Ephraim! Ele se sentou de supetão, o que só piorou o enjoo.

— Calma — disse o Dobra-Luz e segurou Micah pelo peito para que ele não caísse.

— Você tem que ir — disse Micah assim que seu estômago parou de tentar sair pela boca.

Então ele olhou em volta e, do dorso da elefanta mais inteligente do mundo, viu sua própria cidade. O Dobra-Luz apontou com um dedo para o McDonald's que ficava a algumas quadras da casa de Micah.

— Estou tentando fazer o que você pede, Micah — explicou ele —, mas temo que o senso infalível de direção de Jean nos tenha deixado na mão.

Grande Jean barria e balançava a tromba no ar.

— Não — disse Micah. — Estamos perto.

— Estamos? Sinto como se estivesse rodando em círculos. Continuamos passando pelo McDonald's.

Micah estava sentado na frente do Dobra-Luz em um elefante. Tudo parecia surreal.

— É uma rede de restaurantes — respondeu ele. — Há mais de um. Eles são muito parecidos.

Jean fez um barulho irritado, como se dissesse "Viu, eu falei". Ela ignorou um sinal vermelho, olhou para os dois lados e atravessou a rua.

— Você está indo — disse Micah. — Você está indo ver o vovô Ephraim. — Ele se inclinou para abraçar as partes de Jean que conseguia alcançar, mas estava usando um casaco de veludo verde comprido por cima da calça do pijama. Seus braços tinham desaparecido nas mangas grandes demais.

— Como eu poderia recusar? — comentou o Dobra-Luz, seco. — Eu vi e fiz muitas coisas surpreendentes durante a vida, mas nunca tive uma criança caindo do céu durante um dos meus espetáculos.

— Doeu — disse Micah. — Não vou fazer de novo.

O braço do Dobra-Luz se contraiu por um instante, puxando Micah para mais perto.

— Espero que não. Você quase morreu.

Micah olhou para ele para dizer que não tinha sido tão ruim, que estava bem, mas os olhos do Dobra-Luz pareciam tão cinzas quanto uma nuvem de tempestade. Ele também tinha sangue seco debaixo do nariz.

— Temos muita sorte de Rosebud ser uma gênia com as poções. Ela me pediu para dizer a você que não é um marreco, mas um menininho, e que não pode voar.

— Eu precisava chegar até você. Geoffrey não me deixou entrar e eu não queria que Bibi me devorasse.

O Dobra-Luz deu uma risada abafada.

— A Bibi não teria devorado você, Micah. Ninguém no circo, seja humano ou animal, jamais machucaria você ou qualquer outra criança. — O sorriso dele desapareceu. — Pelo menos, não de propósito.

Grande Jean passou por uma creche e, apesar de várias criancinhas estarem brincando nas caixas de areia no pátio, nenhuma delas notou a elefanta. Isso fez com que Micah se sentisse observando o mundo passar através de uma janela.

— O que elas veem quando olham para cá? — perguntou ele.

O Dobra-Luz olhou na direção da creche.

— Absolutamente nada. É o mesmo truque que uso para esconder o circo daqueles que não são convidados.

— O sr. Head está bravo porque você saiu?

O Dobra-Luz inclinou a cabeça para o lado.

— Não sou um prisioneiro do Circo Mirandus, Micah. Tenho permissão para ir e vir quando quiser. Mas, com muita frequência, escolho permanecer porque o circo precisa de mim. É difícil mantê-lo escondido quando estou longe. Perco o foco e a distância é um problema.

— Fico feliz que ele não tenha ficado bravo.

— Ah, ele ficou furioso — disse o Dobra-Luz. — Mas não porque eu saí. Ele ficou com raiva porque você se machucou, porque invadiu o circo apesar de todas as proteções inteligentes dele e porque temos uma séria discordância no momento.

— O que você quer dizer?

O Dobra-Luz ficou em silêncio por tanto tempo que Micah achou que ele não ia responder, mas então o mágico suspirou.

— Eu prometi um milagre a Ephraim Tuttle. Qualquer coisa ao meu alcance.

— Eu sei. — Micah tentou não soar acusador, mas não teve certeza de que tenha conseguido.

— É algo que todos nós fazemos de tempos em tempos. — Ele estava contemplando o horizonte, e Micah sabia que ele não estava olhando para os rastros dos aviões nas nuvens ou para a torre de água da cidade. — Quando encontramos uma criança que seja particularmente… receptiva. O Circo Mirandus existe para difundir a magia, para mantê-la viva no mundo além de nossos portões. Faço a oferta com menos frequência do que os outros. Nunca pareceu justo para mim escolher uma pessoa da multidão para premiar, mas Ephraim era diferente. Então eu prometi.

O Dobra-Luz riu. *Talvez de si mesmo*, pensou Micah.

— Ele o guardou — continuou. — Por todos esses anos, no decorrer de quantas tenham sido as muitas pequenas tragédias que a vida lhe ofertou, Ephraim nunca cobrou seu milagre.

Micah franziu a testa.

— Isso é estranho?

— Normalmente, as crianças pedem coisas que não são milagres. Elas querem espetáculos especiais, brindes. Ingressos extras. Suas próprias

girafas de estimação. Coisas pequenas.

— Isso parece um desperdício.

O Dobra-Luz balançou a cabeça.

— Você diz isso porque viveu um tipo de vida na qual milagres de verdade poderiam ter sido úteis. Sinto muito. Ephraim era igual.

Grande Jean entrou na rua de Micah.

— Achei — observou o Dobra-Luz — que Ephraim ia me pedir para trazer o pai dele a salvo da guerra. Era o pedido óbvio. Algo que ele queria muito.

— E por que ele não pediu?

— Nunca tive certeza. Eu estava pronto para realizá-lo. Não teria sido fácil, mas certamente era possível para alguém com as minhas habilidades. Algumas poucas ilusões nos lugares certos… Mas Ephraim pediu para guardar seu milagre para um momento mais propício, e como eu já tinha prometido, concordei.

O Dobra-Luz sorriu para Micah.

— Seu avô amadureceu, e de um menino muito sábio se tornou um homem muito sábio. Quando entrou em contato comigo, eu sabia que o que quer que ele tivesse decidido pedir seria difícil.

Micah não conseguiu se conter.

— Ele não pediu para você curá-lo?

O Dobra-Luz não falou nada.

— É só que o senhor viveu por tanto tempo!

— Ah. Então é por isso que você tem tanta fé na minha capacidade de vencer a morte. — Ele parecia nervoso. — Não percebi como isso parecia para você. Temo que eu às vezes não tenha muito contato com…

— Pessoas comuns?

O Dobra-Luz balançou a cabeça.

— Você não é comum.

Micah não tinha certeza se isso era um elogio ou não.

— Minha vida prolongada é um efeito colateral, Micah. Não é resultado de alguma poção ou feitiço que eu possa dividir com seu avô.

— Um efeito colateral da sua magia?

— Um efeito colateral do sr. Head.

Ele viu a expressão no rosto de Micah.

— Não estou mentindo. Embora ele tenha um jeito com animais, o sr. Head não é o que você consideraria um mágico. Ele não é nem o que você consideraria um humano. Seu dom é poderoso, mas passivo. As criaturas sob seus cuidados prosperam. O Circo Mirandus está sob seus cuidados, e eu sou parte do Circo Mirandus.

— Ele não é humano? — Ele parecia bem humano para Micah. — O que ele é então?

— Ele é o administrador. Ele sempre foi o administrador.

— Espera aí. Você é…

— Sou tão humano quanto você, Micah. Todos os artistas são. É só o sr. Head que é… único.

Micah parou para pensar nesta ideia.

— Então ele é meio como a bateria do circo?

— Isso mesmo. — O Dobra-Luz parecia entretido. — O sr. Head é uma bateria.

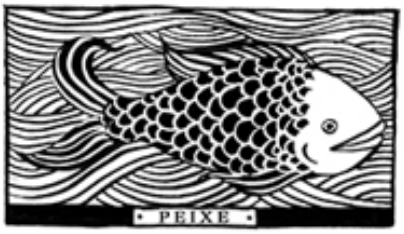
Grande Jean parou na frente da caixa de correio de Micah. A rua estava silenciosa. O carro do dr. Simon não estava mais lá.

— Então *o que* o vovô Ephraim te pediu?

— Algo particular, por enquanto. — O Dobra-Luz olhou para longe. — Ainda não tenho certeza de que posso fazer isso. Muita coisa depende de outras pessoas, particularmente do sr. Head, e ele já se recusou uma vez. Mas Ephraim pediu que eu tentasse, então vou tentar.

32

O QUE TIVER QUE SER, SERÁ



O Dobra-Luz pediu para conversar com vovô Ephraim a sós. No início, Micah quis recusar, mas depois ele percebeu que seu avô e o Dobra-Luz estavam prestes a se reencontrar pela primeira vez em anos. Talvez aquele momento significasse mais para os dois se Micah não se intrometesse.

Ele respirou fundo.

— Tudo bem — disse ele. — Vou ficar com Grande Jean.

A elefanta soprou o topo da cabeça de Micah com a tromba, então pelo menos um deles estava satisfeito.

O Dobra-Luz franziu a testa.

— Não será por muito tempo — afirmou ele. — Só preciso de um momento a sós com seu avô e então chamo você.

— Às vezes é difícil acordá-lo.

— Eu sei — comentou ele. — Rosebud me deu algo que vai ajudar.

— Espero que sim. — Micah sabia que era a hora da grande advertência. — Tem também a minha tia.

— Chinfrim me falou dela. — Ele não parecia preocupado, então Micah teve certeza de que Chinfrim não tinha falado o bastante sobre tia Gertrudis. — Vou me certificar de que ela não atrapalhe.

O Dobra-Luz olhou para a elefanta.

— Jean, vigie.

Ela ficou em posição de sentido, tão rápido quanto uma elefanta conseguiria, e bateu continência com a tromba. O ilusionista ajustou o sobretudo de couro, o que não mudou sua aparência em nada, até onde Micah podia ver, depois avançou até a porta da frente e entrou sem bater.



Logo que o Dobra-Luz desapareceu, Grande Jean andou pesadamente até a mangueira do jardim ao lado da casa e a pegou com a tromba.

— Você está com sede? — perguntou Micah. Ela havia andado um caminho bem longo naquela manhã.

Ele ligou a mangueira, achando que ia dar de beber a ela, mas logo estava dando um banho na elefanta. Ela até dobrou as patas dianteiras para que ele alcançasse o topo da cabeça. Antes que percebesse, Micah estava molhado desde o enorme casaco de veludo verde até os dedos dos pés descalços.

Ele achou que estava fazendo aquilo para ajudá-la, mas quando o Dobra-Luz colocou a cabeça para fora da porta e chamou Micah, ele percebeu que tinha perdido a noção do tempo. Desde que começara a lavar Grande Jean, não se preocupara a respeito do que poderia estar acontecendo na casa.

Ele deu tapinhas leves na tromba dela.

— Obrigado.

Ela o empurrou em direção à porta.

Na sala, vovô Ephraim estava deitado no sofá com os olhos abertos. Micah podia ouvir seus pulmões, o mesmo *glub glub* de sempre, mas ele parecia melhor do que naquela manhã. Ainda estava doente, mas agora só parecia cansado. E feliz.

— Micah — disse ele numa voz mais forte do que o menino estava esperando. — Você cresceu.

Micah sentou-se no chão ao lado dele e beijou sua bochecha.

— Acho que não — respondeu. — Não fui para a escola hoje.

O avô assentiu.

— E você cresceu mais do que nunca.

Por um tempo, eles apenas ficaram sentados lado a lado. Micah segurou a mão do avô por cima do cobertor e vovô Ephraim sorriu. O Dobra-Luz ficou quieto no cantinho ao lado da televisão. Tia Gertrudis não estava à vista.

— Não vou dizer que não deveria ter feito aquilo — observou o avô, por fim, e Micah imaginou que o Dobra-Luz devia ter contado a ele a respeito de sua aventura com o balão de gorila. — Porque foi algo ridículo e incrível e, de vez em quando, é bom ser ridículo e incrível.

Vovô Ephraim sempre dizia coisas que pareciam tão importantes que Micah queria colocá-las em caixas e guardá-las para sempre. Ele tentou pensar em algo importante para lhe dizer em resposta.

— Eu amo você — disse Micah. Era o melhor que conseguiu pensar.

— E eu amo você. Mais do que tudo. Então tente manter seus pés no chão no futuro, se puder.

O avô apertou sua mão com mais força e Micah retribuiu.

— Obrigado por trazer o Homem Que Dobra Luz até a minha sala. Ele não parece maravilhosamente deslocado?

Micah se lembrou do que o avô tinha dito naquela manhã. “Essa é a razão de ser dele.”

Os dois olharam para o Dobra-Luz, cujas sobrancelhas se arquearam em confusão.

— Duas das pessoas mais maravilhosas em minha vida no mesmo lugar — disse vovô Ephraim. — Devo ser a pessoa mais sortuda que já viveu. — Ele acenou para o Dobra-Luz com a mão livre, e o homem veio se agachar ao lado de Micah.

Ele pegou a mão frágil e enrugada nas próprias mãos lisas e a segurou com delicadeza.

— Agora — murmurou vovô Ephraim. — Vamos ficar aqui juntos pelo tempo que nos resta.

Micah apertou a mão dele mais forte.

— Pelo tempo que nos resta — repetiu ele. — Então, quando chegar a hora, o que tiver que ser, será.

Nenhum dos três disse mais nada. Micah enxugou as lágrimas algumas vezes com a mão livre, e o peito do vovô Ephraim subia e descia cada vez mais devagar. O Dobra-Luz não franziu o rosto; ele sequer piscou. Olhou fixamente para Ephraim Tuttle como se todos os segredos do universo estivessem escritos nas rugas de seu rosto, e talvez estivessem.

Mas Micah só via o avô. Quando o *glub glub* finalmente parou, a dor foi ainda maior do que ele havia esperado.



33

VELOCIDADE DE ELEFANTE



Micah não sabia por quanto tempo ficou sentado ao lado do vovô Ephraim depois que tudo acabou. Podiam ter sido horas, mas pareceram apenas alguns minutos.

— A resposta dele — disse Micah, por fim. — O milagre. Ainda era um não?

— Não era — respondeu o Dobra-Luz. — Você a mudou.

— Para um sim?

— Para um depende. Mas estou me sentindo bem confiante.

Ele pegou Micah pela mão e o conduziu para fora da casa. Grande Jean estava arruinando a grama ao rolar seu corpanzil cinza na poça gigante que a mangueira tinha feito no jardim. Ela parecia feliz da vida.

— Hora de ir, Jean — informou o Dobra-Luz.

Micah não percebeu que iria junto até a elefanta se agachar na frente dos dois, esperando que subissem a bordo. O Dobra-Luz se sentou em seu lugar no alto de Grande Jean e puxou Micah para se sentar na frente

dele. Enquanto desciam a rua, Micah tentou pensar em onde deveria estar naquele momento se não no topo de uma elefanta passando em frente ao McDonald's local.

Não com vovô Ephraim, porque ele tinha partido. Não na escola, porque você não vai à escola depois de ver seu avô morrer. *Com tia Gertrudis*, percebeu. Ela era a tutora dele agora. Ele se agarrou à elefanta e desejou que ela andasse mais devagar, mas ela continuou se movendo na sua velocidade de elefante.

Dessa vez, Micah ouviu o som de flautas e tambores antes que sequer pudesse ver os campos.

— O circo ainda vai estar por aqui no fim de semana?

— É bem provável. Pelo menos, esse é o plano.

— Vou sentir saudades quando ele se for — disse Micah. — Mesmo que eu não tenha permissão de entrar. Vou sentir falta de saber que a magia está aqui.

— Sempre estamos em algum lugar.

— Não é a mesma coisa.

O Dobra-Luz abaixou a cabeça.

— Eu sei.

Jean barriu quando estavam próximos ao Circo Mirandus para que todos soubessem que ela estava chegando. Micah tentou se convencer de que dizer adeus não seria tão ruim. Eles passaram pelo lugar onde os balões gigantes estavam amarrados. Eles balançavam de um jeito solitário, como se estivessem sentindo falta do gorila.

— Micah — disse o Dobra-Luz. — O que você acha que é a magia?

O menino podia ver que a pergunta era séria, então tentou elaborar uma resposta séria. Pensou em tudo que tinha visto no Circo Mirandus e em todas as experiências do vovô Ephraim quando era criança.

— Acho que é o que está dentro de pessoas como você — respondeu ele. — As partes que são grandes demais para ficarem só para você. — Ele fez uma pausa. — Parece estúpido?

— Parece inteligente — afirmou o Dobra-Luz — e não muito longe da verdade.

Ele então se inclinou para a frente e colocou a mão no pulso de Micah. Enganchou o dedo comprido no cadarço e sussurrou em seu ouvido:

— *Isto* é magia. E eu, de todas as pessoas, sei do que estou falando.

As palavras giraram no cérebro de Micah. Ele não estava certo de que acreditava nelas, mas o Dobra-Luz se recusou a desviar o olhar. Lentamente, Micah assentiu.

— Lembre-se disso — continuou ele. — Não importa aonde a vida leve você no fim.

Ele não falou mais nada, e Micah percebeu que estava esperando uma resposta.

— Vou me lembrar.

O Dobra-Luz assentiu.

— Agora, devo pedir a você um grande favor. Preciso que me empreste seu maravilhoso cadarço. Sei que ele é importante para você, mas prometo…

Micah tirou o cadarço do pulso e o entregou a ele. O nó que era Jenny ainda estava tão perfeito quanto estivera quando Micah o amarrou.

O Dobra-Luz pareceu surpreso.

— Você foi ver o vovô Ephraim — explicou Micah. — Confio em você.

O homem pegou o laço com certa hesitação e o examinou.

— Obrigado. Ele será de grande ajuda para mim. Vou cuidar para que seja devolvido muito em breve.

Então, Grande Jean parou e soltou um barrito perigoso, um estrondo poderoso que mandou ondas de choque pelos ossos de Micah.

Os olhos do Dobra-Luz se arregalaram.

— Ah, não. Fiquei longe tempo demais.

As pessoas estavam por toda parte. *Os adultos* estavam por toda parte, com câmeras e carrinhos de bebê e olhares curiosos nos rostos. Um grupo de policiais coçava a cabeça ali perto, murmurando sobre permissões, regulamentos municipais e controle de animais.

Geoffrey balançava o monóculo pela corrente como se pudesse usá-lo para se defender da meia dúzia de adultos que estava tentando colocar dinheiro à força em suas mãos. O sr. Head se encontrava de pé ao lado dele, de braços cruzados. Tinha um olhar de fúria tão grande que até a equipe de televisão da emissora local mantinha distância. Naquele momento, Bibi estava visível, parada na frente do portão com os pelos eriçados.

Em todo canto, as pessoas mexiam nos celulares.

— Nós temos que trazer as crianças, David. — Micah ouviu uma mulher falar. — Não parece grande coisa, só alguma feira itinerante, mas não saímos há séculos.

Micah viu o enxame de fadas passar voando. Elas estavam batendo as asas freneticamente, como se lutassem para se manterem fora de suas formas de borboleta por mais de alguns segundos de cada vez. Micah odiava tudo a respeito do que estava vendo. Essas pessoas não entendiam. Estavam tentando transformar o Circo Mirandus em algo *normal*.

— Você consegue consertar isso? — perguntou. As pessoas estavam começando a rodear Grande Jean. Ele não sabia o que elas viam ou

como o Dobra-Luz as estava mantendo a uma distância segura, mas Micah tinha a sensação de que se ele parasse, a elefanta atropelaria a multidão para chegar à sua tenda. — Você consegue consertar isso, não é? Não quero que estraguem o circo.

— Elas não podem estragar o Circo Mirandus, Micah — afirmou o Dobra-Luz com a voz firme. — Não de verdade. Isso é só…

— Horrível.

— Uma bagunça — disse o Dobra-Luz. — E triste.

— Mas recuperável?

— Claro. Agora que voltei, podemos dar um jeito nisso bem rápido. Só que… — Ele franziu a testa para Micah.

— O quê?

— Temo que estarei ocupado.

Levou um minuto para Micah entender. Ele engoliu em seco.

— Está… está tudo bem. Tenho que voltar para tia Gertrudis em algum momento, de qualquer forma.

— Imagino que sim — respondeu o Dobra-Luz, mas ele continuou observando a multidão. De repente, seus olhos se estreitaram. — Siga em frente, Jean — disse ele.

A elefanta produziu outro barrito estrondoso.

As pessoas saíram da frente rapidinho. A polícia desfez a confusão e começou a afastar a multidão da elefanta.

Micah olhou tudo, surpreso.

— O que nós somos?

— Um caminhão de bombeiro, acho. Um passou por Jean no caminho para sua casa antes de você acordar. Percebi que todos os outros veículos abriam passagem para ele.

Micah estava prestes a perguntar para onde estavam indo, já que não se moviam em direção à entrada, mas então avistou duas tranças longas

de cabelo preto.

— Jenny!

Sua amiga estava segurando a mão de uma mulher que devia ser sua mãe. Ela usava um casaco de moletom com o logotipo de uma agulha e linha nas costas, e parecia frustrada.

— O que os homens que combatem o fogo neste século usam? — perguntou o Dobra-Luz.

— Hum… — É claro que Micah tinha visto bombeiros, mas ele não sabia como descrever suas roupas. — Umas roupas amarelas e capacetes?

— Que estranho.

Grande Jean parou a uma pequena distância de Jenny e de sua mãe para que Micah e o Dobra-Luz pudessem descer. Quando Jenny viu Micah, soltou a mão da mãe e correu na direção dele. Seus olhos estavam vermelhos e seu rosto, inchado.

— Eu tentei, Micah — disse ela quando o alcançou. — Tentei tanto chegar aqui. Fingi que estava doente para que ligassem para minha mãe ir me buscar na escola e depois a fiz passar por aqui de carro duas vezes. Ela não conseguiu ver o circo de primeira e começou a achar que eu estava *mentindo*, mas então ele apareceu de repente.

Ela abraçou Micah pelo pescoço.

— Me desculpe por não conseguir chegar aqui antes.

— Me desculpe por meter você em encrenca — disse Micah quando pôde respirar novamente. — Eu consegui que ele fosse visitar vovô Ephraim.

Ela olhou na direção em que o Dobra-Luz estava, falando com sua mãe.

— Por que ele está usando um capacete esquisito? E dirigindo um caminhão de bombeiro?

— Não é um caminhão de bombeiro. É a Grande Jean.

Jenny olhou fixamente. Então deu de ombros.

— Bom, magia é o tipo de coisa com a qual vou ter que me acostumar.

Eles não puderam conversar mais porque a mãe de Jenny veio dizer que ia levá-los para casa.

— Aquele deve ser o bombeiro mais estranho que já conheci — murmurou ela. — Ele me pediu para deixar você ficar com a gente até a noite, Micah. Algo a respeito de uma emergência familiar. Você está bem?

Ele assentiu, ainda que não tivesse certeza de que era possível ficar bem num mundo sem seu avô. Olhou ao redor, procurando pelo Dobra-Luz. Ele avançava pela multidão na direção do sr. Head. As pessoas já estavam se afastando do Circo Mirandus com expressões de desapontamento nos rostos.

Micah não sabia o que elas viam.

E nem queria saber.



Até onde Mirandus Head sabia, nunca houvera um artefato mágico mais irritante do que o cadarço da família Tuttle. Depois de pegá-lo emprestado de Micah, o Homem Que Dobra Luz o mostrou ao Circo Mirandus inteiro. Não, ele o *exibiu* pelo Circo Mirandus. Contou a todos que quisessem ouvir a respeito do quão corajoso Micah Tuttle tinha sido quase morrendo para salvar a vida do avô e então revelou a eles a única coisa que estava no caminho do milagre de Ephraim.

O próprio administrador.

No fim do dia, o sr. Head não podia colocar os pés para fora de sua tenda sem ouvir falar de Micah. Na verdade, ele não podia nem colocar os pés *dentro* de sua tenda sem ouvir falar de Micah. Ele era, infelizmente, fluente em elefantês. Logo se sentiu sitiado no próprio circo.

O Homem Que Dobra Luz era inteligente o bastante para manter-se longe dele enquanto colocava seu plano em ação, mas reapareceu no dia

seguinte quando o sr. Head estava fazendo a ronda. Ele parecia tão satisfeito quanto uma raposa no galinheiro.

— Isso não foi um pouco imaturo? — perguntou o sr. Head com um suspiro quando o mágico se juntou a ele em sua caminhada. — Não poderíamos ter conversado sobre o assunto em particular?

— Queria que você soubesse que tenho o apoio do circo.

— Você omitiu o fato de que ele é neto de Victoria Starling.

O Homem Que Dobra Luz não teve a decência de parecer envergonhado.

— Estou vendo que Chinfrim anda tão boa em guardar segredos como sempre — disse ele. — E isso importa?

O administrador suspirou.

— Você *sabe* que não é completamente irrelevante. Depois dos anos que ela passou aqui, Victoria pode não ter envelhecido na velocidade de uma pessoa normal. Até onde sabemos, ela ainda está lá fora, tramando alguma coisa.

— Ephraim era uma boa pessoa. Micah é uma boa pessoa.

— Sei disso.

— Quero que mude sua decisão.

— Sério? — resmungou o sr. Head. — Eu *não fazia* ideia.

Eles pararam de andar quando chegaram aos portões e olharam para trás, na direção das tendas. O Circo Mirandus estava cheio de vida, como sempre. Era um lugar alegre, um lugar seguro e, no final das contas, o administrador era o responsável por mantê-lo assim.

— Tudo bem — disse por fim. — Mas tenho uma condição.



O funeral do vovô Ephraim não foi um grande evento. O padre disse algumas palavras bonitas e tia Gertrudis obrigou Micah a colocar um

terno que lhe dava coceira. Uma das senhoras da igreja tentou alimentá-lo com um prato inteiro de sanduíches de pepino.

Micah não prestou muita atenção à cerimônia. Vovô Ephraim tinha partido dois dias antes, segurando as mãos de Micah e do Dobra-Luz, e isso foi especial. Essa era apenas uma solenidade com o caixão mais barato e a lápide mais barata que tia Gertrudis tinha conseguido encontrar.

Aquilo deveria ter deixado Micah com raiva porque seu avô merecia o melhor, mas não deixou. Vovô Ephraim achava que coisas baratas eram tão interessantes quanto as caras.

A família de Jenny foi ao funeral. A mãe dela abraçava Micah toda vez que ele ficava ao alcance de seus braços e o pai dela puxou o menino para um canto para dizer a ele como Jenny estava feliz por ter feito um amigo na escola e como todos eles estavam tristes que ele partiria em breve. Ambos ficaram tão escandalizados quando tia Gertrudis tentou arrastá-lo para longe da sepultura do avô que ela deixou Micah ficar no cemitério quanto tempo quisesse depois do enterro.

As coisas estavam mudando muito rápido para Micah acompanhar. Tia Gertrudis havia dito que ele tinha mais uma semana na escola enquanto ela "finalizava os preparativos" e então eles se mudariam para o outro lado do país para morar no Arizona. De pé ao lado da sepultura do vovô Ephraim, Jenny prometeu ligar para Micah todos os dias.

Tia Gertrudis fungou.

— Não temos dinheiro para ligações interurbanas.

Jenny colocou as mãos na cintura.

— Micah — disse ela, ainda que estivesse olhando para tia Gertrudis —, vou mandar cartas toda semana para você e vou incluir envelopes com o meu endereço e selos pré-pagos.

Nem tia Gertrudis conseguiu pensar em algo ruim para dizer a respeito daquilo. Ela olhou em silêncio para a lápide do vovô Ephraim por um minuto e então voltou para o carro.

Jenny ficou um pouco mais com Micah. Eles não conversaram muito. Ela enxugou os olhos com um lenço.

— Me desculpe por ser uma péssima companhia.

— Você não é.

Mas no fim os pais de Jenny avisaram que era hora de partir.

— Sinto muito por termos que ir embora, Micah — afirmou a mãe dela. — Arturo tem uma tarde cheia na universidade e eu tenho damas de honra que precisam de mangas novas. Você vai ficar bem, não vai?

— Estou bem — disse Micah. — Obrigado por terem vindo.

— Imagine. Se precisar de alguma coisa, por favor, ligue.

Ela lançou um olhar desconfiado para o carro da tia Gertrudis, mas não falou mais nada.

Micah observou a família da amiga ir embora e tentou não se sentir solitário, mas até tia Gertrudis era melhor do que um cemitério vazio.

Ele estava se virando para deixar o lugar quando o som de asas batendo o fizeram parar. Chinfrim deu um rasante na cabeça de Micah e voou até a lápide do vovô Ephraim. Ela colocou um cadarço familiar em cima dela.

— Um pouso perfeito! — comentou ela. — É melhor tomar nota de como esse negócio de voar funciona. Sua família tem um histórico de fracasso.

— Ah, que engraçado — disse Micah, apanhando o cadarço. — Como você é esperta, não é?

— Sou mesmo.

Micah não recebera notícias do Dobra-Luz desde o dia que vovô Ephraim morreu. E agora ele tinha aprendido a lição de que não devia

invadir o Circo Mirandus de novo.

Chinfrim inclinou a cabeça para o lado.

— Tenho uma mensagem para você.

Micah assentiu.

— Para: Micah Tuttle. De: Dobra-Luz — declamou ela.

— Ele se chamou de Dobra-Luz?

— Às vezes eu edito para ele. — Ela eriçou as penas. — "Querido Micah" — grasnou. — "Me desculpe por termos partido como partimos. Gostaria de ter estado aí com você hoje, mas o circo está se mudando em breve e, como você viu, sou necessário."

Chinfrim fez uma pausa para coçar a cabeça com a pata e então continuou:

— "Lembre-se do que falei sobre a magia. Você tem mais do que apenas um pouquinho dentro de si. Tome cuidado para não deixá-la escapar, e você sempre será capaz de ouvir a música. Qualquer que sejam suas escolhas, você é um jovem corajoso, inteligente e sei que vai chegar longe na vida." Fim da mensagem — disse Chinfrim. — Quer ouvir a parte que ele deixou de fora? — perguntou ela, ansiosa.

Micah franziu a testa.

— Se ele deixou algo de fora, isso não significa que ele não queria que eu ouvisse?

— Ele estava tentando se manter nas condições do sr. Head.

— Então não fale. Não quero que ele tenha problemas com o sr. Head.

— É a respeito do milagre do seu avô.

— Me conte — pediu Micah.

Chinfrim pulou para cima e para baixo.

— Era um P.S., uma observação ao final. Dizia: "Não olhe para baixo."

— Só isso?

— Foi bom ele ter tirado — grasnou Chinfrim. — Uma dica enorme que nem essa é praticamente uma trapaça.



35

A caminho do Arizona



A última semana de Micah em casa não foi boa. A mensagem do Dobra-Luz implorava para ser decifrada, mas o menino nunca tinha sido muito bom em charadas. Jenny apareceu com uma lista cheia de ideias, cada uma mais improvável do que a outra. Ela não estava lidando muito bem com aquilo. Toda vez que Micah falava de sua partida, ela ficava chorosa.

— Prometo que vou escrever — disse Micah um dia no intervalo do almoço. — O tempo todo. Você provavelmente vai se cansar de mim.

Jenny fungou.

— Eu sempre quis um amigo por correspondência.

Micah levou vários dias para pensar no que podia fazer para Jenny. Ele queria agradecê-la por toda a ajuda. Quando por fim teve uma ideia, ficou preocupado que Jenny a achasse constrangedora ou até esquisita. Mas ele queria que ela tivesse algo para se lembrar dele e que ela mesma possuísse um pouquinho de magia.

— É um bracelete — revelou ele enquanto entregava o presente embrulhado em jornal no seu último dia na escola.

— Você *deveria* me deixar abrir primeiro. — Ela rasgou o jornal, abriu a caixa e viu o bracelete azul dentro.

— É que nem o meu cadarço — disse Micah. — Só que o nó é que nem eu em vez de você. — Ele sentiu as bochechas esquentarem. — É tipo um bracelete da amizade. Daí a gente não vai se separar de verdade, não importa para onde a tia Gertrudis me leve.

Jenny deixou Micah amarrar o bracelete em volta do punho dela e então irrompeu em lágrimas.

— Você não gostou?

A menina o abraçou tão apertado que ele quase sufocou.

— Eu n-não quero que você v-vá — soluçou ela. — Você não deveria ter que ir. A sua tia é horrível.

Micah suspirou e deu tapinhas nas costas de Jenny.

— Está tudo bem. É sério. Não vai ser para sempre.

Ela se afastou dele.

— O que você quer dizer? — Ela enxugou os olhos com as costas das mãos.

— Um dia, não vou ter mais que morar com tia Gertrudis. — Micah respirou fundo. Ele já tinha pensado nisso há algum tempo, mas não havia expressado em voz alta. — Um dia vou voltar ao Circo Mirandus. Como o vovô Ephraim sempre quis. Vou encontrá-los mesmo que tenha que roubar mil balões de gorilas.

Jenny pareceu surpresa por um instante, mas depois assentiu.

— Ótimo.



Arrumar as coisas para a mudança foi deprimente. Micah examinou os pertences do vovô Ephraim e selecionou algumas coisas para esconder da pilha de lixo da tia Gertrudis. Ele ocultou a gravata do avô e os canhotos dos ingressos do filme que viram juntos na noite anterior a que ele faleceu. Guardou a maioria das fotografias. Não conseguia se decidir se queria ou não guardar a foto de Victoria, mas no fim não teve que resolver. Um dia ela apenas sumiu.

Micah não tinha certeza de se sua tia a tinha guardado ou destruído. Parte dele esperava que fosse a última opção. Talvez se vingar de Victoria, mesmo de forma tão sutil, a fizesse se sentir melhor. Ele não podia perguntar. Eles não se falaram, exceto por uma ou outra ordem aleatória vociferada por tia Gertrudis de vez em quando, desde o dia seguinte ao funeral.

Estavam encaixotando os livros das estantes da sala quando sua tia avistou o cadarço em seu punho. Ela saiu e voltou alguns segundos depois com uma tesoura. Ela a depositou com um baque na prateleira empoeirada na frente de Micah.

— Corte isso.

Ele viu o reflexo distorcido da tia no metal brilhante da tesoura. Seus lábios tinham desaparecido numa expressão severa.

— A senhora não *quer* que a magia seja real? — perguntou ele enquanto se virava para encará-la. — Nem só um pouquinho?

Se ele conseguisse encontrar pelo menos um pingo de concordância com ela, os próximos anos seriam bem mais fáceis.

Mas a Gertie do vovô Ephraim tinha desaparecido fazia tempo, e tia Gertrudis olhou para Micah como se ele tivesse perguntado se ela queria contrair uma doença rara.

— Quero que minha vida volte ao normal. Quero tirar o melhor de uma situação ruim. *Não* quero me apegar a fantasias infantis. Corte

isso.

Micah empurrou a tesoura para o lado.

— Não vou cortar. Nunca.

Ele não sabia o que tinha mudado desde a última discussão deles a respeito do cadarço. Talvez tenha sido como ele falou "Não vou cortar". Ele teria dito a ela que dois mais dois era igual a quatro da mesmíssima forma.

Ela levou a tesoura de volta à cozinha e parou de falar com ele.

De certa forma, era um avanço. Eles não discutiam mais. Mas essa nova versão da tia Gertrudis tinha desistido de Micah e ficava falando em ter a vida "de volta ao normal" como se ele não fosse fazer parte dela. Ela não falava dele nos telefonemas para os amigos. Parou de perguntar sobre a escola. Micah se sentiu como uma peça de mobília.



A viagem para o Arizona no carro da tia Gertrudis foi a mais longa da vida de Micah, e eles só estavam na estrada havia três horas. Mesmo calada, a tia tinha um jeito especial de fazer cada quilômetro durar uma eternidade. Quando entraram na rodovia interestadual, a luz do sol que atravessava o para-brisa transformou o carro num forno.

— A senhora se importa se eu ligar o ar-condicionado? — perguntou Micah.

Como ela não respondeu, ele o ligou.

Tia Gertrudis desligou o ar-condicionado.

Foi o mais perto que chegaram de uma conversa em dias.

Mobília, lembrou a si mesmo. *Uma mobília feia que ela nem queria, para começo de conversa*.

Ele observou os outros carros passarem. Uma menininha usando um chapéu com orelhas de coelho acenou para ele de uma minivan. Micah

acenou de volta. Ele torceu para a menina estar indo para onde quer que o Circo Mirandus estivesse. Ela combinaria bem com o lugar.

Depois de um tempo, os outros carros pararam de passar por eles. O tráfego se arrastava pela rodovia. Quando tia Gertrudis precisou pisar fundo no freio para evitar bater na traseira do caminhão à frente deles, ela sibilou como um velho gato mal-humorado.

— As pessoas não têm consideração aqui.

Não muito tempo depois, o tráfego parou por completo. Estavam presos num engarrafamento.

Micah observou as famílias nos carros em torno deles enquanto a tia murmurava baixinho. O carro estava cada vez mais quente sob o sol, e as pálpebras de Micah ficaram cada vez mais pesadas. Ele deixou que elas se fechassem. Estava quase dormindo, quase sonhando, quando ouviu flautas.

E tambores.

Micah se lançou para a frente tão rápido que seu cinto de segurança travou e o puxou de volta. Ele o soltou e olhou ao redor. Ainda estavam presos no congestionamento. Algumas pessoas saíam dos carros e se alongavam. Outras estavam subindo no teto dos carros para tentar olhar o que causava o problema.

— Ridículo — rosnou tia Gertrudis.

Micah viu uma das pessoas que subiu no carro, um adolescente com uma camisa cheia de caveiras, apontar. Ele começou a gritar.

Micah estendeu a mão para a maçaneta do carro.

— Provavelmente foi uma batida — disse a tia-avó.

— Não — respondeu Micah. — Estou escutando música. *A* música.

Ele saiu do carro. Quando ela não o mandou entrar de volta, Micah hesitou.

— A senhora não quer ver? — perguntou o menino. — Poderia dar mais uma chance ao circo.

Ela olhou para ele. Por um instante, Micah achou que ela estava considerando, mas então ela se virou para a frente. A tia-avó se agarrou ao volante como se fosse um colete salva-vidas.

Micah começou a andar. Tia Gertrudis nunca o chamou de volta.



Micah passou por minivans, carretas e carros e ainda não conseguia ver nada além de trânsito. Mas a música estava ficando mais alta. Ele começou a andar rápido na direção dela e, depois, a correr. *Por favor, ah, por favor*, pensou enquanto seus pés batiam no asfalto.

Quando chegou à causa do congestionamento, parou de repente.

— Foi um terremoto, cara — disse um rapaz pálido ao lado dele. — Só pode ter sido um terremoto.

Micah estava muito chocado para dizer qualquer coisa. Uma fenda na terra cruzava a rodovia e, até onde ele conseguia ver, não tinha fim. Era tão profunda que parecia ir ao centro do planeta. Rochas escarpadas se projetavam das paredes. Um ônibus estava tão perto da borda que o asfalto debaixo das rodas dianteiras parecia estar se desintegrando.

Ao longo da fenda, a quase cem metros de distância, Micah podia ver outros viajantes da rodovia olhando uns para os outros. Todos pareciam tão maravilhados quanto ele se sentia.

— Caramba — disse o rapaz pálido. — Cara, isso vai aparecer em todos os noticiários. É tipo o novo Grand Canyon.

A música ainda chamava por Micah do outro lado do abismo. Não dava para atravessá-lo. Ele andou até a beirada e olhou para baixo. Era tão fundo que o deixou tonto, tão fundo que deveria ter sido

impossível. Lembrou-se do quanto tinha doído cair do balão de gorila e deu um passo para trás.

Os tambores martelavam em seus ouvidos. As flautas preenchiam o ar. Era muito cruel. Por que o Circo Mirandus o estaria chamando se seguir a música significava cair da beira de um precipício?

Talvez, pensou Micah. *Talvez eu só esteja imaginando tudo*. Era possível querer tanto alguma coisa que você podia ouvi-la mesmo que ela não estivesse lá?

Não, decidiu. Ele sabia que não estava imaginando a música. O Circo Mirandus estava em algum lugar além do abismo. O Dobra-Luz estava lá. Micah chegou alguns centímetros para a frente até que a ponta de seus tênis tivesse ultrapassado a borda. Ele podia sentir o vazio debaixo dele.

Seu estômago se revirou como se ele já tivesse caído. *Não olhe para baixo*, disse a si mesmo. Começou a dar um passo atrás, mas então hesitou.

— Não olhe para baixo — repetiu Micah em voz alta, e suas palavras ecoaram pelas paredes do abismo.

Micah sabia que aquele era um nó que ele não podia desfazer. O que quer que escolhesse, estaria correndo um grande risco. Um passo à frente podia significar sua morte. Voltar para tia Gertrudis podia significar nunca mais ver o Circo Mirandus de novo.

Valia a pena?

Micah fechou os olhos. Ele ouviu o branquelo gritar:

— Caramba! Aquele menino vai pular. Segurem ele!

Mas ninguém o agarrou. Uma parte de Micah esperava que o chão debaixo dele desaparecesse, mas isso nunca aconteceu. Ele só continuou andando em frente com os olhos fechados até a música parar.

Ele prestou atenção. Tudo estava muito quieto. Ele não conseguia ouvir o barulho das pessoas ou dos carros. Seu peito começou a doer. Ele nem tinha percebido que estava prendendo a respiração, então a deixou escapar num grande suspiro e abriu os olhos.

Na frente de Micah havia um trecho de rodovia quase vazio. Quase vazio porque um homem usando um sobretudo de couro estava parado no meio da estrada ao lado de uma elefanta. O Dobra-Luz abriu os braços e sorriu.

— Olá, Micah — disse ele. — O que achou do meu milagre?



MILAGRE



Vovô Ephraim nunca quisera que o Dobra-Luz salvasse sua vida. Ele não queria usar seu milagre para si mesmo, mas para Micah. O Dobra-Luz explicou tudo enquanto Grande Jean os levava na direção de uma placa de SAÍDA.

O último desejo do vovô Ephraim foi que Micah tivesse a chance que ele mesmo perdera. Ele havia pedido ao Dobra-Luz para ensinar o menino a usar sua magia; ele tinha pedido que acolhesse Micah no Circo Mirandus.

— Acho que você não pode imaginar o quanto fiquei chocado — afirmou o Dobra-Luz. Ele segurava Micah bem próximo de si, como se tivesse medo de perdê-lo se o soltasse. — Passei a vida fazendo magia para as crianças, mas nunca tentei ensinar uma criança antes. Com certeza nunca tentei criar uma antes.

— Você está se saindo bem até agora — respondeu Micah. Ele estava quase sem fôlego de tanta felicidade. — Está se saindo mais do que bem.

O menino não conseguia acreditar que isso estava acontecendo de verdade. Ele ia morar com o Dobra-Luz. Ia aprender magia. Vovô Ephraim podia ter pedido qualquer coisa para si mesmo e, em vez disso, deu tudo a Micah.

— Sim, bem. — O Dobra-Luz parecia um pouco envergonhado. — Não estou no cargo há muito tempo. Posso garantir que vou cometer um monte de erros no devido tempo.

— E o sr. Head? — perguntou Micah. — Ele realmente não se importa?

— Ele estava… relutante em receber alguém tão jovem e inexperiente em nosso grupo.

— Por causa do que minha avó fez.

O Dobra-Luz não discordou.

— Ele queria que eu tivesse absoluta certeza de que você amava o Circo Mirandus tanto quanto nós o amamos.

Então Micah percebeu que o abismo cruzando a rodovia tinha sido um teste.

— Aquele precipício — comentou ele.

— Um dos meus melhores trabalhos — afirmou o Dobra-Luz. — Você gostou?

— Hum… — disse Micah. — Me lembre de nunca deixá-lo com raiva. Nunca.

O Dobra-Luz ainda estava rindo quando um borrão familiar de penas vermelhas mergulhou do céu azul límpido. Chinfrim pousou no ombro da elefanta e largou um envelope no colo de Micah. Ele olhou o endereço do remetente.

Era de Jenny.

— Você sabe o que aquela menina vai fazer com minha carga de trabalho? — reclamou a papagaia. — Você está morando com a gente há

dez minutos.

Micah abriu a carta, e com ela caiu junto a um envelope já com o endereço de Jenny e um selo pré-pago. Ele ficou surpreso de ver que a letra da amiga era mais feia que a dele.

Querido Micah,

Bem-vindo ao Arizona! Minha mãe está me deixando mandar esta carta por Sedex para que ela já esteja esperando por você quando chegar. Espero que a viagem com sua tia não tenha sido tão ruim.

Sei que você acabou de ir embora, mas já estou com saudades. Muito obrigada pelo bracelete. Ele realmente me faz sentir como se você não estivesse tão longe.

Tenho pesquisado sobre o Arizona. Fiz uma lista de fatos curiosos para você sobre o estado. O papai falou que talvez a gente tenha tempo de fazer uma viagem nas férias de verão, e vou tentar convencê-lo de que o deserto será mais educativo do que a Flórida.

Preciso levar esta carta ao correio, então é melhor eu ir agora. Por favor, me escreva de volta.

Sua amiga,

Jenny Mendoza

P.S.: Caramba! A Chinfrim!

Nem sei como ela entrou no meu quarto, mas ela me falou que o Dobra-Luz vai fazer algum tipo de teste e que você vai passar com certeza porque ela deu uma dica para você e falou que ela vai entregar sua correspondência daqui por diante. Caramba, Micah! Você vai mesmo morar no Circo Mirandus? Me escreva de volta AGORA.

— Ela é uma ótima amiga, Micah — disse o Dobra-Luz.

— A melhor — concordou Micah. Ele tocou o cadarço no punho. — Sei que provavelmente estaremos viajando o tempo todo, mas existe alguma possibilidade de eu visitá-la algum dia?

— É assim que começa — advertiu Chinfrim, olhando para o Dobra-Luz. — Na próxima vez, ele vai te pedir um pônei.

— Vou conversar com o sr. Head — afirmou o Dobra-Luz. — As crianças não costumam visitar o Circo Mirandus mais de uma vez, mas normalmente não temos uma criança morando lá.

Ele arqueou uma sobrancelha para Chinfrim.

— E ele pode ter um pônei se realmente quiser um. Temos um monte deles.

Micah releu a carta de Jenny enquanto Chinfrim brigava com o Dobra-Luz. Ele não conseguia acreditar em como a sua vida seria *boa*. Grande Jean continuou andando na velocidade de elefante, mas Micah sabia que eles iam chegar ao Circo Mirandus uma hora. E, quando chegassem, ele não teria que se preocupar com ingressos ou com ser convidado.

Afinal, você nunca precisa de convite para ir para casa.



AGRADECIMENTOS

Quando escrevi o primeiro rascunho de *Circo Mirandus*, estava sozinha com minhas palavras, minha imaginação e minhas preces. Mas era uma confusão, um verdadeiro emaranhado de nós. Esta página é dedicada aos mágicos que me ajudaram a desfazê-los.

Minha irmã, Kate Beasley, leu primeiro e por último e uma centena de vezes (é sério) enquanto eu escrevia. Ela é uma escritora maravilhosa com suas próprias histórias para contar, mas sempre encontra um tempinho para mim. Kate, você é minha preferida. Nós combinamos como torrada e queijo.

Susan Fletcher, Martine Leavitt e Uma Krishnaswami são três das pessoas mais inteligentes e generosas que já conheci. Todas deixaram sua marca no manuscrito enquanto eu estudava na Vermont College of Fine Arts.

Elena Giovinazzo é *aquela* agente. Ela consegue ajeitar sua história, explicar a indústria do livro e amenizar todos os seus medos com um único telefonema. Eu a adoro, e ao restante da família Pippin Properties, para sempre.

Minha editora, Namrata Tripathi, é a guia perfeita. Ela é brilhante e me faz querer ser uma escritora melhor. Sou muito grata a ela por acreditar em *Circo Mirandus*. Ela e a equipe na Dial são excepcionais de todas as maneiras.

E, é claro, quero oferecer um agradecimento esmerado e longo aos leitores. Mas é melhor não. A vida é curta, e histórias maravilhosas estão esperando por vocês.

Vão encontrá-las.

Publisher
Kaíke Nanne

Editora executiva
Carolina Chagas

Editora de aquisição
Renata Sturm

Editora Agir Now
Giuliana Alonso

Coordenação de produção
Thalita Aragão Ramalho

Produção editorial
Jaciara Lima

Revisão de tradução
Carolina Vaz

Revisão
Suelen Lopes

Arte de capa e miolo
© 2015 by Diana Sudyka
Design de capa
Lori Thorn e Theresa Evangelista

Direção criativa
Deborah Kaplan

Projeto gráfico de miolo
Jason Henry

Diagramação e adaptação de capa
Renata Vidal

Produção de ebook
Mariana Mello e Souza